

Pe. Valdemar Pereira dos Santos, sdb

***DO CORAÇÃO PARA A MENTE
DA MENTE PARA O PAPEL***

POESIA E PROSA

Juazeiro do Norte - 1999

S237d Santos, Valdemar Pereira dos, Pe.

Do coração para a mente, da mente para o papel: poesia e prosa / Pe. Valdemar Pereira dos Santos. - Juazeiro do Norte - Ce: INESP, 1999.

181 p

1. Poesia religiosa. 2. Vida Cristã - poesia. 3. Poesia popular - Ceará. 4. Santos, Valdemar Pereira dos, - Memórias.

CDD: B869.1
922.28131

APRESENTAÇÃO

Valdemar Pereira dos Santos, sacerdote salesiano, nasceu na Iara-CE. aos 19 de setembro de 1939. É 14º filho de Manoel Pereira dos Santos e Ana Maria da Conceição. Viveu a infância e a adolescência na sua terra natal, onde estudou, com muito sacrifício, o curso primário e experimentou, por alguns anos, a rústica realidade da vida agrícola. Aos vinte anos de idade foi para o seminário de Carpina-PE. Dali, após a conclusão do 2º grau, e mais um ano de noviciado em Jaboatão-PE, foi cursar a Faculdade em São João del Rei/MG, aonde bacharelou-se em Letras, licenciou-se em Filosofia e Pedagogia, especializando-se também, em Administração Escolar.

Depois de ordenado Padre (1975), fez pós-graduação em Pedagogia, aprofundando-se no Método Educativo de Dom Bosco, na Faculdade Salesiana em Santa Rosa-RS. Cursou especialização em Teologia da Espiritualidade, na UPS-Universidade Pontífica Salesiana, em Roma (1980 -1981).

Novamente em Roma, durante um semestre acadêmico (1996), frequentou com assiduidade o Curso de Formação Permanente, pelo Instituto de Metodologia Pedagógica da Faculdade de Ciências da Educação da UPS, logrando o “Atestado de Qualificação Específica no campo da Formação Vocacional de Vida Consagrada”.

Atualmente o Pe. Valdemar exerce o cargo de Diretor do Colégio Salesiano São João Bosco, em Juazeiro do Norte, pela segunda vez, reservando sempre um tempinho para escrever suas poesias e crônicas, paixão de sua vida.

Já publicou o livro: **“A Formação Missionária de Dom Bosco”**, Salvador-BA, 1993 e agora está brindando ao público, esta coletânea que reúne num só volume algumas das muitas páginas, publicadas ou inéditas dos seus escritos, gerados a partir de algum evento ou sentimento significativos. O Título é revelador: **Do coração para a mente, da mente para o papel.**

Que o leitor receba estas páginas com a mesma simplicidade com que foram escritas: de um humilde e simples “escritor”, para os simples e humildes leitores.

Abril de 1998

Pe. Vicente Luiz dos Santos

Vigário de Aurora

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

Prefacirrimando

Introdução

PARTE - I

- 01 - Faceta da minha história
- 02 - Soneto ao meu pai
- 03 - Convite: 25 anos de Carpina
- 04 - O Herói Domingos Sávio
- 05 - Dom Bosco Infinito
- 06 - O “Santo” Dom Lustosa: Homem de Deus, Pastor do Povo
- 07 - Cronicordelando o “CI – 86”
- 08 - Pe. Ângelo
- 09 - São João Salesiano – 89
- 10 - 50 Anos do Colégio Salesiano de Juazeiro
- 11 - Memórias do Centenário do nascimento de Manoel Pe-reira dos Santos
- 12 - Primeiro Encontro de Sacerdotes filhos da Iara
- 13 - Padre Pedro Alexandre - (Soneto)
- 14 - O “Time” Salesiano de Carpina
- 15 - Dom Bosco e a Pedagogia da Vocação
- 16 - “Non nova, sed nove”!: Homenagem aos Educadores Salesianos
- 17 - “Fogo-Forró” no Salesiano - 92 (Convite)
- 18 - Bye, Bye, Carpina!
- 19 - SURSUM CORDA!
- 20 - “Eu vos ressuscitarei!”
- 21 - Importância do Silêncio
- 22 - Oração e Silêncio
- 23 - A posse do novo Inspetor
- 24 - Lamento Ecológico
- 25 - Síntese cronológica do Encontro de Formação
- 26 - Fragmentos do meu Retiro - 94

- 27 - Saudades do “seu” Chico (soneto)
- 28 - Meus vinte anos de sacerdócio
- 29 - Retirosíntese...
- 30 - Trinta Anos com Dom Bosco!
- 31 - Os apuros de um cearense no Aeroporto de Roma
- 32 - Lembranças inapagáveis da Terra Santa
- 33 - Homenagem ao Padre José Rolim
- 34 - Homenagem aos irmãos da Primeira Profissão Religiosa
-1997
- 35 - Padre Pedro:”Um Mártir Iarense”
- 36 - “Padre Almeida, parabéns!
- 37 - Retiro Espiritual dos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora - 1997
- 38 - Segredo da Educação

PARTE - II

- 01 - Evocação da minha primeira viagem à Europa
- 02 - Minhas primeiras férias no “Velho Continente”
- 03 - Pereiro da minha infância (Homenagem ao “Dia da Árvore”)
- 04 - Homenagem de congratulação a Miguel Pereira
- 05 - Crônica-epistolar, em homenagem a Isaias Pereira
- 06 - Mensagem por ocasião dos 40 anos de vida matrimonial de Isaias e Ernestina
- 07 - “Fioretti” Salesiano: “Mais vale um Noviço que uma jaca!”
- 08 - Iara, celeiro das vocações!
- 09 - Crônica: Singela beleza do meu sertão...
- 10 - Crônica-histórica: O lar antigo e saudoso da minha saudosa infância
- 11 - Crônica-mortuária: “Da sombra da morte, para a Luz da Vida...”

PREFÁCIO

Foi-me pedida uma palavra à guisa de prefácio que apresentasse o livro:

“DO CORAÇÃO PARA A MENTE, DA MENTE PARA O PAPEL”

do Padre Valdemar Pereira dos Santos, Salesiano.

O mesmo autor explica o teor do livro.

Trata-se de uma coletânea de poesias e prosas.

Padre Valdemar, com seu jeito fácil e ágil de versejar, decanta eventos, evoca **reminiscência**, descreve acontecimentos e encanta o leitor que se liga com facilidade aos seus ritmos e cadências.

O livro consta de duas partes nitidamente distintas.

Uma, em versos. Outra, em prosas.

Na primeira parte, o autor apresenta em bons versos

PESSOAS E ACONTECIMENTOS; PEDAGOGIA E ECOLOGIA; ENCONTROS E RETIROS; LEMBRANÇAS E CIRCUNSTÂNCIAS VARIADAS DA VIDA.

Começa com a “**Faceta da Minha História**”, e exalta, com maestria e desenvoltura, entre tantos assuntos, algumas figuras de homens e de santos que merecem particular destaque, como:

“**O HERÓI DOMINGOS SÁVIO**”, onde o leitor pode enriquecer seus conhecimentos sobre este Santo Aluno de Dom Bosco.

Em “**DOM BOSCO INFINITO**”, o autor mostra a dimensão humano-divina deste grande educador da juventude.

Em “**O SANTO DOM LUSTOSA: HOMEM DE DEUS, PASTOR DO POVO**”, do qual já foi introduzida a causa de beatificação, exalta seus raros dons de virtude e graça.

E assim, embalado num ritmo agradável e fluente, leitor escuta o “**lamento**” da ecologia, percorre os caminhos da pedagogia, evoca a história de uma série de acontecimentos e encontros.

Já na segunda parte, intitulada “**PROSA**”, o autor descreve, sobretudo, recordações da infância e da família, unidas à “**beleza singela**” do sertão.

Recomendo a leitura do livro “**DO CORAÇÃO PARA A MENTE, DA MENTE PARA O PAPEL**”.

Padre Valdemar, Parabéns!

**O ESTRO POÉTICO É UM DOM.
ESTÁ A SERVIÇO.
NÃO O GUARDE TRANCADO
NOS LABIRINTOS DO CORAÇÃO.
COLOQUE NO PAPEL.**

Comunique sempre, com agilidade e gostosa intuição, as belezas brotadas no seu coração.

Sucesso! Cordialmente,

Pe. Raimundo Benevides Gurgel - Salesiano -

Recife, 1º de novembro de 1997.

- FESTA DE TODOS OS SANTOS -

PREFACIRRIMANDO

Meu amigo Valdemar
Meu Padre Salesiano
Meu camarada, meu mano
Meu escritor singular
Seu livro me fez chorar
Quebrou da alma as algemas
Por entre versos e temas
Um santo está me ajudando
Vou ver se digo rimando
O nome dos seus poemas.

“Faceta da Minha História”
Li um “Soneto a Meu Pai”
“Dom Bosco Infinito” vai
Ficar na minha memória
“Padre Ângelo” é uma glória
Foi um dos que mais gostei
“Sursum Corda” eu adorei
“O Time” achei um amor
“Posse do Novo Inspetor”
E “Eu Vos Ressuscitarei”.

Li o “Cronicordelando”
“Manoel Pereira dos Santos”
“Cem anos de muitos prantos
Pelas memórias rolando
“Meus Vinte Anos” rezando
“Retiro Espiritual”
“Encontro Sacerdotal”
Dos Padres filhos da Iara
Clerezia que se ampara
No chão da terra natal.

Lembrança da Terra Santa”

Do “Silêncio a Importância”
Li o “Lamento Ecológico”
“Fogo-Forró” achei lógico
São brincadeiras da infância
“Trinta Anos” que distância
“Encontro de Formação”
De Barbacena, outro chão
Saudosos como um suspiro
Li “Gotas do Meu Retiro”
E “Segredo da Educação”.

“Homenagem aos Irmãos”
Da profissão religiosa
Li “O Santo Dom Lustosa”
Santo nos Céus e nos chãos
“Padre Pedro” entre os Cristãos
O nosso mártir iarense
“Padre Almeida” ninguém vence
Porque também é do Barro
Bonina do nosso jarro
Figura que nos pertence

Li “Saudades de Seu Chico”
”Fragmentos de Um Retiro
Cada poema é um tiro
Da queda de um pé de angico
Li outro poema rico
O que você fez em Roma
Sua força ninguém toma
Cultura, talento e prática
Enigma da matemática
Que só Jesus é quem soma.

“Isaias e Ernestina”

“O Padre José Rolim”
O “Retirossíntese” sim
Quem entender se encanta
Carpina ninguém suplanta
Li “Os vinte e Cinco Anos”
Seus versos são oceanos
Quem os lê sente a imagem
No poema em homenagem
Aos mestres Salesianos.

Quando passei para prosa
Li “ As Férias na Europa”
Veloz como quem galopa
Senti su’alma saudosa
Sua caneta engenhosa
Numa “Crônica-Epistolar”
Uma homenagem sem par
A Isaias Pereira
Gente pura e verdadeira
Valor do nosso lugar.

“Um Noviço Salesiano”
“Iara Celeiro Humano”
De uma vocação divina
Sua mãe uma heroína
Seu pai herói do Sertão
Sua Grande inspiração
De tudo trouxe fragrância
“Pereiro da Minha Infância”
Mexeu com meu coração.

A “Crônica do Lar Antigo”
Novena, missa, quermesse
Em tudo o Padre parece
Que quis judiar comigo
Casa, terreiro e abrigo
Infância doce e fiel
Flor, campo, inxuí e mel
Tudo ainda está presente
DO CORAÇÃO PARA A MENTE
DA MENTE PARA O PAPEL.

Pedro Bandeira do Juazeiro
Em 11/ 11/ 97, Graças a Deus.

INTRODUÇÃO

Naquela segunda feira, 20 de outubro - “Dia do Poeta”- acordei cedo. Tinha que falar com dois poetas famosos da região do Cariri. O primeiro que encontrei foi Pedro Bandeira, às 06:00h, nos estúdios da Rádio Iracema, despertando seus ouvintes com o programa “Destino de Cantador”. Dei entrevista e apresentei-lhe os originais deste nosso modesto livro.

Às 09:00h, em Assaré, foi a vez de me encontrar com o renomado Patativa do Assaré, “o maior poeta popular do Brasil”, no dizer de Raimundo Cavalcante. Na sua lucidez incomparável, não obstante os 87 anos de vida, esse “poeta que vive o que canta e canta o que vive”, deixou-me impressionado. Conversamos cerca de uma hora. Ele declamou algumas das suas inúmeras poesias... Eu também fui instado a ler, em voz alta, alguma coisa dos meus versos. E nesta recíproca criou-se um clima de amizade espontânea e fraterna.

Ao despedir-me, pedi-lhe que me brindasse com uns versos referencias ao meu futuro livro. Resultado: uma semana depois recebi, pelo correio, esta página poética, que o imortal e venerando amigo mandou-me:

Padre Valdemar Pereira
Gostei da sua visita,
A manhã foi prazenteira
E a palestra foi bonita...
No dia 20 de outubro
De alegria fiquei rubro,
Ouvindo o título fiel
Deste seu livro excelente:
DO CORAÇÃO PARA A MENTE,
DA MENTE PARA O PAPEL!

Em sua bela expressão

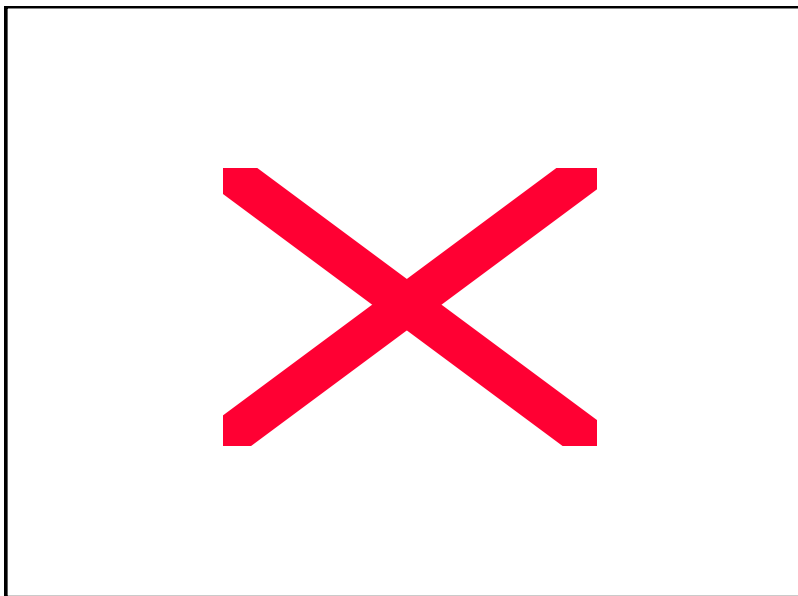
Tem muita filosofia...
Sua comunicação
Na crônica e na poesia,
Unidas num só volume,
Tem folha, flor e perfume
E a beleza do vergel,
Satisfaz a toda gente:
DO CORAÇÃO PARA A MENTE,
DA MENTE PARA O PAPEL!

Quando o livro publicar,
Meu colega e meu irmão,
Me ofereça um exemplar
Em prova de gratidão,
Vendo o presente importante
Eu direi no mesmo instante:
Vem, minha neta Isabel,
Ler este livro recente:
DO CORAÇÃO PARA A MENTE,
DA MENTE PARA O PAPEL!”

Antônio Gonçalves da Silva
“Patativa do Assaré”



O ilustre Patativa do Assaré, ao receber na sua residência o autor deste livro, teceu palavras de entusiasmo e incentivo... Dizia-me, manifestando felicidade: “Publique que eu quero ouvir / já que ler não posso mais...”



O Poeta Pedro Bandeira, de Juazeiro, no momento em que passava para as mãos do Pe. Valdemar Pereira dos Santos, o seu “PREFACIRRIMANDO”, valiosa apresentação deste livro, em rimas e versos...

Parte - I
POESIA

1

FACETA DA MINHA HISTÓRIA

Esta pequena autobiografia a escrevi três dias antes de ser ordenado sacerdote, com a finalidade de divulgá-la no dia solene da minha 1ª Missa, o que aconteceu na Iara, naquele saudoso 27 de julho de 1975.

Todos contam sua história
Vou também contar a minha
E pra não fugir da regra,
Mas ficar dentro da linha,
Começo do nascimento,
Daquele exato momento
que a este mundo eu vinha.

Isto foi no Ceará
De início vou dizer,
No distrito de Iara,
Foi lá que eu vim nascer;
Um pouco mais pro poente
No Sítio Novo ridente,
Berço que me viu crescer.

Foi no ano trinta e nove
Quando o mundo guerreava,
Na segunda grande guerra
Toda a humanidade entrava.
Claro, que eu nem me lembro,
Aos dezanove de setembro,
também eu aqui chegava!

Quando ainda bem criança
Devagar ia crescendo,
Três aninhos de idade
Eu já estava fazendo...
Uma cobra venenosa
Me mordeu, que não foi prosa...
Ali eu ia morrendo!

Minha mãe dava à luz
O seu décimo quarto filho,
Naquela tarde de sol,
De calor e intenso brilho.
E logo quis me chamar
Com o nome de Valdemar
Pereira, por estribilho.

Também um boi furioso
Já me tentara matar...
Eu tinha só quatro anos,
Mal sabia caminhar;
O bichão surgiu do mato,
Me lembro daquele fato,
Por isso que vou narrar:

Brincava eu no terreiro
De nossa casa natal,
À sombra do pau-pereiro

Bom na cata do capucho
Era o Migué, meu irmão,
O Lozim e o Vicente,

Junto à cerca do quintal,
O zebu vinha enfezado,
Correndo, desesperado...
Que bruta de animal!

Um vaqueiro equipado,
Montado num alazão,
Gritou: “arreda menino!”
Fui correr, rolei no chão.
Quase que fui esmagado,
Hoje não sou um finado,
Dou graças a meu irmão!

Foi meu irmão Emidio,
Que me viu naquela “fria”
Deu um pulo da calçada,
Gritando “iche Maria...”
E me agarrou pelo busto
E mamãe com aquele susto,
Sofreu quase um’agonia!

E da vez que um cavalo
Me deu u’a queda danada,
No riacho do Mocó,
Perto duma encruzilhada!
Senti o cheiro da morte...
Puxa vida! Quanta sorte!
A hora não foi chegada.

E assim eu fui crescendo
Sempre ali no meu sertão;
Em cada inverno plantava,
Milho, arroz e feijão!
Trabalhava com alegria
E a gente se divertia,
Na colheita do algodão.

O Tempo rolou depressa
Finda ano, ano vem...

Todos iam no rojão;
Pegando de madrugada,
No fim d’uma jornada,
Óia o monte de algodão!

Completei meus vinte anos
Nesta vida ”velha e dura...”
Meu estudo era o primário
E prática de agricultura.
Nunca tinha viajado...
Um dia fui “convidado”
A fazer uma aventura.

Deixei tudo e viajei,
Sem dinheiro, sem horário,
Sem nenhuma experiência,
Sem contrato, nem salário...
Quatro dias de viagem,
Com a cara e a coragem
Fui parar num seminário!

Era o ano de sessenta
Já no mês de fevereiro;
No controle dos novatos
Eu já era o derradeiro...
Mesmo assim lá fui ficando,
E no fim daquele ano
Me fizeram de enfermeiro.

Afinal, onde foi isso?
Você pode perguntar:
– Em que lugar do Brasil,
O Valdemar foi parar?
– Desculpe, não disse ainda,
Eu fui parar em Carpina,
Longe do meu Ceará.

“Combati o bom combate,
Caminhei na minha fé...”

Fiz o meu NOVICIADO
E terminei muito bem.
Enfrentei vestibular,
Passei e fui estudar
Noutras paragens, além!

Viajei pelo São Paulo,
Rio, Minas e Bahia...
Fiz algumas Faculdades
De Letras, Filosofia...
Pra resumir essa história,
Longe de qualquer vanglória,
Concluí a Teologia.

Agora estou disponível
Prá tudo que Deus quiser...
Em breve vou me ordenar,
Serei Padre Valdemar,
Pro que der e o que vier!

Amigo, muito obrigado,
Pela participação,
Sua e de sua família,
Na minha ordenação!
Toda missa que eu rezar,
De você vou me lembrar...
Até logo e um abraço!

Recife, 23 de julho de 1975.

2

SONETO AO MEU PAI

*Por ocasião dos seus 90
anos!
8 de junho/80.*

Eu quisera estar aí, hoje, a teu lado!
Eu quisera te cantar os “PARABÉNS”!
Eu quisera ouvir a tão bonita história,
Das noventa primaveras que já tens.

Eu quisera, mas não posso, estou distante...
Daqui de Roma peço a Deus em oração,
Que chegue aos cem, passe além, vá adiante...
Ao meu desejo junto a minha saudação!

Eu te venero como meu querido Pai,
Eu te admiro como homem bravo e forte,
Eu te saúdo muito respeitosamente!

Receba a Bênção do Santo Padre, o Papa,
Receba a Bênção do teu filho sacerdote,
E em troca me abençoe paternalmente!

Roma, maio de 1980.

3

CONVITE: 25 ANOS DE CARPINA

*Lá se vai mais um papel,
Não é pra lhe “chateá”
Trata-se de um convite,
Veja, leia e venha cá!*

São cem anos de Brasil
e oitenta de Nordeste
e pra completar a festa,
VINTE E CINCO DE CARPINA!
Veja só que coisa linda,
que mexe com o coração!
Você aí, meu irmão,
precisa participar...
Venha conosco vibrar,
Não vá me dizer que não!

Festa desta natureza
será mesmo pra valer.
Vamos, pois, agradecer,
vamos ,sim, a Deus louvar!
Por que então não chamar
de “Festa da Gratidão”?
Se temos no coração
tanta motivação grata,
neste jubileu de prata
de história e educação!

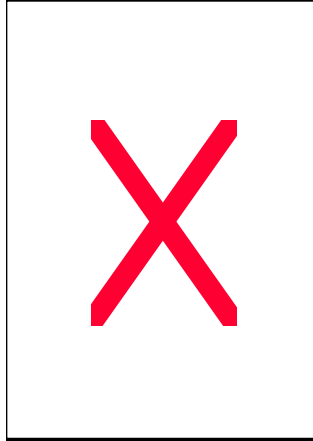
A semente de Dom Bosco
caida aqui em Carpina
e tal como a chuva fina
que se derrama no chão,
formou uma geração,
de padres e salesianos,
nestes vinte e cinco anos
de lutas, fatos e glória
e com Dom Bosco, na história
vamos cumprindo os seus planos.

Nesse próximo vinte e quatro
d'outubro que vem chegando,
aqui no Salesiano
estaremos irmanados...
Serão muitos os convidados;
É festa da Inspetoria!
Quem não puder vir, envia
sua representação.
Unidos demos as mãos
e até lá naquele dia!

1957 a 1982 - 25 ANOS DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

4

O HERÓI DOMINGOS SÁVIO



Resumirei pro leitor
uma história singular
cheia de ensinamentos,
como tentarei mostrar...
acredito de verdade
com toda sinceridade
que o leitor vai gostar!

A história é de um garoto
aluno de São João Bosco
seu nome: Domingos Sávio
que faleceu muito moço!
Um herói que fez caminho,
pisando rosas e espinhos,
num espantoso esforço!

Falemos da biografia
daquele menino santo,
começando por dizer
que sua vida foi um encanto,
exemplo de amizade,
gigante da santidade...
Como é que chega a tanto...?

Nasceu em 42,
era o dia dois de abril
do século passado, é claro,
qual flor primaveril,
que desabrocha e viceja
no jardim da Mãe Igreja,
difundindo graças mil,

Crescia o pequeno Sávio,
ou Domingos, se quiser,
amado pelo papai
e mamãe, santa mulher.
Esses com dedicação
ensinam-lhe com unção
os rudimentos da fé.

Mas, é preciso dizer
isso foi no Piemonte,
naquela Itália do Norte
encastoadada de montes,
mistura de singeleza,
indústria, fome e pobreza
ali tinham suas fontes.

Por motivo de trabalho
a família foi morar
perto de Castelnuovo
e Domingos a vibrar,
procura seu capelão
pra primeira Comunhão
em breve se preparar

Páscoa de 49,
um dia de emoção
Domingos recebe o Cristo...
É primeira comunhão!
A grande felicidade
é sentida de verdade
no fundo do coração.

Entre lágrimas e risos
o pequeno ajoelhado
promete a Virgem Mãe
e a Jesus Sacramentado
de cumprir com devoção
os deveres de cristão
na santa simplicidade.

Escreveu alguns propósitos
e gravou no coração
como aquele de fazer
mensalmente a confissão;
Ser amigo noite e dia
de Jesus e de Maria
tendo a todos como irmãos!

Escreveu também na lista
um propósito singular,
divisa de sua vida,
qual farol a iluminar,
o lema de quem é forte,
escreveu: “MIL VEZES A MORTE,
MAS, NUNCA, NUNCA PECAR”!

Completando 12 anos
Com Dom Bosco se encontrou
E um diálogo famoso
Entre os dois se operou...
Como a água cristalina
que desce lá da colina
buscando o mar o encontrou!

Dom Bosco vê no menino
qualidades sem igual
e este revela ter
vocação sacerdotal
e diz, franzindo a testa
“FAÇA DE MIM UMA VESTE
PRO PAPA CELESTIAL!...”

Aceito no Oratório
começou se preparar
para sua vocação
um dia realizar.
Jogou-se de coração
no estudo e na oração
até se santificar.

Certo dia ouviu dizer
no contexto de um sermão
que é vontade de Deus,
nossa santificação...
O pregador com talento
Impregnou-lhe na mente
Uma forte impressão!

Dom Bosco lhe ensina a fórmula
de chegar à santidade,
preceituando: Alegria,
trabalho, estudo e piedade,
empenho na oração,
à violência sempre um “Não”
e “Sim” à fraternidade.

Faça sempre o bem a todos,
não pra ser elogiado,
mas, por amor a Jesus
que morreu crucificado...
recomenda-lhe Dom Bosco
e Domingos faz com gosto
tudo aquilo e um bocado!

Numa certa ocasião
um menino do Oratório
exibia uma revista
de assunto “provocatório”
cheia de imoralidade
que pra falar a verdade
congelava o purgatório!

Domingos não se conteve,
aproximou-se da turminha
que comentava as figuras
e soltava risadinhas,
tomando-lhe a revista
dizendo: “ninguém insista”
rasgou-a em picadinhas.

O protesto foi geral...
Domingos não se calou:
“por que trazem ao Oratório
esse tipo de terror?
isto é uma ofensa a Deus;
por favor, amigos meus,
não tragam mais, por favor!”

Certo dia uma notícia
no Oratório correu:
“Desapareceu Domingos...
Onde está? Que aconteceu?...
Procura aqui e acolá,
em tudo quanto é lugar
a meninada mexeu.

O tinham visto na Missa,
não o viram no café,
às aulas não frequentou,
no dormitório “non C’ é”.
Aquilo foi um alvoroço
e depois de muito esforço
disseram: tenhamos fé...

Foram contar a Dom Bosco,
transidos de emoção,
Dom Bosco sorriu “tranquilo”
e disse com precisão:
“Santo Dio, Ó Mamma mia!”
E partiu pra sacristia,
Com o coração na mão!

Avistando o Dominginhos
de pé, em oração,
tinha uma mão estendida,
e a outra no coração...
Dom Bosco se aproximou
e o vidente acordou
da santa contemplação.

Certamente contemplava
a Jesus - Eucaristia
que havia recebido
na manhã daquele dia.
Não sentiu passar o tempo
seis horas foram um momento
na mais doce companhia.

Crescia assim o Domingos
adquirindo a candura
daqueles que se decidem
por u'a vida santa e pura...
Como o infante Nazareno,
Domingos ia crescendo
na santidade e estatura.

No inverno rigoroso
do ano cincoenta e sete
Domingos caiu doente,
tosse, febre e diabete,
fisicamente definhando,
para o fim vai caminhando
e à morte se submete!

No Oratório não havia
condições de melhorar...
Dom Bosco diz: “Meu Sávio,
vá pra casa se tratar!...”
Mas, ele que já previa,
diz: “...aqui é que eu queria
minha vida terminar!”

“Não fale assim! Você vai
pra se restabelecer”
Diz Dom Bosco ao menino
procurando convencer...
“E ao chegar a primavera
o Oratório lhe espera
como todos vamos ver!”

Domingos diz a Dom Bosco,
começando a soluçar:
“Eu vou e não volto mais”
e concluiu a chorar:
“Com certeza e sem talvez,
esta é a última vez
que podemos conversar”.

Era o dia dois de março,
despedida comovente!
Lá se vai o Dominginhos
enfrentando o frio e o vento,
na carruagem do pai
a Mondônio lá se vai
de uma vez para sempre!

Pois oito dias depois
O menino expirava
nos braços de seu papai
e da mamãe que chorava...
E morria assim dizendo:
“QUE BELA COISA ESTOU VENDENDO!...”
E com o olhar acenava.

Acenava pro infinito
para o céu que contemplava,
onde está Nossa Senhora
e Jesus que tanto amava.
Mergulha assim no Mistério,
no sublime e puro etéreo
que tanto em vida aspirava.

Domingos voltou aos seus
ora em sonho, ora em visão
apareceu a seu pai
e travou conversação
e no meio de um sorriso,
disse: “ESTOU NO PARAÍSO”
na celestial mansão!

Transcorridos alguns dias
daquela morte exemplar,
Dom Bosco o vê em sonho.
Estava em certo lugar,
parecia uma planície,
nem era Lanzo, nem Nice,
Não era terra nem mar!

Na beleza inenarrável
daquele imenso jardim,
uma música suave
de flauta, tuba e clarim
se difunde pelos ares
e um coro de milhares
de vozes, cantava assim:

“HONRA E GLÓRIA A DEUS PAI
CRIADOR E ONIPOTENTE...”
E uma multidão de jovens
aparece de repente...
Dom Bosco, diz: “Que vejo!”
Naquele imenso cortejo
Domingos ia à frente!

O cortejo, então, parou
e a música também;
E uma luz tão brilhante
que comparação não tem,
resplandece no ambiente
e Domingos refulgente
com Dom Bosco se entretém.

Quase sem acreditar,
Dom Bosco fica parado;
Mas, Domingos diz sorrindo:
“Por que está tão calado?
Por que não fala? Sou eu!
E Dom Bosco respondeu,
desta vez encorajado!

– Afinal, onde é que estamos?
– No local: FELICIDADE!
– Então, isto é o Paraíso?
E Domingos com bondade,
não responde claramente...
Mas, de seu rosto fulgente
jorra um raio de verdade!

Domingos manda um presente
pros meninos de Dom Bosco:
Um ramalhete de flores
de variadíssimo gosto.
Dom Bosco em confusão
pede-lhe explicação
fitando-lhe bem o rosto!

A **rosa**, o senhor bem sabe,
simboliza a CARIDADE!
Quando à **violeta** frágil
nos lembra a HUMILDADE!
O **lírio** com sua brancura
recorda-nos a candura
da belíssima CASTIDADE!

Este **trigo** aí no meio
simboliza a **COMUNHÃO!**
Sacramento que exige
a freqüente confissão!
E por fim uma lembrança,
símbolo da **PERSEVERANÇA,**
u'a **sempreviva** na mão!

Dom Bosco ao acordar
daquele sonho feliz,
exclama: "Se eu fosse o Papa..."
e pensa bem no que diz:
sem duvidar nem um pingo
canonizava o Domingos
ao lado de São Luiz!

Passaram-se alguns anos
pra beatificação
daquele menino santo
e o mundo com emoção
esperava noite e dia
na certeza que veria
sua **CANONIZAÇÃO!**

Um brilhante sol raiou
sob um céu tinto de anil,
naquela manhã de junho
de clima primaveril
e na praça majestosa
aguarda tumultuosa
uma massa juvenil!

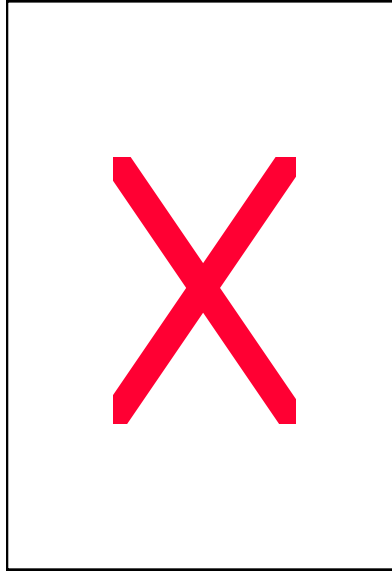
Quando o Papa Pio XII
declarou canonizado
O SANTO DOMINGOS SÁVIO,
seu nome foi aclamado...
O mundo inteiro aplaudiu...
quem estava lá sentiu
o Vaticano abalado!

Domingos Sávio, bendito!
És encanto dos encantos!
Para a glória dos altares,
foste escolhido entre tantos...
Aceita a nossa homenagem,
Assino-me de passagem:
VALDEMAR PEREIRA SANTOS!

Fortaleza, 02/04/1992.

5

DOM BOSCO INFINITO



é uma literatura de cordel
que tenta mostrar
o humano e o divino
crescendo juntos
numa criatura
chamada João Bosco
que nasceu nos Becchi,
norte da Itália, em 16.08.1815
e faleceu a 31.01.1888
A ele nossa grande homenagem!
E ao leitor, bom proveito!

O autor
Juazeiro do Norte, 31.01.80.

DOM BOSCO INFINITO...

Peço um pouco de atenção
ao amigo leitor,
desculpe, não sou poeta,
sou apenas “trovador”.
Entrando já na conversa,
mostrarei agora em versos,
a história d’um EDUCADOR.

Trata-se de São João Bosco,
o santo da gurizada,
dos jovens e adolescentes,
da criança abandonada...
Um homem cheio de fé!
Sua história foi e é
por todos admirada.

Giovanni era seu nome,
em português é João;
Sua mamãe Margarida,
mulher de bom coração.
Nascera no Piemonte,
naquela Itália de ontem,
cheirando a Napoleão!

Em “Castelnuovo d’Asti”
hoje, “Colle (di) Don Bosco”
também chamado: “i Becchi”,
aos 16 de agosto,
daquel’ano décimo quinto
do século passado, extinto,
nascia Joãozinho Bosco.

Papai Francisco morrera
deixando órfão o Joãozinho...
E Margarida, coitada,
chorando com o filhinho
de dois anos de idade,
diante dessa verdade,
suspirava: “Pobrezinho!..”

Mas, sem perder a “tiana”,
enfrentou a realidade,
com Antônio e José,
dois filhos de mais idade.
A família foi crescendo
e da mamãe aprendendo
o amor, a fé, a piedade.

N’ atmosfera dos Becchi
O nosso “Joãozim” crescia
No meio da gurizada,
Não sei o que não fazia...
Jogava muito e pulava,
o gado pastoreava...
Sempre alegre noite e dia.

Ainda hoje se encontram
na região de Capriglio,
parentes de São João Bosco,
pessoas de grande brilho!
Alegres e sorridentes
felizes vivem contentes:
Pai, avô, mãe e filhos!

Visitei Castelnuovo,
Meu Deus! Quanta alegria!
Gozei daquela paisagem,
duas noites e um dia.
Puxa vida, que impressão,
vi o quarto da “VISÃO”,
ou “sonho” da profecia”.

Quero narrar esse sonho,
pois acho fundamental,
pra se entender os segredos
lá do sobrenatural.
Se o Espírito Onipotente
onde quer sopra seu Vento!
Ali soprou vendaval...

Tinha “Joãozim” nove anos,
conta a sua biografia,
sonhou que estava num campo
de jogo e muito euforia.
Aqui, meninos brigavam,
ali, outros blasfemavam,
na maior patifaria.

Joãozinho chega zangado
e diz pra turma: “assim não” !
Manda soco num e noutro,
pontapé, tapa, empurrão...
De repente um personagem,
iluminando a paisagem,
gesticula com a mão!

Frente àquele “bang-bang”
pára e fala com ardor:
“NÃO COM SOCOS, NEM PANCADAS...
MAS, MANSIDÃO E AMOR,
DEVES GANHAR TEUS AMIGOS...”
E “Joãozim” meio aturdido,
confuso, abraça o Senhor.

– Como posso assim fazer?
Sou um pobre, que te implora!
– “EIS AÍ A TUA MESTRA!”
E mostrou uma Senhora.
Envolvido no mistério,
“Joãozim” torna-se sério,
a partir daquela hora.

No lugar da meninada
apareceram animais:
Lobos, ursos, cães e ratos,
cobras eram até demais...
A Senhora aí falou:
“EIS TEU CAMPO DE LABOR,
A SEU TEMPO ENTENDERÁS”!

Joãozinho pestanejava,
fechava os olhos, abria;
Via agora no lugar
da bicharada que via,
um bando de cordeirinhos,
todos brancos, bonitinhos,
fazendo-lhe companhia.

A Senhora acrescentou,
no sonho, em conclusão:
“OCUPA-TE DOS MEUS FILHOS
CO’ AMOR E DEDICAÇÃO,
SEJAS BOM A TODO CUSTO,
HUMILDE, FORTE E ROBUSTO!
EIS AÍ A TUA MISSÃO”!

O pequeno acordou
daquele sonho-visão
bastante impressionado,
pôs a mão no coração...
sob os efeitos do susto
pulou da cama sem custo,
creio que não dormiu mais não!

Mas, vamos passar adiante,
o tempo está a correr,
a história é muito longa,
não temos tempo a perder...
Já consultei o relógio,
o tempo corre veloz!
Tenho muito o que dizer.

Os anos foram passando
deixando atrás a candura;
da infância à adolescência
mudava de estatura,
tal como o Nazareno
Joãozinho ia crescendo,
na fé, no amor e cultura.

–”Mãe, deixe que eu vá
brincar com os companheiros...”
A mãe dizia: “Meu filho,
com aqueles desordeiros?”
– “Eles precisam de mim,
não são assim tão ruim,
quando estou no meio deles”.

Certa vez viu na cidade
um prestidigitador
atraindo as multidões...
ele olhou, olhou, olhou...
chegou em casa vibrando
e no fim daquele ano,
na “arte” era um doutor.

Se não me falha a memória,
foi na festa de Natal:
O sino chamando o povo
e o povo olhando o tal
daquele mágico famoso...
“Joãozim” ficou furioso,
nunca dantes visto igual!

Parou, pensou numa idéia
e furou a multidão...
Foi propor um desafio
com aquele charlatão...
“Joãozim” venceu bonito
e o saltimbanco maldito
saiu pelo o “oitão”.

Voltando-se para o povo,
o pequeno vencedor,
falou: “Vamos à igreja,
lá está Nosso Senhor!”
Cenas dessa natureza
repetira com certeza
como aluno e professor.

Um dia no seu caminho,
um Dom Calosso encontrou
e dele tornou-se amigo,
de quem muito assimilou.
Pra custear seus estudos
Dom Calosso lhe deu tudo,
até u'a herança deixou.

Mas o pobre do menino
foi mal visto pelo irmão,
aquele tal do Antônio,
insensato e brutalhão,
dizia: “seu vagabundo,
moleque safado, imundo,
tira esse livro da mão...

Eu cresci, dizia ele,
sem escola freqüentar,
estou feliz e robusto...”
E João sem titubear,
responde, quase em sussurro:
“IGUALZINHO AO NOSSO BURRO
QUE CRESCEU SEM ESTUDAR!”

Enfrentou dificuldades,
para poder estudar;
Cada dia exercitava,
um penoso caminhar,
sob o frio, o vento, as chuvas...
sem sapatos e sem luvas!
U'a coragem de espantar.

Aprendeu fazer de tudo,
de tudo aprendeu fazer.
Aprendeu na agricultura,
plantar, tratar, colher...
nas artes foi campeão,
parecia um Salomão
de tudo quis aprender.

Aprende fazer teatro,
na música se exercitou;
no campo da poesia
foi também versejador;
de alfaiate a sapateiro,
ferreiro e carpinteiro,
de tudo um pouco provou.

Conta-se que u'a vez
ele assistiu um sermão
e quando findou a Missa,
causando admiração,
repetiu na integridade,
tudo o que tinha escutado,
tal qual uma gravação!

Do Joãozinho caridoso
eu vou apenas lembrar,
aquele gesto ousado,
difícil de acreditar;
na sua idade pequena,
sacrificando a merenda,
para a outros saciar!

Pegava seu pão gostoso,
levava para um vizinho...
Exercitando a renúncia,
já desde pequenininho.
A mamãe, disso sabia
e neste gesto antevia,
o futuro do Joãozinho.

Foi, de fato, genial;
Como estudante: aplicado,
alegre, amigo, bondoso,
companheiro disputado...
Foi crescendo noite e dia
no santo amor a MARIA
e a JESUS SACRAMENTADO.

Tudo isso que falamos,
ou que fizemos menção,
foram sinais patentes
de uma grande vocação!
Àquele apelo divino,
que senti desde menino,
nunca quis dizer um “não”.

Já falamos do estudo,
ao qual deu seriedade:
estudou autores clássicos,
no campo da humanidade;
brilhou em Filosofia
História e Teologia,
em tudo foi sumidade!

Quando padre se tornou,
eis um fato edificante:
Preparava-se pra Missa,
era ele o celebrante,
quando ali entra um menino,
pobre, rude, bem franzino,
querendo ser “ajudante”.

O sacristão rabujento,
um tipo “cara-metade”
Sabendo que o pobrezinho
nunca tinha exercitado,
em tão sagrada função...
Pegando d’um vassourão
expulsa o pobre coitado.

Bosco viu, indignado
e chamou o rapazinho,
falou: “Depois da Missa
me espere um bocadinho,
quero com você falar”.
E o garoto a soluçar
sentou-se lá num cantinho!

Garelli era seu nome,
Dom Bosco o escreveu.
Anotou também a idade,
uma instrução ali deu!
Daquele encontro afoito
de dezembro, dia oito,
O ORATÓRIO nasceu.

A partir do Oratório,
depois de vários anos,
Dom Bosco idealizou
e realizou muitos planos.
Dentre os quais a fundação
da grande Congregação
dos Padres Salesianos.

Começou com poucos membros
no meio do século passado.
Lá mesmo no Piemonte,
naquele berço adorado,
nascentes do rio Pó...
Mas, não basta nem é só:
Um futuro era esperado!

Um futuro promissor
banhado de graças mil
fez transpor os horizontes
numa força varonil.
E a Congregação nascente
penetrou no ocidente,
chegando ao Brasil.

Foi no ano oitenta e três
do século que se passou.
Dom Bosco 'inda era vivo
quando pro Brasil mandou,
o primeiro grupo herói
que chegando a Niterói
ali se alojou.

Para ilustrar a história:
Era noite já escura!
Além da casa estranha,
problema na fechadura...
Entraram pela janela,
jantaram chá-de-canela
com queijo e rapadura

Esses Filhos de Dom Bosco,
os Padres Salesianos,
no Brasil se espalharam,
e com o correr dos anos,
desde o Centro ao Nordeste,
de Sul a Norte e Oeste,
aos poucos foram entrando.

A semente bosquiiana
na Terra de Santa Cruz,
medrou, cresceu, floriu,
c’ a força de quem produz!
Graças damos ao senhor,
ao nosso Pai Criador
e ao Espírito que nos conduz.

A História de Dom Bosco
como da Congregação,
ocupa vinte volumes
escritos com muita unção.
É um “Canto Infinito”,
vai além, aqui eu fico...
Não precisa conclusão.

Amigo, eu vou parando,
sem vontade de parar...
Mas, deixo-lhe um convite,
se você “topa” aceitar...
venha trabalhar conosco!
No “roçado” de Dom Bosco
Há campo pra cultivar

6

O “SANTO” DOM LUSTOSA: HOMEM DE DEUS, PASTOR DO POVO

Mineiro de nascimento
nasceu em São João-del-Rei,
aos onze de fevereiro,
do ano oitenta e seis,
do século passado, é claro!
Dom Lustosa foi preclaro
Pastor da nossa grei!

Conheço São João-del-Rei,
cidade linda e garbosa,
espremida entre os montes,
num Vale das Alterosas.
Com justiça, me ufano,
de ter morado alguns anos
na terra de Dom Lustosa.

No coração da cidade
há um velho casarão,
bonito, ornamentado,
da pura pedra-sabão:
é o “Solar dos Lustosas”,
reliquia rica e mimosa
que nos chama à atenção!

Foi ali que nasceu “Tonho”
ou o “Toinho Lustosa”,
que se tornou Padre Antônio...
Vou já contar esta história.
Um homem cheio de Deus,
que plenamente viveu,
o binômio: “Paixão/Glória”!

Quando pré-adolescente,
sentiu-se por Deus chamado,
o pai leva ao seminário,
o filho vocacionado.
Em Cachoeira do Campo,
matricula-se o “Santo”
menino de pouca idade!

Em mil novecentos e quatro,
concluiu o aspirantado.
Em mil novecentos e cinco
começou o noviciado,
naquela calma Lorena,
mergulha a mente serena
no mar da santidade!

Terminada aquela etapa,
faz a sua profissão.
Pela emissão dos votos,
entra na Congregação.
Com vinte anos de idade,
ingressa na Faculdade
com total dedicação!

Enviado para Roma
estuda pedagogia
e com muito brilhantismo,
cursou a filosofia.
Vontade firme e segura
unindo fé e cultura
no condão da teologia.

Combateu o bom combate,
estudou, cresceu na fé...
Voltando para o Brasil,
ordenou-se em Taubaté.
Foi trabalhar em Lavrinhas,
mas dali, com as malinhas,
transferiu-se pra Bagé.

Aquela “fuga” sutil,
tinha uma explicação,
pois ali corria voz
da sua nomeação
a bispo, a qualquer hora...
Ele ouvindo esta história,
foge pela contramão!

Porém pouco adiantou,
fugir dessa missão.
Em breve foi feito bispo,
Resistir não deu mais não!
Frente à responsabilidade,
encarou ser a vontade
de Deus e dos irmãos!

Foi bispo de Uberaba,
de Belém, de Corumbá!
Arcebispo em Fortaleza,
lá no quente Ceará.
Foi um exímio Pastor,
santo, sábio, educador...
O tempo confirmará!

Todo mundo admirava
sua angelical bondade,
o seu jeito de falar
revelava santidade.
Corpo esbelto e franzino,
com um olhar de menino...
Um asceta de verdade.

“O justo como a palmeira,
para o alto crescerá,
e nos átrios do Senhor,
um dia florescerá”
Vaticinou Salomão
numa solene oração...
Tome a Bíblia e verá!

Amor, razão e fé,
justiça e caridade,
alegria, bom-humor,
candura e simplicidade...
Em Dom Lustosa se via,
com natural simpatia,
todas essas qualidades.

Já no campo literário,
foi escritor excelente.
Com seu rico epistolário
semeou boas sementes.
Escreveu com muito gosto,
ora, levando um conforto,
ora, um agradecimento.

Dom Lustosa foi sensível,
ao irmão sofredor,
Nos seus escritos revela
a compaixão d'um pastor.
Leia o “ABRAÇANDO A CRUZ”,
um livro que nos conduz,
a conviver com a dor!

Descrevendo a grande seca,
terrível calamidade,
intitula um outro livro
de: “TERRA MARTIRIZADA”.
São páginas onde se lê
o indizível sofrer
da nossa gente arrasada.

“SOLILÓQUIOS INFANTIS
AO PÉ DO TABERNÁCULO”,
Leitura que o leitor diz:
“Este livro é um espetáculo”!
Estilo-meditação,
onde a fé e a razão,
se abraçam sem obstáculo!

“A PRECE AO PÔR DO SOL”,
páginas de meditações,
reúnem quatro volumes.
São belas reflexões!
São lindos trechos seletos,
são pensamentos ascéticos,
pras almas em elevações!

Seus livros falam mais alto,
do que estamos falando...
Quem já leu: “NOTAS A LÁPIS”,
ou então o “RESPIGANDO”,
percebe rapidamente,
neste escritor eminente
o estilo salesiano!

Fundou a Congregação,
a que chamou “JOSEFINAS”,
voltada pra educação
da infância feminina.
Com zelo, amor e fé,
entrega a São José
o fim a que se destina.

Sentindo-se já cansado,
pediu pra descansar,
“numa casa salesiana,
até a morte chegar”.
Foi acolhido em Carpina,
era u’a tarde de neblina...
Bem me lembro, estava lá!

O clero diocesano,
da Fortaleza querida
acompanhou o Pastor,
chorando sua despedida.
E quem ganhou foi Carpina...
Essa dádiva divina
foi ali muito aplaudida.

Em Carpina ele viveu,
cerca de uns onze anos.
Foi uma presença amiga
pra todos salesianos.
Querido dos aspirantes,
tal qual como era antes,
com os seus diocesanos!

Sua presença no altar,
era uma pregação.
Quando ia celebrar
causava admiração.
Rezava pausadamente
com os lábios e com a mente
imerso em adoração!

Em Carpina, Dom Lustosa,
estava sempre em ocupação.
Lia muito, traduzia...
Compunha até orações!
Compilava biografias
escrevia poesias
com muita satisfação!

Uma tarde, ao sair
da sala da refeição
caminhava lentamente,
de repente u'a distração...
Errou o passo e caiu
calçada abaixo e partiu
o fêmur... Que aflição!!!

Daí por diante, que pena!
Não pôde mais caminhar.
Numa cadeira de rodas
começa a se "imolar"
Velhice, dor, sofrimento
o sucumbem lentamente
sem um gemido expressar!

Dom Lustosa faleceu
com sinais de santidade
aos 14 de agosto...
Naquela tranqüilidade!
“Sub umbra alarum tuarum...”⁽¹⁾
Voou para o santuário,
da Santíssima Trindade!.

A causa de Dom Lustosa
Já está no Vaticano,
para ser apreciada,
pelos peritos romanos...
Da beatificação,
para a canonização,
haja tempo, haja anos!

É preciso paciência!
Vamos saber esperar.
Nestes versos em cordel,
eu peço: Vamos rezar
para o processo correr
e logo possamos ver
Dom Lustosa no altar!

Peço ao leitor amigo
que faça divulgação
dessa campanha bonita
pela CANONIZAÇÃO
do santo bispo mineiro
que é de todos brasileiros
do litoral ao sertão.

Por fim eu faço um convite
ao meu leitor já cansado,
que já leu e releu,
estes versos mal rimados:
Procure fazer de tudo
para imitar as virtudes,
do nosso homenageado!

⁽¹⁾ “À sombra das tuas asas...”. Este foi o lema episcopal de Dom Antônio de Almeida Lustosa.

Cinco datas da vida de Dom Lustosa:

▶ **11 de fevereiro de 1886**

Nasce em São João-del-Rei, MG.

▶ **28 de janeiro de 1906**

Faz sua primeira profissão religiosa na Congregação Salesiana, em Lorena- SP.

▶ **28 de janeiro de 1912**

É ordenado sacerdote em Taubaté-SP.

▶ **11 de fevereiro de 1925**

É sagrado bispo em São João-del-Rei-MG.

▶ **14 de agosto de 1974**

Falece em conceito de santidade, na cidade por ele escolhida: Carpina - PE.

ORAÇÃO

Para pedir a intercessão de Dom Antônio Lustosa

Dignai-vos, Senhor, aceitar a caminhada de nosso irmão Dom Antônio de Almeida Lustosa rumo ao altar.

Ele, que em vida soube ser vosso servo fiel, imolando-se nos pastoreios das almas, ensina-nos hoje admiráveis exemplos de virtudes cristãs praticadas com tanto zelo sacerdotal.

Concedei, Senhor nosso Pai, a graça que por sua intercessão vos pedimos.

AMÉM.

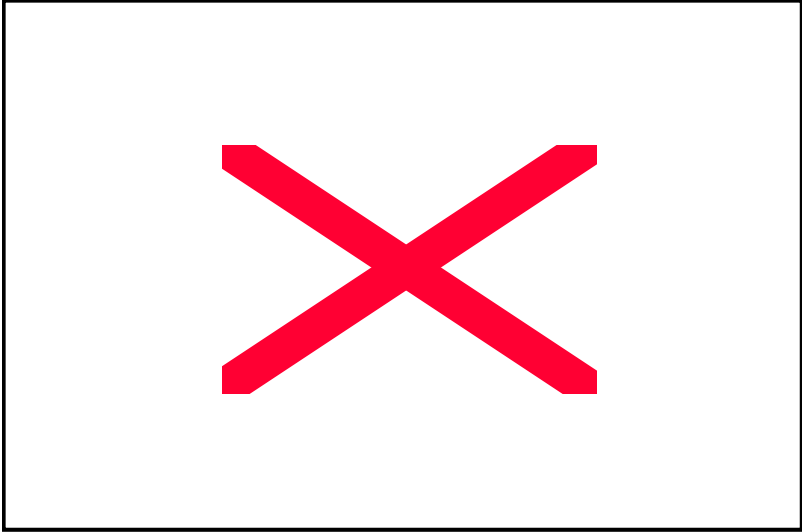
Deseja contribuir para a causa de Dom Lustosa?
Recebeu alguma graça?
Escreva para:

Causa de Dom Lustosa
Rua Estado de Israel, 386 - Ilha do Leite
50070-420 - Recife - PE

Salvador, 19 de março de 1993

7

CRONICORDELANDO O CI - 86 **Jaboatão - Colônia, 13 - 18/10/86**



Assumi a maluquice
de registrar pra vocês,
em trovas, versos e rimas,
na verdade e sem talvez...
E aqui vou escrevendo,
o que vai acontecendo
no CI - oitenta e seis.

“CI” já quer dizer:

Capítulo Inspetorial,
reunião importante,
força congregacional,
que irmana os irmãos,
todos dando-se as mãos...
Só vendo como é legal!

Fomos todos convidados
a participar deste evento.
E desde o ano passado
até o exato momento,
tudo foi preparação,
pra essa realização,
pra esse acontecimento.

A abertura foi feita
pelo Padre Inspetor,
na segunda-feira, cedo,
sob um clima de calor.
Falo do calor humano,
dos irmãos salesianos,
irmanando-se no amor.

Assim, de treze de outubro
até o dia dezoito,
da segunda de manhã
até a sexta de noite,
ninguém coçou a barriga...
A gente ficou em riba
desses temas muito afoitos

Terça-feira foi um dia,
de estudo aprofundado,
feito pelas equipes,
com carinhoso cuidado:
A primeira comissão,
curvou-se sobre a MISSÃO
e o menor abandonado.

A VIDA RELIGIOSA

e o tema da FORMAÇÃO,
o assunto VOCACIONAL,
como o d' ADMINISTRAÇÃO
foram temas muito sérios,
estudados com critérios,
com prudência e perfeição.

Cada equipe assumiu,
com muita força e respeito,
o estudo do “pacote”,
por sinal, muito bem feito.
E depois de examinado,
deu de ré, todo emendado,
em direção do perfeito.

Surgiu o terceiro dia,
uma quarta-feira linda!
O sino tocou, chamando,
para mais uma rotina:
Despertar, Missa, café...
Mais um batente no pé...
E a coisa atrasada, ainda!

Só no meio da manhã,
finalmente, uma sessão!
Todos os capitulares
reunidos no salão...
Sentiam soprar o vento,
pois todos os documentos,
entrariam em votação.

A tarde foi calorosa,
com debate e votação!
o tema mais badalado
foi o d' Administração.
Sofreu quatorze emendas,
entre discussões ferrenhas,
de tremer Jaboaão!

Nas pistas de solução,

uma de primeira linha:
tocar para a Colônia,
umas quinze mil galinhas.
Orsini é que o diga,
é solução definida,
basta sejam poideirinhas.

O REDIMENSIONAMENTO,
pra alguns vai causar medo.
Mas, segundo o padre Émerson
que sente o doce no azedo,
não vê outra solução:
Ele acha que o pimentão
vai resolver o Lajedo.

Quanto ao Bongi-Escola,
“Reforçar ou restaurar” ?
A discussão foi enorme,
deu até pra baldear.
Mas, uma “moção de ordem”
disciplinou a desordem
e venceu o “reforçar”.

Estamos na quinta-feira,
com discussões a valer.
A respeito de Carpina,
o que viria mesmo a ser?
D’arrojada inventiva,
não há outra alternativa:
Ou vai viver ou morrer!

Tanto em Juazeiro do Norte,
quanto em Aracaju,
o problema não é tanto,
o diabo do “tutu”.
Todavia, mesmo assim,
murmuram, Mauro e Rolim:
“Tá tudo ficando azú”.

O Elias barulhento,

cada vez mais animado,
pensa que d'agora em diante
está tudo "liberado".
Péra aí, n' é assim não,
cuidado com a vocação,
não sejas tão apressado!

Mas, tudo se encaminhou
para um clima de bonança.
E na sexta-feira à tarde,
soprava uma brisa mansa...
Nos verdes canaviais,
nas copas dos coqueirais,
pousava leve u'a esperança!

E aqui eu vou parando,
por amor à brevidade.
Eu não quis ferir ninguém.
Perdoe-me, por caridade.
Desculpe-me as besteiras,
tudo isso é brincadeira,
contrastando a seriedade.

Jaboatão, 18 de outubro de 1986

8

PE. ÂNGELO

*Ao Padre ÂNGELO
VISENTIN, salesiano exemplar, fa-
lecido na Casa Salesiana da Pieda-
de - Fortaleza - Ceará, no dia 19 de
junho de 1988, nosso homenagem
fraterna e cheia de saudades...*

Deixando-nos saudades, lá se foi,
nosso querido Pe. Ângelo Visentin.
Sua vida marcou forte nossas vidas,
pelo exemplo fidelíssimo até o fim.

Uma vida consumida dia-a-dia,
no trabalho, que conduz à santidade.
Comprovou ter um grande coração
dedicado ao bom povo da Piedade.

“É a luta.. Fique em paz... Vá com Deus!”
Quantas vezes nós o ouvimos pronunciar.
Pe. Ângelo, agora em paz, junto a Deus,
nos ensina que “viver é lutar”!

Com a querida Virgem Mãe Auxiliadora,
junto a Cristo e Dom Bosco, lá no céu,
rogue a Deus pela nossa juventude
e receba em recompensa seu troféu!

Fortaleza, 25/06/88

9

SÃO JOÃO SALESIANO - 89 JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

ÊITA FESTÃO DANADO!
OS ALUNOS DOS TURNOS DA MANHÃ, DA TARDE
E DA NOITE, DE MÃOS DADAS, CONVIDAM
VOCÊ E SUA FAMÍLIA PARA UM SÃO JOÃO COMEMORATIVO
DOS 50 ANOS DO COLÉGIO SALESIANO:

Meus compadres e comadres,
ninguém vai poder faltar,
neste dia dezessete,
aqui no nosso arraiá...
Venham festejar São João,
venham conosco brincar.

Vai ter muito aluá
refrigerantes, quentão,
comida típica gostosa...
Bomba é que não vai ter não!
Quadrilhas da meninada
e aquele forrozão.

Poderá ter tapioca,
pamonha, canjica e doce,
milho assado, mungunzá
caldinho de carne e osso,
angu, batata, pirão
cocadinha e arroz-doce.

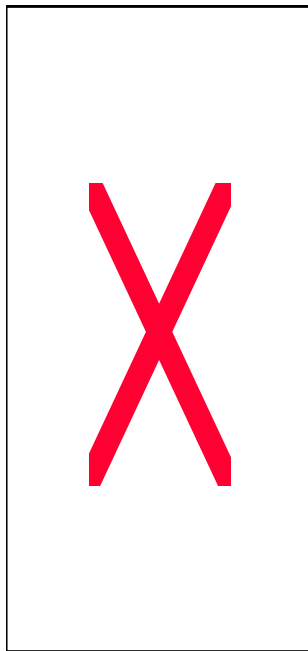
Tem também pé-de-moleque,
paçoca, baião-de-dois,
daqueles que as “muié” fazem
com feijão verde e arroz...
Vai ter muita coisa boa,
você vai me dizer depois.

E lá pras tantas da noite,
vai ter a coroação
da menina mais bonita,
escolhida em votação,
pra ser “Rainha do Milho”
nesta noite de São João.

Já me dá água na boca,
quando eu penso no São João,
aqui no Salesiano,
com tod’essa animação.
Ninguém vai poder faltar,
venha conosco brincar,
até lá e um abraço!

10

50 ANOS DO COLÉGIO SALESIANO INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DO PADRE CÍCERO



*Este trabalho foi escrito e declamado pelos apreciadores da poesia popular, Pe. Valdemar Pereira dos Santos, Diretor do Colégio Salesiano “São João Bosco” e o Sr. Severino José da Silva, zelador da Colina do Horto, por ocasião da inauguração do Monumento ao Padre Cícero Romão Batista, no pátio do Colégio Salesiano.
07 de setembro de 1989*

O evento fez parte da programação do cinquentenário da chegada dos Salesianos à terra do Padre Cícero.

Eu nunca fui orador
discurso não faço não,
só faço mesmo um sermão,
poeta também não sou.
Sou simples versejador,
conforme a mente me inspira,
sem ir às cordas da lira,
eu faço, e declamo versos,
portanto, licença vos peço
pra ler o que tenho em mira.

Padrinho Cícero, primeiro,
foi à Itália com gosto
pra insistir com Dom Bosco,
um presente pra Juazeiro...
Aquele amigo verdadeiro
sentindo o peso dos anos,
com o meu Padim conversando,
disse assim a sorrir:
“Eu mesmo não posso ir,
mas, mando os salesianos”.

Padrinho Cícero voltou
com a fé no coração,
e na palavra de João,
que muito lhe confortou.
Uns trinta anos esperou,
unido à Virgem das Dores...
Recebeu palmas e flores,
no céu, eterna morada.
Sorrindo, vê a chegada
dos seus continuadores.

Pra começar a batalha,
de uma doutrina sadia,
dois padres se dirigiam
partindo da velha Itália.
Com frio, sem agasalho,
viajaram sem conforto
desembarcaram no porto
do Recife, em fevereiro...
Conduzidos pra Juazeiro,
pelo Bom Jesus do Horto!

Estes arautos do bem,
com cem anos de Brasil,
cinquenta no Cariri,
a “Nova Jerusalém”.
Mais do que eles, ninguém...
Padre Cícero os convidou
e este presente chegou,
pra educar os meninos.
São bênçãos do céu caindo,
trazendo paz e amor.

Foi-se o século dezenove...
Dom Bosco e a juventude,
eu peço a Deus que ajude,
aos padres que promovem,
brilhantes guias dos jovens,
que a Virgem Mãe os protejam,
que as sementes vicejam
durando por muitos anos...
Parabéns, salesianos!
Ide avante! E assim seja!

A vinte e nove de março
do ano de trinta e nove,
um dia “chove, não chove”,
como reza um calhamaço.
Chegavam sem embaraço,
dois padres da grande lista.
Com eles houve entrevista,
AGRA e DAVINO ao lado,
para atenderem o chamado
do Padre Romão Batista.

Padre AGRA, o primeiro,
teve o grande privilégio
de construir o Colégio,
era um padre-engenheiro.
E aqui em Juazeiro,
começou a trabalhar
e à juventude educar,
formando até doutor.
Padre DAVINO lutou
pra construção terminar.

E assim continuou
a luta diariamente,
sempre aguando a semente
que o Padre Cícero plantou.
Formando padre e doutor,
cidadãos cristãos e mais...
Crianças viram rapazes,
orientados na fé.
O Colégio está de pé
e com mil anos não cai!

Dom Bosco foi fundador
da Ordem Salesiana,
cujo lema de comando
é a doutrina do amor.
Padre Cícero idealizou
a vinda desses pioneiros
pra neste “santo Juazeiro”
acender nas trevas a luz;
plasmar almas pra Jesus
e converter cangaceiros.

Vamos falar, sem demora,
de cada um diretor,
que por aqui trabalhou,
deixando sua memória.
Só assim se faz história,
digam lá os entendidos,
nestes versos resumidos,
nós queremos registrar
seus nomes, pra recordar
partindo dos mais antigos.

Padre AGRA, um padre belo,
que não gostava de prosa...
depois vem Padre LUSTOSA
e em seguida Padre STÉLIO.
Padre MÁRIO foi um elo,
Padre OSVALDO, o animador,
GUIMARÃES, o pensador
e ANTENOR que mostrou arte,
não esqueço LOURENÇO GATTI
nem o GINO MORATELLI.

Padre ELIAS, “o baiano”,
Padre MAURO, o exemplar,
o seu criado VALDEMAR,
que agora está no comando.
Padre AVICO, o soberano,
entrou também na fileira.
Teve o Padre ZÉ PEREIRA,
Padre GOMES, o “bom tino”.
O saudoso CELESTINO,
que empunhou bem a bandeira.

Os dezoito diretores,
destes longos cinquent’anos,
todos eles trabalharam
com jovens e professores...
MENDONÇA, um padre de ouro,
um homem sem muito atalho...
Da montanha até o vale,
se não errei o caminho,
destes dezoito todinhos,
O mais santo é o Padre GALLI.

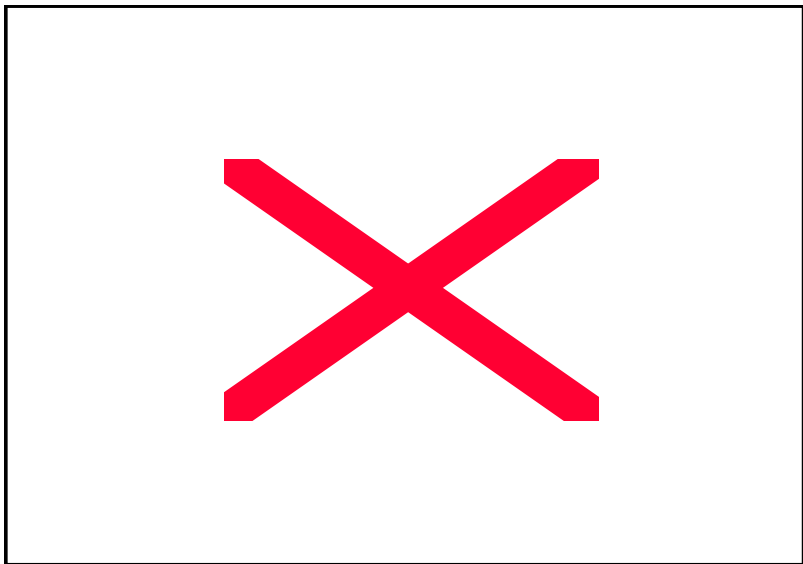
Esse Padre Carlos GALLI,
repito mais uma vez,
foi diretor desta casa,
por volta de cinquenta e três.
Muito polido e cortês,
querido da juventude,
do pobre, do surdo e mudo.
Enfim, partiu pras missões,
foi pro rio Solimões,
levando fé e virtude.

Juazeiro do “meu Padim”
está em clima de festa,
no ar se manifesta
um cheirinho de jasmim.
Eu tenho mesmo pra mim,
uma certeza sem véu,
que Padre Cícero, do céu,
olhando este cenário,
vendo este cinqüentenário
já encomendou um troféu.

E por aqui eu termino,
sem vontade de parar...
O meu nome é Valdemar,
e este é “seu” Severino,
poeta desde menino,
homem de bom coração...
pra vocês um obrigadão...
Agora estamos contentes
diante de um monumento
do PADRE CÍCERO ROMÃO!

11

MEMÓRIAS DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MANOEL PEREIRA DOS SANTOS



Em Barbalha - Ceará
no Sítio chamado Estrela,
nasceu Manoel Pereira
do qual vamos falar.
Foi criança singular,
foi jovem humilde e forte...
do nascimento à morte,
ninguém nunca ouviu dizer,
que ele viesse a maldizer
algo da vida ou da sorte!

Foram sete os seus irmãos:

Raimundo, Pedro e José,
a Francisca e a “Zabé”,
a Luiza e o João.
A fraternal união,
os fez crescerem felizes,
colorindo com matizes,
a vida familiar.
Creio que naquele lar
O amor fixou raízes.

Manoel era o do meio,
três mais velhos, três mais novos.
Como diz o nosso povo,
“sem atalho e sem rodeio”.
Quando a este mundo veio,
naquele ano noventa,
a família se contenta,
com o nascer de mais um filho
naquela manhã de brilho,
de beleza refulgente.

Tinha ainda pouca idade,
já acompanhava seu pai,
aonde um vai, o outro vai,
pro roçado ou pra cidade.
Nesta regularidade,
iam vender rapaduras,
farinha, peixe e verduras,
em Barbalha e Juazeiro.
Dos irmãos foi primeiro
na prática da agricultura.

A família se remove,
das terras do Cariri,
deixando lá o piqui,
vem morar no Sítio-Novo.
É o destino do povo,
mudar para acertar!
Quando aqui veio morar,
Manoel conhece Donana,
Menina na flor dos anos...
e começam a namorar!

Naquele tempo o namoro,

era muito moderado,
o respeito era sagrado,
os jovens tinham decoro.
As alianças de ouro,
amarravam em noivado.
Tudo então foi combinado
como o figurino atesta,
entre animação e festa,
pro momento esperado .

Na seca do dezenove
era setembro, dia sete.
Ela tinha dezessete,
ele tinha vinte e nove.
Casaram-se, pelas nove
ou dez horas da manhã.
Uma alegria louçã,
envolveu os convidados...
E os noivos abençoados,
vão sentar-se no divã.

Um novo lar em botão,
para acolher muitos filhos...
Os anos correm nos trilhos
da vida em profusão.
Meninos não faltam não...
Foram quinze os nascimentos;
Da Expedita ao Vicente,
do Luiz até Belmira.
E o que mais nos admira,
todos nós tornamos gente!

Doze desses se casaram;
Duas foram pro convento.
Um partiu pro seminário
e já é padre, faz é tempo!
Esse ouviu a “voz do vento”
respondendo à vocação.
E daqueles doze irmãos,
nasceram um montão de netos
e desses, haja bisnetos,
pra terceira geração.

Manoel Pereira, viveu,

sem sair deste sertão,
plantando milho e feijão...
Nunca fumou nem bebeu!
Os noventa anos seus,
vividos em plenitude,
gozando boa saúde,
faz a gente recordar,
daquele saudoso lar
cheio de fé e virtude.

Há dez anos faleceu,
deixando muita saudade,
com sua avançada idade,
voou tranqüilo pro céu.
Foi receber o troféu,
que conquistara na terra.
Esta homenagem encerra
um preito de gratidão
que parte do coração,
unindo o céu à terra!

A todos muito obrigado,
pela participação,
nesta concelebração,
pelo homenageado.
Acredito de verdade,
que papai está contente,
lá do céu olhando a gente,
aqui juntos a rezar...
Que Deus queira abençoar
a todos nós os viventes!

Juazeiro do Norte, 08/06/90

12

PRIMEIRO ENCONTRO DE SACERDOTES FILHOS DE IARA 17 a 24 DE FEVEREIRO DE 1991

O Padre Pedro pediu-me
com delicada unção:
“Valdemar escreva uns versos
registrando este encontro...
E eu, sem pestanejar,
respondi-lhe: - Vou tentar!
Impossível dizer “não”.

Preparei-me com papel,
caneta e concentração,
comecei a rabiscar
minha primeira impressão:
de ver Iara feliz
com o povo gritando “bis
a esse Encontro de Irmãos.

Foi tudo bem preparado,
com muita dedicação.
As equipes reunidas,
fizeram a programação.
Há tempo que não se via,
tanta fé, tanta alegria
no meio deste povão.

Iara se engalanou
qual uma filha de rei
pra receber os seus filhos,
os seus Padres e o seu Frei.
Este evento inusitado
por longo tempo esperado
aliviou os anseios.

Todos foram convidados,
nem todos disseram sim.
Lamentar essas ausências,
não compete mais a mim.
Prefiro silenciar,
não adianta falar
e vamos rimando assim.

O Pedro veio do Rio,
Valdemar, do Juazeiro,
Ademir, de Pernambuco
sendo um dos pioneiros.
O Vicente, de Aurora,
com o colega Andreola
chegaram quase primeiros.

No domingo dezesete
por volta das 15 horas,
na saudosa capelinha
aos pés de Nossa Senhora,
a semana foi aberta
em clima de muita festa
lembrando coisas de outrora.

Discursos e saudações,
palmas, cantos, alegria,
marcaram essa abertura
na tarde daquele dia.
Dali fomos caminhando
ao som dum bumba tocando
celebrar a Eucaristia

A igreja grande se encheu
e o povo com vibração
grita: “Viva nossos padres”!
Esses entram em procissão.
Num apanágio de fé
todos permanecem em pé
durante a celebração!

No final da cerimônia
foi lida a programação.
Dali mesmo do altar
da Virgem da Conceição,
o povo passa a saber,
o que vai acontecer,
desde o início a conclusão.

Uma programação vasta
se torna realidade
durante toda a semana
nesta airozinha cidade.
Atendemos muita gente,
visitamos os doentes,
como manda a caridade.

Jovens, velhos e casais
crianças e adolescentes,
entraram todos na “dança”
destes dias excelentes.
Com cada grupo encontramos,
em cada gesto tentamos,
lançar as boas sementes.

A missa com os estudantes
teve um brilho sem igual.
Depois nos dirigimos,
pra casa paroquial.
A meninada vibrou
e a reportagem filmou
mais um “cerimonial”

Cerimônia muito simples
que foge do corriqueiro.
Cada um dos cinco padres
plantou ali um coqueiro,
para ficar na memória
da Iara e sua história
destes dias tão fagueiros.

Mereceu grande destaque
a nossa hospitalidade.
Aqui fomos bem tratados
com toda amabilidade.
A casa paroquial
foi o lugar ideal
pra esta fraternidade

O povo foi generoso
nada nos deixou faltar.
A mesa foi sempre farta,
do café ao jantar.
Frutas, ovos e verduras,
coalhada com rapadura...
Que coisa espetacular

Carnes, muito variadas:
Carneiro, peru e bode,
galeto, buchada e peixe,
ali virou pagode.
Legumes, macarronada,
sucos, doces, marmelada...
O que imaginar se pode!

Obrigado, dona Inácia
pela sua liderança!
À equipe que cozinhou
pros padres encherem a pança,
o nosso muito obrigado!
O vento forte é passado
agora volta a bonança.

Numa noite após a missa,
um bingo bem animado
conseguiu fazer vibrar
toda aquela meninada.
E tinha prêmios que só,
dentre todos o melhor:
uma Bíblia ilustrada

No domingo vinte e quatro,
na missa do encerramento
os oradores falaram
bonitos pronunciamentos.
Um denominador comum
ouveu-se de cada um:
Um grande agradecimento

A bola rolou serena
no “Estádio” da cidade.
E o calor daquela tarde
foi, aos poucos, amenizado
quando, ao time vencedor,
o Padre Pedro entregou
a “Taça Fraternidade”!

Foi isso aí, meu amigo,
aliás, foi muito mais!
Descrever esta semana
eu me senti incapaz.
Apenas dei um sinal,
de tanta coisa legal,
não esquecerei jamais!

Iara, querida Iara,
teu futuro é promissor.
O verde que te rodeia
fala de paz e amor.
Tu és a minha cidade
e a tua prosperidade
há de crescer à vapor!

Por aqui eu vou parando
sem vontade de parar
E em nome dos meus colegas
queiram todos desculpar.
Não sou Camões, nem Picasso...
Até logo, e um abraço;
Sou apenas, VALDEMAR!

13

PADRE PEDRO ALEXANDRE

*Homenagem ao saudoso
colega de sacerdócio, no 30º dia do
seu falecimento - 13/06/1992.*

Lá se foi o nosso caro Padre Pedro,
deixando-nos feridos de saudade.
Sua vida marcou forte, nossa vida,
C'os exemplos de tanta fidelidade!

Uma vida consumida dia-a-dia,
no autêntico trabalho pastoral:
Celebrando, batizando e perdoando...
Exerceu sua missão sacerdotal.

Como Paulo, o “Apóstolo das Nações”,
Padre Pedro transpôs vales e rincões,
Deste imenso e esplêndido Brasil!

E por fim, o nosso “Mártir Iarense”,
foi morrer na Baixada Fluminense,
Massacrado, como tantos outros mil...

14

O “TIME”SALESIANO DE CARPINA/92

Com as mudanças de praxe,
Carpina ficou assim:
A Paróquia continua
Com o **Padre José Rolim**.
O povão está contente,
Porque vê na sua frente,
Um Padre legal assim.

O **Padre Bartolomeu**,
O “Vovôzinho oitentão”,
É ao mesmo tempo: o santo,
O sábio e o brincalhão,
É músico, é professor,
É o nosso confessor,
Com muita dedicação.

No campo, horta ou pomar,
Na pocilga ou vacaria,
Encontra-se “Seu” **Francisco**,
Quer de noite, quer de dia.
Das abelhas colhe o mel,
Na oração é fiel,
Com grande amor a Maria.

Já o **Padre Benevides**,
Uma riqueza de valor,
Veio aqui com muita garra,
Prá ser o coordenador
Dos aspirantes internos,
Da pastoral dos externos,
Vai ser mesmo um furor.

O “seu” **José Oliveira**,
Desta casa, veterano,
É querido e admirado...
Tem mais de cinqüenta anos.
Cuida dos cooperadores,
Orienta os professores,
É um bom salesiano.

Carpina ganhou **Baronto**,
Um assistente à altura,
Para os jovens aspirantes,
Da congregação futura
Um jovem de pouca idade,
Dotado de qualidades,
Além da grande cultura.

No papel de animação,
De toda a comunidade,
Eis o **Padre Valdemar**,
Um cara de “meia-idade”.
Ele diz com segurança:
“Já que entrei nessa dança,
Eu vou dançar de verdade”.

Carpina, 31/01/92.

15

DOM BOSCO E A PEDAGOGIA DA VOCAÇÃO⁽²⁾

Dom Bosco foi ao mesmo tempo,
Uma viva profecia.
Viveu a história passada,
e vive em nossos dias,
em cada salesiano
que vai sempre assimilando
a sua pedagogia.

Dom Bosco para educar,
usou mesmo o coração.
Para montar seu sistema
foi buscar a inspiração,
no hino da caridade.
E quanta felicidade
resultou da aplicação!

Pedagogia do amor,
serena compreensão
no sistema educativo
faz milagre em educação.
Dom Bosco chega a dizer,
que educar pra valer
é coisa do coração!

A sua orientação
não foi só profissional.
Mas, sobretudo cuidou
da parte vocacional.
O jovem em crescimento,
precisa enormemente,
dessa decisão vital.

Assim pensava Dom Bosco,
assim pensamos também.
No ar existe uma voz,
gritando: “amigo, vem”!
Responda, não tenha medo.
Deixa na praia a tua rede
e segue o Cristo também”.

⁽²⁾ “ Basta que sejais jovens, para que eu vos ame.” (Dom Bosco)

16

“NON NOVA, SED NOVE”: HOMENAGEM AOS EDUCADORES SALESIANOS

Dos 17.500 salesianos, atualmente no mundo, cerca de 14.300 estão empenhados em tempo integral, na causa da educação dos jovens, em muitas centenas de instituições escolares, tendo **como colaboradores cerca de 35.000 leigos**.

E quantos são os jovens, nossos destinatários, “cadastrados”? As estatísticas confirmam que ultrapassam a casa dos 800.000. A messe é enorme, pouco somos os salesianos...

Nossa reflexão se inspira na leitura atenta da famosa carta do Reitor-Mor sobre a “EDUCAÇÃO DA FÉ NA ESCOLA”, Atos do Conselho Geral, nº 344 - Abril-Junho/93.

Vale a pena martelar este tema na bigorna do tempo, bem como testá-lo no crisol da realidade... Vamos lá!

TEMA: UMA ESCOLA PRA SER SALESIANA,
TEM QUE SER EDUCADORA NA FÉ...

Vale a pena se ter muita atenção
n’ aquilo que é fundamental,
nada vale o enfoque cultural,
se não temos em vista a formação!
A ciência, sem a religião
é um bule vazio de café,
é um corpo que não fica mais em pé,
ou um lago que seca até a lama...
UMA ESCOLA PRA SER SALESIANA,
TEM QUE SER EDUCADORA NA FÉ...

Lá na carta do nosso Reitor-Mor,

divulgada à Congregação inteira,
o leitor, quer queira, quer não queira,
se abastece do bom e do melhor...
Eu a li, que quase já sei de cor,
essa carta da data de São José,
na linguagem que por si só, já é,
uma mensagem bem rica e soberana:
UMA ESCOLA PRA SER SALESIANA,
TEM QUE SER EDUCADORA NA FÉ...

É mister que os nossos professores,
no embalo das suas atividades,
imbuídos da espiritualidade,
sejam, antes de tudo, educadores,
respeitando dos alunos os valores,
no mistério do qual cada um é...
Se a galera 'inda não sabe o que quer,
nem por isso, percamos a "tiana":
UMA ESCOLA PRA SER SALESIANA,
TEM QUE SER EDUCADORA NA FÉ...

No contexto da nossa pedagogia,
essa coisa chamada EDUCAÇÃO
é algo que vem do coração,
como outrora, Dom Bosco já dizia...
Pensar só na metodologia,
sem amor, sem elan, até...
É querer ir pra frente em marcha a ré,
é perder, feiamente, essa gincana!
Pois, A ESCOLA PRA SER SALESIANA,
TEM QUE SER EDUCADORA NA FÉ...

Salvador, 15 de outubro de 1993. **“DIA DO PROFESSOR”**

“FOGO - FORRÓ” NO SALESIANO

Olha, aí, minha gente amiga,
aqu’ estamos, outra vez,
divulgando este convite,
e só pensando em vocês.
Venha festejar São João!
Garanto vai ser “Festão”,
com certeza e sem talvez!

Este dia dezessete,
cairá na quarta-feira.
Lá pelas dezoito horas,
inicia a brincadeira.
Para abrilhantar o horário
vêm o PRÉ e o primário
incendiando a fogueira!

Em seguida vem o “grosso”,
com a quadrilha do ano,
da meninada maior
com as MAMÃES no comando.
Nossa quadra vai lotar...
Todo mundo vai vibrar,
Aqui no Salesiano.

Reserve, já sua mesa!
Em casa, não jante não!
Aqui teremos comida,
refrigerantes, quentão,
farofa e churrasquinho,
amendoim torrãozinho,
arroz-doce e baião.

Traga toda sua família,
da vovó à netinha.
Aqui temos muito espaço,
tem cadeiras, tem mesinhas...
Tem dança, quadrilha e prosa
tem comida saborosa,
tem cerveja geladinha.

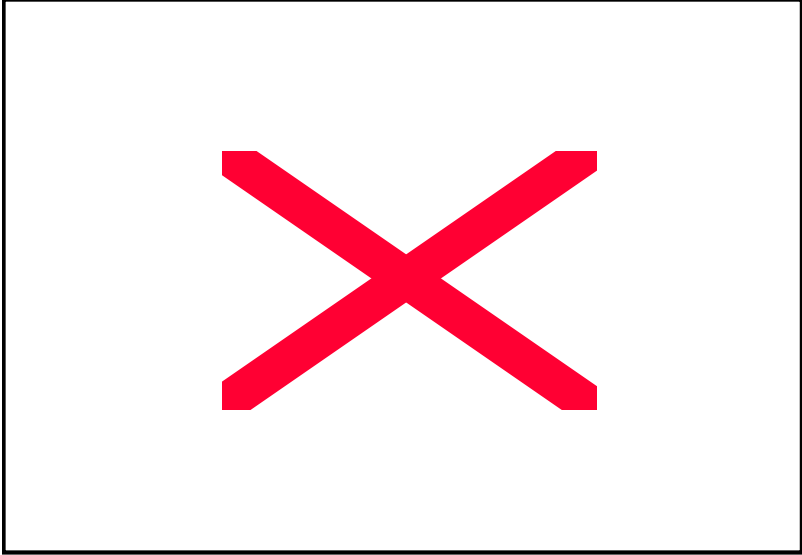
Um sorteio especial,
Vai abrilhantar a festa.
Compre logo seu bilhete,
não fique coçando a testa.
Você pode arriscar,
e a bicicleta ganhar...
Aproveite, a hora é esta!

A entrada é controlada,
pelo primeiro portão.
Temos estacionamento,
co’ aquela recepção.
Tudo aqui vai ser beleza,
eu asseguro com certeza,
nesta noite de São João!

Carpina, 17/06/92

18

BYE, BYE, CARPINA!



CARPINA, 10 DE JANEIRO DE 1993

Eu cheguei nesta cidade,
faz um ano, em janeiro,
trazendo minha bagagem,
da legendária Juazeiro.
Eu vim para ficar
Vim disposto a trabalhar,
comigo não tem zoeira.

Fui aos poucos me adentrando
na dura realidade
desta casa e do Colégio
e também desta cidade.
Compadre, vou te contar,
só vendo, pra comprovar,
a minha infelicidade!

Comecei com entusiasmo,
com vontade de acertar,
Em cada canto da casa
tinha algo a consertar,
Dinheiro, não tinha nada...
A escola endividada
com muita coisa a pagar

Levantei pro céu, as mãos
com vontade de chorar,
Problemas e desafios
eram de monte, a rolar.
Dos alunos, até os pais,
cada um trazendo mais
pulgas para eu me coçar!

A gente conserta aqui,
estoura ali e acolá,
A cobertura era pequena
pro meu corpo enrolar,
Com saudades de Juazeiro,
lembrando dos meus romeiros...
Porque vim aqui parar?

O “time” Salesiano,
era aquela variedade:
três antigos, quatro novos,
num carnaval de idades,
Baronto, Bené e eu,
o Pe. Bartolomeu,
éramos recém-chegados.

A comunidade antiga,
estava quase no fim,
restavam “seu” Oliveira
“seu” Chico e Pe. Rolim...
cada um no seu trabalho.
Mas, no traçar do baralho,
deu logo zebra pra mim!

As matrículas foram boas!
O ano começou bem.
Mas, chegando fevereiro,
lá vem o terem-tem-tem.
Entra março, chega abril
a gasolina subiu
e o nervosismo também!

Mensalidade que é bom,
pouca gente quer pagar,
os pais querem descontos,
até chegam a brigar,
Professores querem aumentos
e começam os tormentos...
“Nêgo veio”, vou te contar!

Procurei levar a coisa
do jeito que eu podia,
com atenção e firmeza
e até cabeça fria
Mas depois de certo tempo,
não há cristão que agüente
tamanha patifaria.

“Esse professor não presta”!
diz o aluno, indignado.
Diz o professor, pra gente:
“esse aluno não quer nada!”
alunos aí zanzando,
o professor aguardando,
porque só chega atrasado!

O pai chega fumaçando
com o carnê amassado
procurando o diretor
visivelmente zangado,
para protestar de tudo,
achando ser absurdo,
os preços reajustados.

A gente tenta explicar
o porque do reajuste
até mostrando, às vezes
a tal planilha de custos.
Toda explicação é pouca...
O hoje nos deixa louco
e o amanhã nos assusta!

As demissões de agosto,
foram decisões tomadas,
com critério e bom senso,
mas deram um bode danado!
Não gostei da ingerência,
da imatura “prudência”
como foram interpretadas.

É papel do assessor
ajudar à direção,
sugerir, admoestar,
dando apoio e atenção.
Numa palavra enfim:
assessoramento, sim,
mas, a ingerência, não!

A turma foi e voltou,
Eu fiz papel de palhaço!
Pouco ou nada adiantou
a gente dar esse passo.
Foi como a gente lavar,
o rosto, para enxugar
n' uma toalha de aço!

E mil coisas sucedendo,
coisas boas e ruins.
Enquanto o noventa e dois
se encaminha para o fim,
Agora, graças a Deus,
Vou erguendo os braços meus,
pra poder cantar assim:

Quem parte leva saudades,
porque partir é romper,
os laços da amizade,
do trabalho e do viver,
Mesmo com o dever cumprido
eu não fui compreendido
por ter cumprido o dever!

Eu vou partir com saudade
vou morar em Salvador,
Depois de 14 anos
no cargo de diretor
vou mudar de atividade
pra minha felicidade
serei um padre-pastor!

Não levarei de ninguém
uma mágoa sequer,
vou partir bem disponível
pro que der e o que vier,
Tudo na vida me ensina...
Bye, Bye, minha Carpina,
até quando Deus quiser!

19

SURSUM CORDA

*Até o evento Vaticano II, o sacerdote ao celebrar a Missa pronunciava as palavras “SURSUM CORDA” (Corações ao alto), no começo do Prefácio. Essa expressão latina também se emprega para significar um apelo a sentimentos elevados, isto é, como incentivo ao dever de se manter a FÉ e a ESPERANÇA em qualquer circunstância da história...
Neste sentido é que se lê o conteúdo deste cordelzinho.*

Desabrochando esperanças
Noventa e quatro chegou,
Soprando um ar de bonança,
Com muita força e vigor,
Gerando fraternidade,
Trazendo felicidade,
Saúde, paz e amor!

O povão manifestou-se
Com palavras e expressões,
Com troca de “Boas Festas”
E no correio haja cartões!
Do Natal à Epifania
Reinou paz e harmonia
Renovando os Corações!

A nível salesiano
Um sangue novo a correr
Nas veias das nossas casas,
Como soe acontecer:
Obras vão se recompondo.
Novo inspetor estreando
E a gente querendo crer.
Diariamente se escuta,

Neste início de janeiro,
O encontro vocacional,
Foi o evento primeiro
Que a Equipe Pastoral
Com muita garra pensou,
Com brilho realizou,
Sendo um sucesso total!

Agora veio o RETIRO
Pra coroar este mês...
Uma graça, um “Kairós”
Que o Senhor mesmo nos fez.
Vamos, pois, aproveitar,
O Senhor nos quer falar
Chegou a hora e a vez.

E em nível nacional
A procura da verdade
Tem sido pra CPI
Um ponto de hombridade.
Nós todos queremos ver
O Brasil deixar de ser
O país da impunidade!
A esperança é uma espécie

Se acompanha e se vê
O Boris Casoy clamando
Pelos canais da Tê Vê:
“Precisa apertar o cinto,
passar o país a limpo,
pra gente poder viver...”

De farol a iluminar,
Quando a escuridão da sorte
Nos parece ofuscar.
Quem espera sempre alcança...
Contra toda esperança
E preciso se esperar!

Jaboatão dos Guararapes,
25 de janeiro de 1994.

20

“EU VOS RESSUSCITAREI”

*“Reflexão de um retirante,
diante do MAUSOLÉU dos salesia-
nos, no Santuário Nossa Senhora
Auxiliadora, durante os exercícios
espirituais de 25 a 31 de janeiro de
1994.*

Jaboatão - Colônia
PERNANBUCO

Vocês, assim como nós,
Também por aqui passaram...
Nos retiros meditaram,
Quer em grupo, quer a sós!
Provaram bem do “Kairós”
De Deus-Bondade-Amor...
Um dia Ele os chamou,
Como a nós vai nos chamar,
Para as contas acertar,
Com justiça e com amor!

Vejo tantas gavetinhas
Bem feitas, bem trabalhadas,
Quarenta já ocupadas,
cinquenta vaziazinhas...
Uma poderá ser minha,
Ainda não sei qual será...
Se um dia aqui chegar
O restante dos meus ossos,
Eu só quero um “Pai-Nosso”
Pra minha alma descançar...

21

IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO

“Se a escada é longa e a subida penosa, paramos para ‘respirar’ um pouco. Na vida também são necessárias ‘paradas’ para agente retomar fôlego: SILÊNCIO, REFLEXÃO, ORAÇÃO... Em seguida recomeçamos a subir com mais coragem”.

É refletindo este pensamento de LANTENOIS, que digo o seguinte:

O SILÊNCIO ME AJUDA NO RETIRO,
DEUS ME FALA TÃO LOGO ME CALAR!

Infeliz é aquele que não vê,
O valor do silêncio que constrói.
O barulho, por si só, já destrói,
Como é fácil a gente perceber.
Ninguém venha com essa de dizer:
“Mas, pra quê agora eu me calar?...”
Eu aqui vim para meditar
E nesta onda, sem medo, me atiro.
O SILÊNCIO ME AJUDA NO RETIRO,
DEUS ME FALA TÃO LOGO ME CALAR

A gente vive no meio da zoeira,
De manhã à noite... A toda hora!
Esse mundo da poluição sonora
Deixa a gente assim meio “leseira”.
Se eu desejo uma paz verdadeira
Com certeza nunca a vou encontrar,
Se primeiro não me exercitar
Na verdade que agora me refiro:
O SILÊNCIO ME AJUDA NO RETIRO,
DEUS ME FALA TÃO LOGO ME CALAR

Jaboatão dos Guararapes,
25 a 31 de janeiro de 1994.

22

ORAÇÃO E SILÊNCIO

Reflexão e mensagem de um retirante que sentiu dificuldades em fazer silêncio, neste RETIRO ESPIRITUAL de 18 a 23 de Novembro de 1991.

O próprio São Francisco de Sales reconhece que “se é difícil calar para escutar o outro falar... mais difícil ainda é fazer silêncio para ouvir a voz de DEUS”.

DEUS SÓ FALA AO CORAÇÃO
QUANDO A LÍNGUA SE CALAR!

Nós não somos cenobitas
Nem somos cistercienses
Não somos camalduenses
Nem tão pouco eremitas...
Mas, a consciência grita,
Que pra gente bem rezar
Precisa silenciar,
Entrar em concentração:
DEUS SÓ FALA AO CORAÇÃO
QUANDO A LÍNGUA SE CALAR!

Lá no Salmo trinta e três
Lê-se com felicidade:
“Cuidado com a falsidade...”
Veja lá, mais uma vez!
No falar seja cortês,
Evitando o “blá-blá-blá”
Queira a língua dominar,
que o silêncio é uma canção:
DEUS SÓ FALA AO CORAÇÃO
QUANDO A LÍNGUA SE CALAR!

Não traga rádio, nem fita
Evite a televisão,
Eis a nossa sugestão
E se quiser mais uma dica,
Esqueça em casa o que fica,
Procure não se lembrar...
O difícil é suportar
O ronco de certo irmão:
DEUS SÓ FALA AO CORAÇÃO
QUANDO A LÍNGUA SE CALAR!

Neste mundo barulhento
Neste “show” de confusão
O silêncio é uma lição,
É um discurso eloqüente.
Como a brisa está pro vento,
Como o rio está pro mar
Também eu pra meditar
Me agarro neste refrão:
DEUS SÓ FALA AO CORAÇÃO
QUANDO A LÍNGUA SE CALAR!

Jaboatão dos Guararapes, 23/ 11/ 1991

23

A POSSE DO NOVO INSPETOR

**“O NORDESTE JÁ TEM NOVO INSPETOR,
O VALÉRIO COMEÇA A GOVERNAR!”**

Somos gratos ao padre Orsini,
por tudo de bom que ele fez,
governou com muita sensatez,
colocando o pingo em cada “i”.
Planejou, agiu... e “c’est fini”,
com o seu próprio dom de liderar,
se cansou, mas não nos fez cansar;
dormiu pouco e muito madrugou
**O Nordeste já tem novo Inspetor,
o Valério começa a governar!**

Benvindo, ao Padre Valério Breda
que se define: “irmão entre os irmãos”.
Aqui estamos para nos dar as mãos
tudo de bom, o bom Deus lhe conceda.
Se algum dia a taça lhe for azeda,
nós estamos aqui pra adocicar.
Ele vai, então continuar
o que Padre Orsini delineou,
**O Nordeste já tem novo Inspetor,
o Valério começa a governar!**

Seu governo, vai entrar na história,
pois começa com um ano centenário,
partilhando de um rico calendário,
esperamos sucessos e vitórias!
Desejamos seis anos de muita glória,
nesta reta que leva ao limiar,
do terceiro milênio a despontar
sem deixar de olhar o que passou,
**O Nordeste já tem novo Inspetor,
o Valério começa a governar**

N.B. O Pe. Valério Breda não chegou a terminar o período de seu inspetorado, que seria de seis anos (1994-1999). Em agosto de 97, foi nomeado bispo para a sede vacante de Penedo/AL. Tendo sido sagrado bispo em 19.10.97, tomou posse da sua nova diocese, em 23 de novembro do mesmo ano

24

LAMENTO ECOLÓGICO

... para atender as alunas da 6ª série, turno vespertino, que com canetas e pranchetas nas mãos, me abordaram:

– Pe. Valdemar, falou uma delas, faça-nos uns versinhos sobre a ecologia!

E eu perguntei: a favor ou contra?

– Sei lá! O Sr. faz, padre?

– Está bem! Vou tentar...

E fiz este sonetinho...

O verde-esperança está morrendo,
Constatamos, com tristeza, dia a dia...
O sertão, tal qual deserto horrendo,
Vai perdendo as cores da alegria...

O canção é quem faz estripolia
Saltitando de cá para lá,
E com seu canto sofrido repudia,
Essa história de ver tudo se acabar

Já não existe mais nem peba, nem tatu,
Nem onça, nem tejo, nem caititu,
Até mesmo a paca e a cutia,

O caçote e o sapo-cururu,
Se escondem com medo do urubu...
Nesta era em que “já era” a ecologia!

Salvador , 07 de outubro de 1994

25

SÍNTESE CRONICOLÓGICA DO ENCONTRO DE FORMAÇÃO

*Curso de Formação Per-
manente, acontecido em Barbacena
- MG, de 11 a 29 de julho de 1994,
do qual participei, com mais vinte e
seis salesianos de várias partes do
Brasil.*

O frio aqui me inspirou
Rima versos e cordéis
Logo que aqui cheguei
No domingo dia dez.
Ligeiramente cansado
Vinha mal agasalhado,
Gelando até os pés.

Amanheceu a segunda
Temperatura três graus
Enfie-me nos casacos
Começando o dia mau.
O negócio aqui é “russo”
Eu só vim pra esse curso,
Por amor ao ideal.

Padre Carrara dizia
Na missa de introdução:
“Eu quis estar com vocês
Nesta concelebração...
E lembrou fraternalmente
Que a “Formação Permanente”
Se faz com o coração.

Se a gente de fato quer

Crescer, frutificar
Precisa-se refazer
Ter fome, se alimentar
Sejamos um pouco assim
Como a planta do jardim
Que até se deixa podar.

Na sala começou bem
C'os acertos do horário
Foi aquele vai e vem
Quase um compasso binário
Padre Ivo declarou
O Jairo coordenador
Com aplausos do plenário.

Entra em cena o SPENCER
Um jesuíta de valor
Que sobre a MODERNIDADE
Magistralmente falou.
Em três dias concentrados
Todos esquemas montados
Com arte os desmontou!

Um colega entrou em choque
Um outro quase desmaia
Mas enfim o tema em foco
Deixou gente de atalaia
Bassini, por caridade,
Não chame a modernidade
De “velha de mini-saia”!

Frater HENRIQUE CRISTIANO
Na espiritualidade
Desenhou alguns meandros
Que conduzem à santidade.
Na santa paz e concórdia
Falou da MISERICÓRDIA
Dentro da modernidade.

Discursando a “metanóia

“Que quer dizer: conversão
O frade falou com “jóia”
Palavras em profusão
Mais que coisa pessoal
É u’ a QUESTÃO SOCIAL
É total transformação.

Houve um dia de retiro,
Silêncio, reflexão.
Final de semana livre
Pra passeio e distensão
E no domingo esperado
O Brasil foi consagrado
Como TETRACAMPEÃO

Retomamos os trabalhos
Na segunda de manhã
Com o novo “pelestrante”
Padre Cleto Caliman.
Este experto em Teologia
Falou da MARIOLOGIA
Com muito ardor e afã.

Registrei sua abordagem
Super enriquecedora
Foi profundo o apanágio
Sobre a Virgem Mãe das Dores,
A Virgem dos oprimidos
Senhora dos desvalidos,
Virgem e Mãe Libertadora

Sobre a Eclesiologia
Dentro d’atualidade
Dedicou-se mais um dia
Perscrutando a realidade
Pelo ângulo da visão
Vê-se a inculturação
Reclamar prioridade

E a missa do Jurandyr

Que tentou “aculturar”?
Começou com a invocação;
“Oh meu Senhor, Kumbayá”.
Ao terminar o prefácio
A gente faltava um passo
Pra se africanizar!

Um espaço foi aberto
Para novas discussões
Entre as quais uma que alerta
Toda a jovem geração
A “New Age” ou Nova Era
Que pesa n’atmosfera
Gerando mil confusões.

Na semana derradeira
Refletimos a Moral
Em toda parte terceira
Do textão oficial.
Para nos assessorar
Veio o Frei JOSAPHAT
De São Paulo, a Capital

O textão oficial
De que fizemos menção
É o novo Catecismo
Na sua primeira edição.
Com “o Esplendor da Verdade”
Dois textos da mesma idade
Gerando a reflexão.

Com a platéia acrescida
Em número e qualidade
Começamos com quatorze
Agora está duplicada
É um sinal de interesse
Pelo assunto em apreço
Da nossa atualidade

Foram bem esmiuçadas

Questões e dificuldades
O que é hoje que se entende,
Como culpabilidade?
Fizemos u' aterrissagem
Na famosa "defasagem"
Relativa à santidade.

Gostei da convivência
Dos assuntos e dos temas.
Depois desta experiência.
Eu vou fazer meu esquema
"Adesso, mi vado via"
vou levando pra Bahia
Saudades de Barbacena.

Obrigado, meus amigos,
Colegas, Mestres e Irmãos
Ao pessoal de apoio
O meu aperto de mão.
Espero ainda ter vez
De me encontrar com vocês
Até logo, um abraço!

Barbacena, 29/07/94

26

FRAGMENTOS DO MEU RETIRO JABOATÃO – COLÔNIA 22 A 27/08/1994

Registrarei nestes versos
Lembranças do meu RETIRO.
De cada ângulo eu meço
Perscruto, vejo, admiro,
Exemplos edificantes
Da comunidade orante...
E nesta onda me atiro.

Segunda-feira à noitinha
No querido santuário
Iniciou-se o RETIRO
Precisamente no horário.
Éramos exatamente
Uns trinta e nove presentes,
Faltando os retardatários.

Foi ótima a introdução.
Esse Ricardo é demais!
Silêncio, reflexão,
Boa-noite e algo mais...
No céu a lua a brilhar
E a gente foi repousar
Envolto na santa paz.

Amanheceu vinte e três
Trazendo u'a chuva fina.
Bem cedo nos irmanamos
À toda América Latina,
Solidários com a história,
Celebramos a memória
De Santa Rosa de Lima.

“Eu devo ser testemunha,
Eu devo fazer memória,
Eu devo ser profecia
No tecido dessa história”.
Disse-nos o pregador
Com muita força e ardor,
Terça-feira às nove horas.

“Precisamos ser sinais
De um mundo que já vem vindo”,
Continua o Pe. Décio
Que acrescentou sorrindo:
“A vida religiosa
É doce, maravilhosa
E tem sabor de pepino”.

Mas não há rosa sem espinho
E nem espinho sem flor.
Aqui o nosso repouso
Foi um verdadeiro horror:
Descargas, portas, torneiras,
Pigarros e roncadeiras
Geraram muito pavor!

Eu nunca ouvi tanto ronco
Como agora desta vez.
De noite, de madrugada,
Das treze às dezesseis....
Tem nêgo que deu um “show”
Em quatro dias roncou
O que se ronca em um mês!

Por outro lado... Beleza!
Os momentos de oração.
A equipe se esmerou
No papel da animação.
Sampaio salmodiou,
Ferreira desafinou
No coral do Padre João.

Na animação, fiel,
Viva a irmã Nazaré...
Exerceu o seu papel
Pra gente cantar com fé.
Dom Bosco e Mazzarello
Dirão do céu: “Ma che bello!”
Nos aplaudindo de pé!

É isso aí, meus irmãos
E minhas irmãs queridas,
Tudo aqui foi muito bom,
Isto sim é que é vida!
Na mesa nada faltou
Dona Bebê caprichou
Tal qual “Mamãe Margarida”.

Paulo e Sônia demonstraram
Prazer em nos receber.
Eu vejo que a Colônia
Tá crescendo e vai crescer.
A banana aqui é doce
A coalhada é um colosso
Tem leite e mel a correr.

Sexta-feira foi o dia
De silêncio e oração
Preparado com carinho
Para a reconciliação.
Pra língua um “renunciar”:
Falar pouco e jejuar
Como mortificação.

Só que o Padre Mariano
No café da sexta-feira
Serviu-se só de um pratinho
Com cuscuz e macaxeira,
Mamão, coalhada, biscoito...
Bananas foram desoito,
Ultrapassando as barreiras!

Colônia Salesiana,
Saudades, recordações!
Por aqui já desfilaram
Gerações e gerações...
Voltar aqui é sentir
É por a alma e sorrir
É reviver emoções!

Nem tudo dá pra falar
Neste pequenino espaço.
Por aqui eu vou parar
Pra não provocar cansaço
Grato pela a atenção
Reafirmo-me irmão
A todos um grande abraço!

PARTICIPARAM DESTE RETIRO

PREGADOR: PE. DÉCIO ZANDONADE

SALESIANOS (SDB)

Pe. Alfredo Boldori
Coad. Antônio Cibin
Pe. Diego Vanzetta
Pe.. Edilson Alexandrino dos Anjos
Pe. Émerson José de Melo
Pe.. Euclides Gonçalves Ferreira
Coad. Francisco Gomes dos Anjos
Coad. Giovanni Pavan
Pe. Humberto Vieira de Barros
Pe. Jacyr Amadeu Gabriel Alves
Pe. João Batista Costa
Pe. José Almeida de Freitas
Coad. José Ferreira de Castro
Coad. José Maria de Oliveira
Pe. José Mauro da Silva
Coad. José Severino da Silva
Pe. Luiz Sampaio do Rêgo
Coad. Manoel Vicente da Silva
Pe. Mariano Miguel da Silva
Pe. Orsini Nuvens Linardi
Pe. Paulo Andrade
Pe. Raimundo Benevides Gurgel
Pe. Raimundo Ricardo Sobrinho
Pe. Rondon Ferreira de Andrade
Pe. Sebastião Alves da Silveira
Pe. Valdemar Pereira dos Santos
Pe. Valério Breda

SALESIANAS (FMA)

Ir. Helena da Fonte
Ir. Maria de Jesus Neri
Ir. Jocélia Zampirolli
Ir. Maria Carmem Bacelar
Ir. Raimunda Leite
Ir. Maria Zulene Maciel
Ir. Maria do Socorro Tabosa
Ir. Aines Bastos
Ir. Maria Onélia Marinho
Ir. Carmelita Félix
Ir. Josefa Benevides
Ir. Jesulira Oliveira
Ir. Maria de Nazaré Fortaleza
Ir. Zóe Gomes

27

SAUDADES DE “SEU” CHICO

“O Salesiano coadjutor leva para todos os campos educativos e pastorais, o testemunho do Reino de Deus...”

(cf. C 45)

Feleceu o “seu” Francisco,
Esse irmão justo e fiel,
Religioso exemplar,
Que Deus o tenha no céu!

Simplicidade, pobreza,
Trabalho e oração,
Mistura de singeleza
Ornaram seu coração.

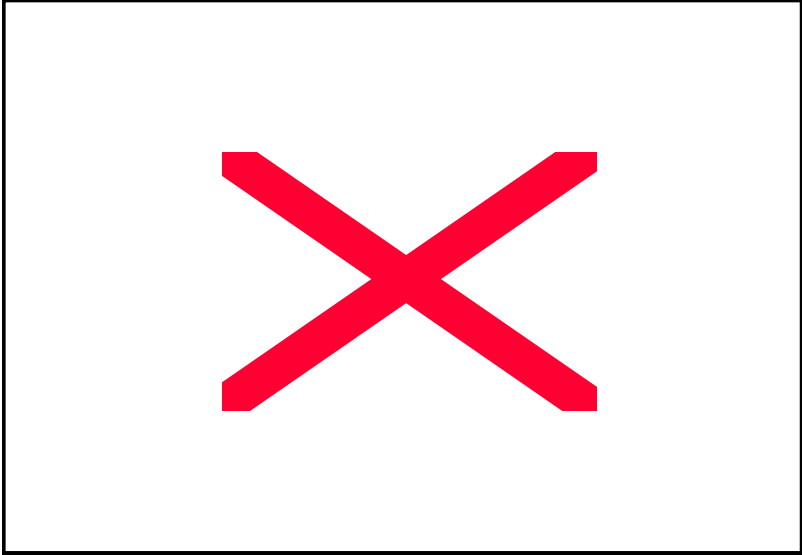
Foi devoto de Maria,
Na fonte da Eucaristia
Alimentou sua fé.

Operário da alegria,
Foi morar na companhia
De Dom Bosco e São José!.

Salvador, 21/12/1994.

28

MEUS VINTE ANOS DE SACERDÓCIO: RECORDAÇÃO!



Na foto estão 13 dos 15 Irmãos Pereira

“Que poderei retribuir ao Senhor Deus, por tudo aquilo que ELE fez em meu nome”? (SI 116,12)

Santana dos Pereira, no coração do Sítio Novo, Barro/CE, revestiu-se de festa naquela quarta-feira - 26 de julho de 1995. É que um filho da terra, PE. VALDEMAR PEREIRA DOS SANTOS, SDB, escolheu celebrar o seu 20º aniversário de ordenação sacerdotal, na capelinha da família, dedicada a Senhora Sant'ana, naquela localidade do sul cearense.

Além de doze irmãos, Pe. Valdemar contou com a presença de centenas de parentes, familiares e amigos que foram prestigiá-lo.

Durante a homilia, dentro da celebração Eucarística, o Pe. Valdemar encaixou seus VERSOS de ocasião.

Eu me lembro e você também se lembra,
Vale a pena recordar mais uma vez!
Já passaram, quem diria, vinte anos...
Era um sábado, de julho, vinte e seis.

Eu estava em Juazeiro com vocês,
Era festa, alegria e vibração.
Às vinte horas eu já me tornara padre,
Na igreja do Sagrado Coração.

O meu pai com oitenta e cinco anos,
Adoeceu de tanta emoção.
Não consegui chegar ao Juazeiro
Em Milagres recebeu medicação.

Ao raiar do domingo, vinte e sete,
Nas estradas só se via multidão,
Caminhando pressurosa pra Iara
Só em pensar me traz recordação!

Às nove horas celebrei a Santa Missa
Na Igreja-Matriz da Conceição
Onde eu fora batizado e crismado,
Onde eu fiz a 1ª Comunhão!

O dia todo foi festa e haja festa...
E a noite uma magna sessão!
Dia seguinte celebrei no Sítio Novo.
Que maravilha, ver aquela multidão!

Hoje, aqui, na capela de Sant'Ana
Recordando para a nova geração,
Esse passado tão saudoso e tão bonito,
Do lindo dia da minha ordenação!

Já passaram sete mil e trezentos dias,
Daquela “ontem” que já soma um tempão.
Bendirei, ó Senhor Deus, com alegria
Porque Tu és minha luz e salvação!

Que poderei retribuir ao Senhor
Por tudo aquilo que de bom ELE me fez?
Meus irmãos, meus parentes e amigos,
Vim celebrar esta MISSA com vocês!

Santana dos Pereira, 26 de junho de 1995.

29

RETIROSÍNTESE...

JABOATÃO - COLÔNIA
16 a 23 de agosto de 1995

Um literato aqui falou
Somente pra me inibir:
“Valdemar, leia seus versos
depois que a gente sair...”
Eu não me dei por vencido,
Irmão, tampe os ouvidos,
Se não quiser me ouvir!

Foi aquele que dormiu
Três dias sem se acordar,
Tal qual o profeta Jonas
Dentro de um peixe do mar.
Só depois de muito custo
Acordou com certo susto,
Pra poder participar.

Vejam bem, foram as Irmãs
Que pediram pra eu fazer,
Uns versos sobre o retiro
E eu disse: Vamos ver!
Conforme a inspiração
Tendo caneta na mão
Não é difícil escrever.

As Irmãs Salesianas
Herdeiras de Mazzarello
Com os filhos de Dom Bosco
Ambos da mesma seqüela,
Celebramos o RETIRO
Com muito proveito e brilho,
Nunca vi coisa tão bela!

A abertura se deu
Nesse dia dezessete,
Com um “Quorum” fabuloso
Como sempre se repete.
Entre Irmãs, Irmãos e Padres
De excelentes qualidades,
Contamos uns trinta e sete

Pelas dezenove e quinze,
Um canto gregoriano
Invocando o Criador
O nosso Pai Soberano,
Com outros hinos do Hinário
Encheu-se o santuário
Com vozes salesianas.

A chama tremeluzente
Do círio a iluminar,
Serviu de inspiração,
Pro pregador começar,
Perguntando com cautela:
“Que significa esta vela,
Que nome lhe vamos dar?”

E num silêncio reflexo
Fiquei assim a pensar,
Na vida que se consome
No dia-a-dia a lutar
Esta vela que reluz,
Faz-nos lembrar Jesus
Luz Eterna a nos guiar!

Porém lá no dormitório,
A partir da quinta-feira,
Das vinte à meia noite,
Pela madrugada inteira,
Muriçocas e morcegos,
Se afugentavam com medo
Fugindo da roncadeira.

Confesso que não dormi
Nenhuma noite inteira,
Pois o quarto do vizinho,
Parecia uma caldeira,
Fervendo a mais de cem graus,
Agora, imagine o caos
De estampidos e fumaceira.

Mas deixo isto pra lá...
Pois o bom supera o mau.
Se o descanso não foi bom,
Todo o resto foi legal.
O Padre Luc Van Looy
Tocou onde a chaga dói
Com pinça medicinal.

Nas suas comparações
O pregador comparou,
Moisés com São João Bosco;
Um Pastor e um Formador.
Naquele a sarça ardendo
Neste meninos correndo,
Num pátio de Educador.

Viajamos pela Bíblia,
Numa excursão de fé.
Nos encontramos com Jonas,
Com Moisés e Josué,
Elias, Sara e Tobias,
João, Mateus e Maria
E Jesus de Nazaré.

E neste clima prendado
Pela mão da natureza,
Aqui vivi oito dias,
De encanto e beleza.
Com saudade do Retiro
Logo mais me arretiro
Voltando pra Fortaleza.

A comida aqui foi boa
Um cardápio de primeira,
Alguns aumentaram o peso,
Foi o caso do Oliveira,
Que nem a cama resistiu,
Com o peso se partiu
Na noite de terça-feira.

Colônia de ontem e hoje,
Quem tu foste, quem tu és!
Agora com Antenor,
C'o um par de botas nos pés,
Tem ovos, tem porco e vaca,
Tem frutas, manteiga e nata...
A minha nota é um dez.

Este foi meu improvisado
Só fiz mesmo rascunhar.
Vou levar pra Piedade
E vou tentar burilar.
Quem sabe, se ficar bom,
Gilberto me dá o tom
E juntos vamos cantar!

Se você se interessar,
Ter uma cópia depois,
Basta me comunicar,
Como alguém já se dispôs.
Não tem aranha, nem teia...
É só discar: dois, dois, meia,
Mais nove, um, meia dois!

30

TRITA ANOS COM DOM BOSCO

Ao comemorar 30 anos de vida religiosa, neste 31.01.96, Pe Valdemar Pereira, sdb, recordou o ano do seu noviciado, o dia da sua 1ª profissão e tópicos de sua carreira, redigindo a seguinte reflexão, em rimas e versos:

HOJE ESTOU COMPLETANDO TRINTA ANOS, QUE, POR VOTOS, A DEUS FUI CONSAGRADO.

Meditando, meditei e escrevi
Estes versos embebidos de saudade,
Já pensando na minha terceira idade
Pois as duas primeiras já vivi.
Há trinta anos os votos emiti,
Era o fim do meu noviciado,
Recordando um tanto emocionado,
Apesar de mil e um meandros:
**Hoje estou completando trinta anos
Que, por votos, a Deus fui consagrado.**

No começo do ano 65
Fomos quinze para o noviciado,
Um grupão bastante admirado,
Sexto ano unido com o quinto.
Por amor à verdade eu não minto,
Foi um ano gostoso e animado.
Cada passo foi bem orientado,
Por humildes e bons salesianos:
**Hoje estou completando trinta anos
Que, por votos, a Deus fui consagrado.**

Os 14 companheiros de outrora,

O assistente e o mestre pranteado,
Eu os lembro com natural saudade,
No capítulo da minha pobre história.
Onde andam vocês, a estas horas?
Me deixaram sozinho, abandonado...
Ou será que porque fui arrastado
Pela força de um braço soberano?
Hoje estou completando trinta anos
Que, por votos, a Deus fui consagrado.

Dou-te graças, ó Deus, pois nem mereço,
Tu és meu Pai, por Ti eu fui criado.
Pra ser cristão, também, fui batizado.
Por tudo isso, eu muito Te agradeço.
Tanta bondade, Senhor, já nem tem preço!
Ainda jovem, um dia fui chamado,
Escutei, lutei, fui ordenado...
Espero estar incluso nos Teus planos!
Hoje estou completando trinta anos
Que, por votos, a Deus fui consagrado.

Jaboatão dos Guararapes, 31.01.96.

31

OS APUROS DE UM CEARENSE NO AEROPORTO DE ROMA EM 13 DE FEVEREIRO DE 96

Eu vou contar com meus versos
Os apuros que passei
No Aeroporto de Roma
No momento que cheguei.
Vinha mal agasalhado
Pra esse frio aloprado
Que de testa o enfrentei.

Viajei desde Recife
Com escala em Lisboa
Num grande avião da TAP
Com cerca de cem pessoas.
Um vôo sereno, tranqüilo,
Serviço a bordo no estilo,
Só vendo que coisa boa!

Eu não viajei sozinho
Vim com meu Inspetor,
Era pra virmos os três
Mas o João Carlos ficou.
Perdera seu passaporte
Pouca sorte ou muita sorte
No fim fui eu quem dançou.

Tomei conta da bagagem
No Aeroporto de Roma,
Já que o Pe. Inspetor
Dali seguiu pra Verona.
O Nélio, eu e Gonzaga
Enfrentamos a parada
De passar pela “Dogana”.

Até ali tudo bem
Nada nos preocupou.
Mas na “Guarda de Finanças”
Aí o “bode berrou”.
Um guarda gritou: “Allora,
Viene qua”, sem demora
Meu passaporte tomou...

Entreguei o documento
Dizendo: “sou brasileiro,
E essa bagagem aí
É de outros companheiros,
A minha extraviou,
Nesse avião não chegou...
Vejamos isso primeiro!”

Eles nada me entendiam
E nem me davam atenção.
Aí eu fiquei nervoso
E soltei um palavrão:
“Se não querem me ajudar,
Não venham me complicar,
Aí é esculhambação!”

Fui parar num escritório
Os “fardados” eram três.
Chega um e chega outro
Daqui a pouco eram seis.
Me interrogaram a miúdo,
Mexeram, viraram tudo,
Por mais de sete vezes.

Descobrimo os “K7”
Os “CD” deram na vista,
Um ia abrindo os pacotes
Um outro fazendo a lista
Enquanto me interrogava,
Um lá vociferava:
“Tu sei un contrabandista!”

Eu tentava explicar,
Falando meu italiano,
Que tudo era pra “regalo”,
Nunca enganei, nem engano
Que nada ali era meu...
O que era meu se perdeu,
E eu estava em maus panos!

Eu tentei negociar,
Ofereci rapadura...
Havia também castanhas
E pinga daquela pura,
Um olhou, pegou, cheirou,
Mas logo desconfiou...
É u’a questão de cultura!

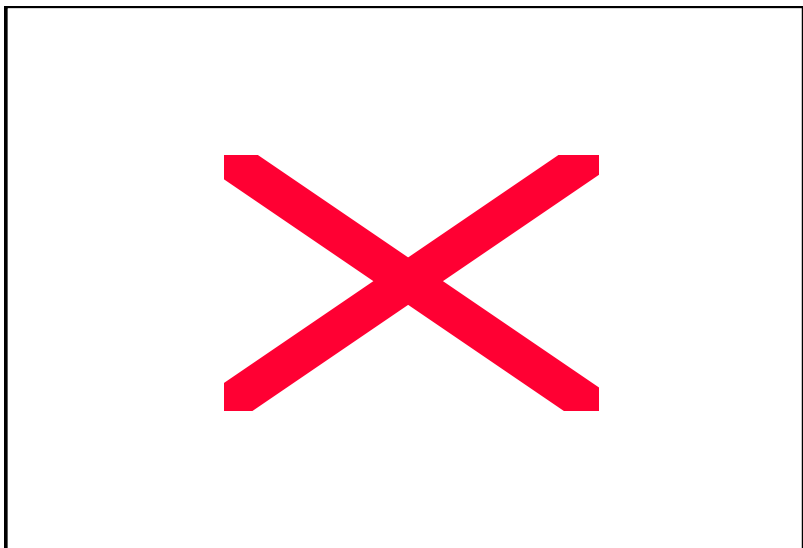
Depois de um vira-e-mexe,
Lá vem papel pra assinar,
Recebi meu passaporte
Com uma multa a pagar.
Fizemos duas viagens
Pra retirar as bagagens
E a novela terminar.

Se não fosse essa novela
que ia me atrapalhando,
Estaria mais feliz
Do que um pato nadando.
Essa Roma é uma beleza
É melhor que Fortaleza...
E por aqui vou ficando

Roma, 20.02.96.

32

LEMBRANÇAS INAPAGÁVEIS DA TERRA SANTA...



Visitar a TERRA SANTA é um grande dom de Deus, é uma ocasião rica de graças que não se pode desperdiçar. O silêncio, a oração, a escuta e a reflexão... são atitudes que a gente assume, naturalmente, ao entrar em contato com essa experiência única e irrepetível, de pisar no chão que Deus santificou através da Encarnação do Verbo. No Santuário da Anunciação, em Nazaré, a gente lê com emoção, gravada num antigo mármore, já gasto pelo tempo, a seguinte inscrição: “VERBUM CARO HIC FACTUM EST” (Aqui o Verbo se faz carne).

Na “Terra Santa de Israel” a gente vai, antes de tudo, para ler aquele “quinto evangelho”, constituído pela terra, pela história, pela arqueologia... E ali se aprende a amar melhor o Evangelho e toda a história maravilhosa da salvação, realizada por Deus, através dos séculos.

Ir à Terra Santa é fazer um belo Exercício Espiritual, no contexto de uma aventura turística.

Eu fui, vi e apreciei... Por isso quis registrar para os meus familiares, meus conterrâneos e os queridos ouvintes da RÁDIO BOA ESPERANÇA algo das minhas muitas impressões.

Para isso preferi rimar em versos... usando o seguinte mote:

O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH’ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Já morei na Itália por dois anos,
Lá em Roma eu vi tanta beleza,
Em Turim, em Milão e em Veneza,
Desde o Norte ao Mar Mediterrâneo...
Conheci Pompéia e Herculano,
O Vesúvio querendo se acordar...
Estudei numa Universitá...
Se eu me lembro de tudo aquilo ainda:
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH’ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Da Europa são muitas as lembranças,
Das montanhas nevadas e florestas,
Do clima e da natureza em festa,
Da “guerra”, da paz e da bonança.
Fui à bela Paris, lá na França,
Também Londres eu a quis visitar.
Aliás, eu fui lá prá estudar...
Mas tudo isso pra mim é chuva fina:
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH’ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Visitar a distante Terra Santa,

Eis um sonho que sempre acalentei.
Finalmente, agora realizei,
Por isso minha voz ainda canta.
A poeira da saudade se levanta
Cada vez que me ponho a recordar.
A memória vai pra lá de Bagdá,
Evocando suave e peregrina:
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH' ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Visitei Caná da Galiléia,
Tabgá, Naím e Nazaré,
A beleza do Lago Genezaré,
Na antiga província da Ituréia.
E dali rumamos pra Judéia...
Oh! Como é doce e suave recordar!
A paisagem deserta de Judá,
Está viva ainda na retina:
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH' ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Sobre o Monte das Bem-Aventuranças
Celebramos o Santo Sacrifício,
Recitamos o matinal ofício,
Tudo isso eu conservo na lembrança.
E dali proseguimos na andança,
Pelas margens do Jordão, a contemplar
Os pescadores com redes a pescar,
Sob um céu chorando uma neblina:
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH' ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Na Judéia, hospedei-me em Belém,

A mais santa “Cidade de Judá”,
Com dormida, almoço e jantar...
Avistando dali Jerusalém.
Eu agora já posso entender bem,
Porque veio Jesus ali morar,
Numa gruta humilde se hospedar,
Ao nascer da Virgem Peregrina:
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH’ ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Jerusalém, oh! “Cidade de Davi!”
Te contemplando, um dia, Jesus chorou,
Sofreu, morreu, porém ressuscitou!
Só o sepulcro, ainda está ali...
Fui ver de perto, até por dentro eu vi!
Só com a rima não dá par se contar...
Mas, concluindo, não só para rimar,
Repitirei: que Terra Santa e linda!
O QUE VI E SENTI NA PALESTINA,
DA MINH’ ALMA JAMAIS SE APAGARÁ!

Juazeiro do Norte, dezembro/96.

33

HOMENAGEM AO PE. JOSÉ ROLIM POR OCASIÃO DOS SEUS 70 ANOS (04/12/96)

Um não prá ele é um não,
Um sim será sempre SIM.
Prá ele a congregação
É um princípio e um fim...
É claro que estou falando
Daquele paraibano
Chamado: José Rolim

O Pe. José Rolim,
Exemplo de vocação,
É um modelo prá mim,
É um amigo e irmão!
Com a Bíblia ou com a bola,
Na paróquia ou na escola,
“Champra” evangelização!

No saudoso aspirantado
Ele foi meu conselheiro,
Professor admirado,
Meu amigo e companheiro.
Falou sempre com ardor:
é um grande pregador,
Nordestino brasileiro!

Quando o Pe. Zé Rolim
Esquece o nome de alguém,
O trata de “Seu Bichim”
Ou “Seu Coisinha” também.
Aquilo é tão natural!
Provoca riso geral...
E sorrir sempre faz bem!

Sorria Pe. Rolim
E faça os outros sorrir!
O riso é manto da vida,
Por isso devemos rir...
Tudo, tudo vale a pena
Se a alma não for pequena,
Na dança do existir!

34

HOMENAGEM AOS IRMÃOS DA PRIMEIRA PROFISSÃO RELIGIOSA 1997

“Consagra-os com a verdade: a verdade é a tua palavra. Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os envio ao mundo.”(Jo 17, 17 - 18)

Exultando de alegria
Nós saudamos os irmãos
Que hoje, em Barbacena,
Os votos emitirão.
Deixando de ser noviços,
Vocês partem pro serviço
Dentro da congregação.

De Minas são: O Ronaldo,
O Jovandir e o Miguel,
O Carlos José de Melo
E o Claudinei Mascarel...
Eu não conheço nenhum,
Mas rezo por cada um
Pra que sejam bem fiel!

Da ISMA são quatro heróis:
O Euliene e o José,
Tem também o Luiz Carlos,
E o outro Luiz, que é
De Jesus, conforme assina...
Talvez são de Murutinga.
Paricatuba ou Tefé?...

No grupo dos nordestinos
Temos o Sérgio Luiz,
Lenilson, José Pereira,
E o Francisco (sem Assis)
Gilberto Antônio da Silva
Dos cinco, só três são “Silva”
Quem silva, canta feliz!

Mediante a profissão
Dos votos, que serão três,
Consagrem seus corações
Serenos, sem altivez...
Deus lhes dê felicidade,
Avancem na santidade,
Dom Bosco está com vocês!

O voto da OBEDIÊNCIA
Os dispõe a obedecer,
Livramento conscientes
Abram os olhos pra ver...
Vejam de Deus, a vontade
Agindo na autoridade,
Quando lhes “manda fazer”!

A CASTIDADE consagrada
Liberta o coração,
Reforça a amizade,
Enriquece o “ser cristão”,
Alimenta o amor a Cristo,
Que foi casto e basta isto,
Pra crescer na vocação!

Quanto ao voto de POBREZA
Vivido em comunhão,
Os leva ao desapego,
Libertando o coração:
“Aquilo que é meu é teu,
Aquilo que é teu é meu”
Somos a congregação!

Recebemos o convite
Da primeira profissão...
Eu quisera estar presente,
Naquela celebração...
Mas, querer não é poder,
A gente fica a torcer...
Parabéns! Um abraço!

Juazeiro do Norte, 31. 01.97.

35

PADRE PEDRO: “UM MÁRTIR IARENSE”

*Homenagem póstuma ao
Padre Pedro Alexandre Sobrinho,
por ocasião da celebração dos cinco
anos do seu falecimento*

+ 13.05.1992 - 13.05.1997

O Padre Pedro Alexandre
Nasceu no Sítio Queimadas,
Vizinho a Boa Esperança,
D’uma família ilustrada.
Um dia partiu chorando,
Pra depois voltar cantando,
pra sua eterna morada.

Todos somos testemunhas
De sua santa alegria.
Tinha um sorriso sereno,
Nada o entristecia.
Com esta marca tão forte,
Sorria encarando a morte,
Com natural simpatia.

Foi padre de alma pura,
Brilhou como um cristal,
Buscou nas Escrituras
A luz celestial.
De posse desse clarão,
Iluminou multidão,
Nas sendas do ideal.

À Ordem Cisterciense
Padre Pedro pertenceu.
Chamou-se: Frei Aloísio...
Na santidade cresceu.
Foi monge por alguns anos,
Foi padre diocesano,
A experiência valeu!

.Foi vigário de paróquias:
Em São Paulo e na Bahia,
Goiás, Rio, Alagoas...
Com muita sabedoria.
Por onde ele passou,
O Evangelho pregou,
Com Fé, amor e alegria !

O Padre Pedro Alexandre
Morreu “martirizado”
Na Baixada Fluminense,
Há cinco anos passados.
Aquele tragédia dura,
Causou-nos muita amargura,
Deixou-nos atordoados

Seu corpo foi sepultado
Na sua terra natal,
No interior da igreja,
Com licença episcopal.
Iara se enriqueceu,
Vendo assim um filho seu,
Tornar-se memorial!

No sepulcro restam cinzas,
Nos corações a memória.
Nestes versos ritmados,
Fragmentos da história,
Daquele filho de Iara,
Que plantou nesta seara.
Pra colher na eterna glória.

Iara, tu tens um mártir,
Plantado no próprio chão!
O corpo do Padre Pedro
Repousa no coração
Desta terra abençoada,
Com razão considerada
Celeiro de Vocação.

Padre Pedro, meu amigo,
Mais que amigo, meu irmão!
Machuca-nos a saudade,
Dói-nos a separação...
Lá do céu, longe da dor,
Roga a Deus que a PAZ e o AMOR
Reinem em cada coração!

Juazeiro do Norte, 13 de maio de 1997

36

PADRE ALMEIDA, PARABÉNS!

*Homenagem no transcurso
do JUBILEU DE PRATA
SACERDOTAL do amigo e irmão,
em Dom Bosco, Padre Almeida de
Freitas, sdb.*

*Caririçu - CE- 09.07.72 -
09.07.97*

Naquela noite de abril
O telefone tocou,
Correndo, fui atender,
Preludiando um “alô”
Do outro lado, feliz,
O Padre Almeida me diz:
“O meu jubileu chegou!”

O nosso homenageado
Nasceu no Sítio Cedron,
Aos onze dias de março
De um ano não muito bom...
Era seca deflagrada,
A cigarra já cansada,
Chilrava perdendo o tom!

Eu quero você presente
Lá em Caririçu...
Escreva na sua agenda
Com a letra bem “azu”.
É dia nove de julho...
Quero festa sem barulho,
Baião-de-dois com andu!

Seca de quarenta e dois,
Sertãozão estorricado...
Naquele ano o Almeida
Nasceu e foi batizado.
Salve dúvida ou engano,
Por volta do meio do ano,
Ele foi também crismado!

E na mesma ocasião
Recomendou que eu fizesse,
Na missa, um “sermãozinho”,
Mas queria tudo em versos...
Um tal pedido é comando!
No estilo salesiano,
Começamos a conversa:

Teve uma infância normal
Com baladeira na mão,
Calças curtas, braços nus,
Pisando firme no chão.
Criado pelos avós,
Ouvindo um dia uma voz
Prenunciando a missão!

Tal qual um Samuel,
Um Moisés, ou Jeremias,
Amós ou Daniel,
Ou um Profeta Isaías...
Almeida também vibrou,
Quando a voz do Criador
Chamou-o pras profecias!

Almeida se preparou
Pra exercer a missão...
Seu sonho desde menino
Teve logo uma ascensão.
A vocação decidida,
Foi se firmando na vida,
Ao longo da Formação!

O seminário menor
Foi em Recife e Carpina;
O santo noviciado
Naquela Jaboaão linda;
Sorrindo com alegria,
Foi cursar Filosofia
Nas longes terras de Minas.

Terminada aquela etapa,
Com muito ardor e fé,
Almeida foi trabalhar,
Na linda Baturité.
Educador de meninos,
Um ano de “tirocínio”,
Na “Terra do bom café”.

Dali seguiu pra Natal
Continuando a missão,
Na casa salesiana,
Com outros novos irmãos.
Termina o sessenta e oito,
Com mais um passo afoito
Na senda da formação.

O encontrei em São Paulo
Cursando Teologia,
Crescendo na santidade,
Ciência e sabedoria,
No trabalho e oração,
Estudo e reflexão,
Ali tudo era harmonia.

Combateu o bom combate
Numa ascendência de fé...
Cheio de entusiasmo
Almeida disse: “Pois é,
Serei logo sacerdote,
Nas mãos de Deus minha sorte
Seja como Ele quiser!”

Era julho, dia oito,
Véspera da ordenação
De Almeida e Ancilon,
Dois jovens, primos-irmãos...
Carriagu parou,
O povo se concentrou
Pra grande recepção.

A cidade se enfeitou
Qual uma filha de rei,
Pra receber os seus filhos,
Logo dois de uma vez.
Esse evento inusitado,
Por longo tempo esperado,
Superou todos os anseios.

Bandeiras, faixas e flores,
Acenos largos de mãos,
A banda com seus acordes,
Baterias, foguetões...
Na entrada da cidade
Tud’era felicidade,
Alegria e vibração!

Ruelas, ruas e praças,
Travessas e quarteirões...
Toda a Carriáçu
Concentrou sua atenção,
Pra aquele evento de fé
O povo aplaudiu de pé...
Não foi brincadeira, não!

Amanhece o dia nove
Vem raiando o novo dia...
Os pardais alvoroçados
Orquestrando a sinfonia...
Na torre badala o sino
Varre o céu um vento fino,
Descortinando alegria!

A missa da ordenação
Foi na matriz de São Pedro
Onde o Monsenhor Vicente,
Ali chegou muito cedo
Pra conduzir seu rebanho,
Com aquele zelo tamanho
Q' os santos guardam em segredo!

Dom Expedito Eduardo
Foi o bispo que ordenou
Os dois jovens eleitos
Sacerdotes do Senhor.
Naquela função vibrante
Mais outros dez celebrantes
Consagraram o "Pão do Amor"!

Todo mundo se uniu
Foi um belo mutirão,
Em torno daquela festa
De alegria e emoção!
Me lembro daquele almoço,
Menino, foi um colosso!
E viva a recordação!

Cinco lustros são passados
O jubileu é de prata...
Um quarto de século faz,
Desde aquela grande data.
Era julho, dia nove,
Essa data nos comove...
Quanta recordação grata!

Padre Almeida, sua história
Dá um filme bem bonito...
Se perde no horizonte
De um colorido infinito!
Isto aqui é uma abordagem
Visto como uma miragem...
Vai além, aqui eu fico!

Juazeiro do Norte, 09.07.97

37

RETIRO ESPIRITUAL DOS SALESIANOS E FILHAS DE MARIA AUXILIADORA CARPINA, 18 A 23/08/97

Este versos foram rabiscados momentos antes do almoço festivo do encerramento do RETIRO e proclamados naquela mesma ocasião, ao tilintar dos talheres e aroma das sobremesas, delicadamente, preparadas pelas freiras do Juvenato Maria Auxiliadora...

Pensei em não escrever,
Porém, quis justificar
Rabiscando seis estrofes
Pra quem quiser escutar.
Rimando sem compromisso
Só não quero ser omissos
Não custa nada rimar.

Então posso declarar
Com toda vera da alma
Que o retiro foi legal
E tudo correu na calma
Com um pregador mineiro
Competente e piadeiro
Que mereceu muita palma.

O grupo foi bem seletos
Com bispo, padres e freiras
Irmãos coadjutores.
Convivência verdadeira
Aqui a gente rezou
Refletiu e meditou
Durante a semana inteira.

Um sorriso de esperança
Um apelo de conversão
Mais do que o “fiorino”
Dado pelo “seu” Falcão”
Foi a leitura ilustrada
Co’ a panela quebrada
Pra nossa meditação.

A vida religiosa
É uma consagração
Exige fidelidade
Numa total doação...
Tão livre quanto querida
É a doação da vida
Entregue a uma missão!

Eu gostei deste retiro
Digo com sinceridade
Agradeço ao Deus da vida
Por esta oportunidade
Queira Deus que para o ano
Aqui juntos estejamos
Crescendo na santidade!

38

O SEGREDO DA MEDITAÇÃO

Educar como Dom Bosco
É coisa do coração
Só mesmo com muito gosto
Se constrói EDUCAÇÃO;

Cultivando a disciplina
Temos tudo em nossas mãos.
Cresceremos em família
Construindo a EDUCAÇÃO.

No esporte e na alegria
No estudo e na oração
Nós crescemos cada dia
Construindo a EDUCAÇÃO.

Educando e educador
Estão no mesmo vagão
Do trem que corre seguro
Nos trilhos da EDUCAÇÃO.

As vezes eu penso, meu DEUS,
Tende pena e compaixão.
Das pessoas que só fazem
Destruir a EDUCAÇÃO.

Por essas pessoas, peço,
Senhor Deus, o teu perdão,
Pra que despertem um dia
Pro valor da EDUCAÇÃO.

Fortaleza, 15.10.93

Parte - II
PROSA

1

EVOCÇÃO DA MINHA PRIMEIRA VIAGEM À EUROPA...

*Recife - Roma... Uma bela
aventura! Um sonho que se tornou
realidade...*

“AQUECENDO AS TURBINAS”

Vinte e cinco de janeiro de 1980, seis horas da manhã...

Engolindo ainda uma espécie de soluço que sobrava da noite anterior, eis que é chegada a hora de dar um adeus ao Colégio Salesiano São José, de Natal. Chamamentos e outros destinos, desta vez uma viagem à Europa, interrompiam o 3º ano de sadia convivência, na direção daquela casa, daquele relacionamento de crescente amizade fraterna, naquele “oásis” educacional, florido no bairro da Ribeira.

Não foi fácil separar-me daquele pedacinho da minha vida, daquela paisagem enfeitada de palmeiras que debruçam com majestade, suas copas verdes sobre o espelho das águas azuis do Potengi.

E aí, com minha bagagem de 22 quilos, divididos em dois volumes, transpus o velho portão da Junqueira Aires e dirigi-me ao Aeroporto Eduardo Gomes, iniciando a sonhada viagem rumo à Europa. Um vôo sereno e curto da VASP, com duração de 25 minutos, me levou até Recife.

Fui a Jaboatão. Fiz o retiro até o dia 31, Festa de Dom Bosco. Voltei a Recife e fiquei à espera do momento do grande vôo.

QUATRO DE FEVEREIRO: O DIA “D”

Aquela segunda-feira, 04 de fevereiro, amanheceu enfaruscada, marcada pelo grande calor característico da época. Recordo que ainda se misturavam no assoalho do quarto o último clarão do luar com os primeiros raios do sol nascente. Temperatura: 29º... calor

abafado. Procurei misturar o forte ruído dos carros da Rua Dom Bosco com o “som” dos animados forrós que partia do meu radiozinho de pilhas. Pensei forte: amanhã por essas horas estarei, no mínimo em Lisboa... Fiz a barba, tomei um banho, arrumei, mais uma vez, as malas, olhei o passaporte e juntei ao bilhete de viagem, com medo de esquecer as coisas mais importantes...

Durante todo aquele dia procurei, sem encontrar, algo que me fizesse “matar o tempo”. Foi um dia longo. Talvez o mais longo de minha vida. Nem os dias primaveris da Europa são assim tão compridos!

Com a viagem prevista para às 19:00 horas, às 17:00 horas chega um grande amigo, o Sr. Sebastião Costa, com alguns dos seus familiares para me levar ao aeroporto. Ali submetemo-nos ao ritual próprio de uma viagem internacional: despacho de bagagens, exames de passaporte, carimbos, declaração de objeto de valor (que não existia)... Os últimos abraços... E os primeiros passos na pista de acesso ao avião.

EMBARQUE E VIAGEM

Era um grande avião da TAP - Transportes Aéreos Portugueses. Enquanto os passageiros ocupavam seus lugares, éramos cerca de 300, eu já sentado na poltrona 106 (janelinha, lado direito), ouvia uma linda música portuguesa, ao mesmo tempo em que fazia um grande esforço para ficar mais tranqüilo, no interior “daquele mundo desconhecido”. Li numa papeleta de bordo o seguinte: “Welcome to the future now”, já traduzido ao lado, “Bem-vindos a bordo do progresso”. E logo as turbinas do enorme aparelho foram acionadas e o monstro foi sendo preparado para a decolagem. Feita a manobra, iniciou a carreira, mais e mais... até que despregou-se da pista e dentro de alguns segundos estávamos no ar, ganhando alturas...

A terra era já alguma coisa lá por baixo. Olhei pela janela, vi o Recife como um mar agitado de luzes. Enquanto isso uma voz feminina dava-nos as boas-vindas a todos nós reunidos nessa “cidade voante”. E a voz num agradável sotaque português assim falou: “Se-

nhoras e senhores passageiros, sejam todos bem-vindos à nossa aeronave, Airbus A-340. Acabamos de alçar vôo do Aeroporto Internacional dos Guararapes e anunciamos que o período previsto da nossa viagem até Lisboa é de 06 horas e 50 minutos, aproximadamente, sem pouso. Nossa aeronave voará à altura de 12 mil metros e desenvolverá a velocidade de 1.100 quilômetros horários. Logo mais serviremos o jantar... Queremos desejar a todos uma viagem o mais agradável possível”.

Dito isso a música continuou muito suave. Olhei outra vez janela a fora, tudo era escuridão naqueles espaços infinitos. Sabia que para cima o misterioso firmamento era além da camada de ozônio e para baixo pressentia o imenso colchão de nuvens a nos separar do abismo das águas do Atlântico, povoados de peixes e monstros marinhos. A sensação era ter já atingido àquela altura anunciada pela aeromoça.

A tripulação de serviço começou a distribuir bandejas com jantar completo. Tudo ainda era estranho. Voltei-me para o vizinho da poltrona, tentei conversar, mas, não nos entendíamos. Era um alemão, tremendamente gordo. Apenas com gestos e qualquer expressão idiomática, ofereceu-me cigarros. Cavalheiramente, renunciei-o dizendo uma expressão alemã, a única que sabia, “danke schon!” (muito obrigado)... À minha esquerda, uma senhora deixou cair os óculos... Apanhei-os e ela me agradeceu em inglês, perguntando também se eu entendia seu idioma. E eu com “segurança” arrisquei responder: “Yes, Madam, I understand a little...”. Mas, na segunda pergunta, fiquei embatucado.

Foi servido um gostoso jantar. Depois li jornal, ouvi música ao ouvido e as luzes foram apagadas. Cada um procurou tirar uma soneca.

A noite avançava a dentro e no nosso avião fluuava sereno àquela altura e velocidade já anunciadas no início. Tinha consciência de que o Brasil ficara bem atrás. Sabia que estava indo em direção reto-diagonal à costa africana. Entreguei, mais uma vez, essa aventura à proteção da Virgem Maria, minha Mãe e Auxiliadora. Procurei cochilar um pouquinho. O silêncio favorecia. Alta madrugada, uma voz da tripulação anunciava: “Senhores passageiros, estamos neste preciso momento sobrevoando o arquipélago das Canárias...”. Olhei

o relógio, eram 03:40, horário brasileiro. Consultei o mapa recordando os meus conhecimentos geográficos, que são muito preciosos nesses momentos. Localizei muito bem o dito arquipélago, que está em pleno Oceano Atlântico, a oeste de Marrocos, o qual pertence ao domínio espanhol e cuja maior ilha chama-se Las Palmas.

A tripulação começou servir um cafezinho acompanhado de iguarias. É preciso notar que as “seis horas e cinquenta minutos” de duração do vôo estavam para se esgotar. Logo, Lisboa estaria próxima. Isso mesmo! Começamos a perceber que o avião estava perdendo altura. Fomos informados daí a pouco que dentre alguns minutos estaríamos pousando na pista do Aeroporto Internacional Portela de Lisboa. A cidade dormia sob uma temperatura muito baixa, (7°). Agasalhei-me, o quanto podia e preparei-me para pisar pela primeira vez no chão de Portugal, na Europa, ou melhor no Velho Continente! Para mim significava muito. Hora local: 05:00 horas da manhã, daquele 05 de fevereiro de 1980. Era uma terça-feira.

Na fila dos passageiros em trânsito, à espera de conexão, recebi autorização para apanhar um táxi e dirigir-me ao luxuoso “Lisboa Penta Hotel” (hospedaria da TAP). Ali dormi algumas horas e depois do café fiz uma visita relâmpago ao centro da cidade “sempre airosa”, como cantam os portugueses.

Ao meio dia e meio, novamente no aeroporto para o embarque. Desta vez num jato da Alitalia. O trajeto foi Lisboa-Milão-Roma. Três horas sobrevoando Portugal, grande parte do território espanhol, sul da França até Milão, no norte da Itália. O que mais me impressionou, naquele dia de sol brilhante, foi a visão estupenda das montanhas alpinas cobertas de neves, em contradição com o verde fértil que predomina o Vale do rio Pó. Era o final da estação invernal.

Em Milão havia uma forte cerração, condensando-se ao longo de pista de aterrissagem. O avião fez um pouso daqueles que os técnicos chamam-no de “crítico”. Pista escorregadia e visão comprometida... Mas, tudo deu certo... Menos o frio no meu corpo, não preparado para o impacto daquela temperatura de um pouco abaixo de zero grau.

No Aeroporto Malpensa, a 50 quilômetros do centro de Milão, uma hora de espera e depois uma hora e meia de vôo até Roma.

Na chegada em Roma encontrei-me com o amigo Pe. Mário Miele, que me esperava e fraternalmente me acompanhou até a UPS - Universidade Pontifícia Salesiana, prestando-me esse serviço inesquecível de acolhimento, pelo qual sou-lhe eternamente grato.

PRIMEIROS DIAS EM ROMA

Ali encontrei amigos e colegas de outrora... dos bons tempos de filosofia, de teologia (em São João-del-Rei e São Paulo, respectivamente) e logo fui-me familiarizando com a nova língua e costumes diferentes.

Recordo que minha primeira saída foi para visitar o Vaticano. Ao avistar a majestosa Basílica de São Pedro, uma alegria imensa se apoderou de mim. À medida que me aproximava daquela grandiloqüente harmonia, vista da “Via della Conciliazione”: a praça mais vasta de Roma, com 240 metros de largura, por 340 metros de comprimento, no centro um obelisco egípcio, com 25 metros de altura, a fachada da basílica, a grandiosa e sugestiva cúpula projetada por Miguel Ângelo, a Fonte de Bernini... isto para falar do poema harmônico de imensidade e beleza, que o peregrino sente impresso na retina dos seus olhos, como eu senti.

Uma estranha sensação tomou conta de mim... tinha dificuldade em acreditar que de fato eu estava em Roma... no Vaticano... no centro espiritual e governamental da Igreja Católica. Na sede dos papas, em toda a longa História da Igreja, desde Pedro até João Paulo II (exceto em algum período conturbado, como aquele do século XIV, em que o Sumo Pontífice foi obrigado a fugir para Avinhão, na França).

Penetrei no interior da Basílica... Senti-me pequeno e perplexo, no meio daquela nave central de dimensões imensas (186m de comprimento, 46m de altura). No altar da primeira capela da nave direita, parei para contemplar a “La Pietá”, uma das obras mais belas de Miguel Ângelo, esculpida quando jovem de 24 anos. Nos joelhos da Virgem está o corpo inerte do Cristo, que parece adormecido. Uma solene severidade e um véu de tristeza, envolvem aqueles dois belíssimos corpos.

Nos nichos dos quatro colossais pilares estão as estátuas de Santo André, Santa Verônica, Santa Helena e São Longino... Assentada no trono, está a célebre estátua de SÃO PEDRO, esculpida em bronze (obra atribuída a Arnolfo di Cambio). Impossível descrever tudo... A minha alegria foi redobrada quando vi a estátua de Dom Bosco, em lugar de destaque, bem perto do Baldaquino de Bernini, que recobre o altar papal.

A Basílica de São Pedro, como todo panorama geral do Vaticano, me fascinou pela sua magnificência e grandiosidade, como acontece a todo turista que vai a Roma.

Foi com essas primeiras impressões que me escrevi, como aluno do Curso de Espiritualidade, na Universidade Pontifícia Salesiana, no início de fevereiro de 1980, para o biênio de 80-81...

2

“MINHAS PRIMEIRAS FÉRIAS NO VELHO CONTINENTE”

O QUE VI, APRECEI E GUARDEI
DURANTE 60 DIAS EM 6 PAÍSES
DA EUROPA...

Final do 1º semestre do biênio de Espiritualidade!

Exames terminados, malas arrumadas, passagens compradas, tudo pronto para viajar. A UPS (Universidade Pontifícia Salesiana) cada vez mais tornava-se deserta. Dos seus mais de duzentos alunos, deste ano letivo de 79/80, restavam poucos, presentes ainda na vastidão dos pátios e pórticos ou passeando na paz das avenidas asfaltadas, ladeadas de pinheiros e ciprestes. Entre os quais, os três latino-americanos: um brasileiro de São Paulo, um argentino de Buenos Aires e o abaixo-assinado, nordestino do Ceará.

– Sciòpero de trem amanhã?

– Os jornais estão falando...

– É... também o rádio anunciou qualquer coisa neste sentido. Caramba! Mas, esperemos que para o norte tenhamos sorte. A coisa não deve ser geral.

Uma noite mal dormida, aquela de 2 para 3 de julho, na intranqüilidade e incerteza do horário do dia seguinte. Amanheceu a 5ª feira, dia 3... Deveríamos partir da “Stazioni Termini” às 8:10 da manhã. Sempre ouvi falar que na dúvida é melhor parar e esperar, mas desta vez... avançamos e aventuramos ir até a Estação. Por sorte aquele trem partiu no horário previsto e assim iniciamos a viagem com destino à Inglaterra onde deveríamos fazer um curso de língua. Mas, vamos devagar... apreciando com calma. Embora estejamos no Velho Mundo, tudo é novo ou novidade para os nossos olhos curiosos!

Neste primeiro dia fizemos apenas 450km até Verona, no Norte da Itália, apreciando a paisagem típica da “Verde Úmbria”, continuada pela bela Toscana, Emília-Romagna e Vêneto, tudo ilu-

minado naquele dia de sol. Aí já tivemos uma vasta visão dos Apeninos - cadeia de montanhas que se estende ao longo de toda extensão da Península Itálica na direção meridional até a ponta extrema da Calabria.

Firenze (em português, Florença) foi a primeira grande cidade por onde passamos. Circundada de colinas floridas no vale do Arno; a “divina Firenze” assume em si todas as formas de beleza.

Em seguida, Bologna, capital da Emilia, cidade de aspecto multiforme. Uma floresta de torres e campanários. Os italianos a têm como o “santuário da bela cozinha”. Apreciei a majestosa Estação Central, uma harmonia de beleza e grandiosidade, destruída poucos dias depois, pela ação extremista dos militantes do NAR (Núcleos Armados Revolucionários) com uma poderosa carga de dinamite eliminando a vida de 84 pessoas e deixando mais de 200 feridos.

No meio da tarde alcançamos Verona, a simpática cidade, tida como a mais bela da arte Vêneta, depois de Veneza. Cortada pelo poético rio Ádige, que desenha um enorme “esse” com dezenas de pontes históricas. Verona, no seu conjunto, é um cenário de colinas cobertas de ciprestes; entremeada de jardins cheios de encantos e belezas, como é o caso da Praça Brá, no coração da cidade.

Hóspedes da comunidade salesiana da Casa Insuperiorial, ficamos ali durante dez dias prestando alguns serviços e nas oportunidades conhecendo várias belezas da cidade e da região circunvizinha. Naqueles dias visitamos o Lago de Garda, o maior lago da Itália, com 52km de comprimento, 18 de largura e uma profundidade que atinge até 340m em certas partes. Um belíssimo volume de águas azuis, que assume o aspecto de um mar interno. É considerado o mais harmonioso dos lagos italianos. Uma esplêndida vegetação o circunda, como: os renomados vinhedos de Bardolino (onde temos uma casa salesiana); cedros, palmeiras, laranjais, oliveiras, etc. É o lago muitas vezes e de muitos modos cantado pelos poetas latinos: Catulo, Vergílio, Plínio... e até mesmo Goethe e Barrès arrancaram bonitos e imortais versos daquelas águas cantantes e inspiradoras da poesia.

Em Verona, ao visitar a velha casa de Romeu e Julieta, recordei o imortal Shakespeare, no seu romance tragi-heróico de um amor contrastado de dois adolescentes que pertenciam a duas famí-

lias rivais. O cenário é ainda muito vivo e palpante: a varanda do matrimônio secreto, a janela do adeus, o lugar do suicídio de Romeu e mais tarde Julieta, etc...

Estivemos no Anfiteatro da Arena, um dos mais vastos do mundo romano, construído no final do século 1º, caracterizado pela predominância de blocos de mármore róseo e branco. Ali assistimos, no dia 9 de julho, a famosa ópera lírica, AÍDA, de Carmen de Bizet. Um espetáculo que reuniu cerca de 40.000 espectadores, naquela noite fria de Verona..

Verona das belas igrejas, como: São Zeno, Santa Anastásia, São Firmo, São Jorge, todas originais e pinturescas, falando com o seu estilo próprio e característico de um passado histórico que os séculos não conseguiram destruir.

OBRA DE VALLARSA

A convite do Sr. Vice-Inspetor daquela Província de “San Zeno”, fomos passar 4 dias nas montanhas, numa localidade chamada Obra de Vallarsa, vizinha a Trento.

A 950mts de altitude, cujo acesso é feito por estradas sinuosíssimas, está o “Soggiorno Salesiano” (casa de repouso). Dias gostosos aqueles, na convivência de uma Colônia de Férias com outros quatro salesianos e 37 jovens. Apesar de estarmos no verão, o frio era ainda muito intenso e a neve em blocos eternos, se fazia presente nos “sovacos” das montanhas vizinhas. Aproveitei para pisar na neve, pois “no Ceará não tem disso não”. O panorama de Vallarsa é de uma beleza invejável. Particularmente gostava de apreciar o contraste curioso do amanhecer naquela vastidão do vale silencioso, entre duas cadeias de montanhas, palco sangrento de inúmeros episódios da IIª guerra mundial. Olhando aquela gigantesca garganta, ao albor do dia, agradava-me ver as trevas cedendo à luz e a luz vencendo as trevas; os montes saudando o sol e o sol beijando os montes...

PÁDUA E VENEZA

Ainda hóspedes da Comunidade Salesiana de Verona, fomos um dia conhecer duas cidades importantes, vizinhas ao mar Adriático.

Pádua a cidade de Santo Antônio, é um notável centro cultural e artístico, situada na extremidade oriental da planície paduana. Ali nasceu no ano 59 a.C. o poeta e historiador, Tito Lívio. Ali morreu em 1231 Santo Antônio, que embora tenha nascido em Lisboa, é conhecido como de Pádua.

Famosa pela sua Universidade fundada em 1222, Pádua hospedou figuras insígnas como Dante e Petrarca.

Dentre os seus famosos monumentos, merecem destaque o Palácio da Justiça e a Basílica de Santo Antônio, na qual tivemos a honra de concelebrar a MISSA, no altar onde repousam os restos mortais do Santo taumaturgo.

A visita à cidade foi rápida e rumamos em seguida para Veneza, 80 km adiante, a cidade fascinante entre céu e água qual Vênus emergente do meio das ondas espumantes.

Veneza, capital da província, berço natal de imortais figuras da humanidade, especialmente homens que chegaram ao sólio pontifício, como: Gregório XII, Eugênio IV, Paulo II, Alexandre VIII, Clemente XIII.

A singularidade de Veneza está na sua própria situação geográfica. Surge sobre um arquipélago de pequenas ilhas no meio das águas da laguna Vêneta. A atmosfera luminosa que a envolve; a fantástica beleza dos monumentos marmóreos a espalhar-se nas águas; a riqueza do patrimônio artístico, a fazem cidade singular no mundo. Daí a razão de ser um ponto dentre os mais famosos do turismo internacional.

A Basílica de São Marcos, um monumento da arquitetura romântico-bizantino, guarda o corpo do Evangelista São Marcos transportado, segundo a história, de Alexandria do Egito, em 828. Conjuntamente à Basílica está a Praça São Marcos, considerada a mais bela do mundo. Realmente é uma coisa! Lembra um imenso salão de mármore onde regurgita a vida veneziana. Milhares de pombos e pardais se misturam aos turistas, animando com seus vôos e proporcionando assim um ambiente de paz e alegria.

MILÃO E BRÉSCIA

Estas foram outras duas cidades anotadas no meu diário de viagem. Estive em Milão no dia 08 de julho. Situada no coração da Lombardia, constitui a metrópole da Itália Meridional. Ponto de encontro das mais importantes vias de comunicações italianas.

Cidade de aspecto moderno, não obstante os séculos de história. É depois de Roma, o centro mais populoso e de maior peso moral, político e cultural da vida italiana.

Não a conheci bem devido a exiguidade do tempo. Ficamos ali apenas um dia. A meta principal foi a catedral, um complexo conjunto da arquitetura gótica, cuja grandiosidade ressalta melhor se vista à distância. Foi o que fiz, olhando-a do final da praça da frente. Mas, insatisfeito com a visão externa, penetrei-me no interior daqueles espaços subdivididos em cinco naves, separadas por colossais pilastras e pouco a pouco fui admirando a arte escondida na penumbra colorida dos vitrais, naquela atmosfera de mística solenidade, até descobrir o sarcófago do arcebispo Ariberto e a dourada urna onde descansa o corpo de São Carlos Borromeu, arcebispo daquela cidade e morto em 1584. Em seguida comprei um bilhete e subi, a pé, os 500 degraus que dão acesso aos terraços das torres. A visão foi muito agradável. Uma floresta fantasmagórica de estátuas, pináculos, obeliscos pontiagudos, circundando a gente... além do vasto panorama da cidade e as planícies lombardas até o horizonte além, onde se divisa o azul esbranquiçado dos Alpes.

Voltando para dormir em Verona, passamos naquela mesma tarde em Bréscia. Uma parada breve mas de valor. O interesse principal era conhecer, embora rapidamente, a cidade natal do Papa Paulo VI. Situada aos pés dos Prealpes lombardos, a cidade é um jardim, sorridente, cheia de interessantes monumentos do Renascimento: palácios, igrejas e fontes. Aliás um poeta a chamou de “Cidade das belas fontes”.

Da estação, enquanto esperávamos o trem, escrevi e remeti alguns postais-lembranças para os familiares e amigos do Brasil.

DEIXANDO A ITÁLIA

Domingo, 13 de julho, às 7:30' estávamos na pedra da Estação de Verona, com as malas, aguardando o trem que vinha de Roma com destino a Munique. Eis que surge o monstro puxado pela locomotiva de prefixo 1308. Acomodamo-nos num vagão de 2ª classe e reiniciamos viagem... Poucos minutos depois Verona era uma pequena mancha azul-cinza no horizonte atrás. A medida que aquela poderosa máquina arrastava seus 15 vagões, ziguezagueando, entre vales e montes enfeitados de plantações de uvas, íamos ganhando altura e a sensação do clima frio dos Alpes era uma constante. Ladeando a estrada, além das montanhas ainda com a presença de neve nas suas gargantas, eram muito apreciados aos nossos olhos os velhos castelos medievais, documentando a história de uma civilização passada, cheia de curiosidades mil.

Aqui uma cidade, ali um povoado, além outros e outras mais. E assim passamos por Trento, aos pés dos “Dolomiti”, cidade, cujo nome recorda o famoso 19º Concílio Ecumênico da Igreja, ali celebrado de 1545 a 1563, sob a orientação sábia de Paulo III e em seguida Júlio III, fiel batalhador contra as teorias luteranas.

Bolzano, moderna cidade do Alto-A'dge, ponto de encontro da população de língua italiana e tedesca. Berço natal do conhecido “Apóstolo da Fé” do Nordeste brasileiro, Frei Damiano de Bolzano... Mais adiante Brénnero, a 1375 mts. de altitude, nos confins da Áustria. Importante passagem de comunicação com os países germânicos. Localidade muito procurada pelos amantes dos esportes inverniais.

E assim entramos na Áustria, que pertence aos países germânicos. A travessia do território austríaco foi rápida. Entramos pelo “beco estreito”. Recordo apenas duas cidades mais importantes: Innsbruck e Kufstein. Por mais esforço que fizesse para gozar da nova paisagem, agora dominada por uma extensa planície de verdes prados, não conseguia, pois caí no sono, tão grande era o cansaço. Era o meio daquela tarde do domingo... Tinha consciência de estar viajando a mais de 140 km/horário.

Nós nos avizinávamos cada vez mais da divisa alemã. De repente alguém falou: “estamos à margem do Rio Danúbio...” Rio

que corta as florestas onde a vida selvagem é abundante e corre para a parte leste da Áustria, fazendo um percurso de 643km., banhando Viena com suas águas azuis. Veio-me à memória a melodia da valsa “Danúbio azul”. E meio adormecido pareceu-me sonhar dançando a dita valsa... Mas, coisa nenhuma! Era o ritmo do nosso trem cadenciando àquela velocidade de que falamos há pouco.

ALEMANHA

Entramos finalmente na República Federal da Alemanha. Era já o cair da tarde. Entramos por uma das quatro zonas geográficas conhecida como a região de montanhas e planaltos ao sul, onde a Floresta Negra e os montes Odenwal gradativamente se transformam nos Alpes Bávaros que formam as fronteiras com a Suíça e a Áustria. Dizem que ali, durante o inverno, a temperatura vai até 30° C abaixo de zero e a neve pode atingir uma altura de 1.80m em alguns lugares, de janeiro a fevereiro. Felizmente era julho. Mesmo assim o frio se fez sentir ainda bastante forte e dosado por um vento cortante que penetrava até a medula dos ossos. As árvores, tais como o carvalho, a faia, os pinheiros e lariços, muito abundantes nas baixadas arenosas, começavam a perder suas folhas, numa obediência incontestável ao outono. À medida que avançávamos, gozando da paisagem de “um novo mundo”, na realidade de um Velho Continente, admirávamos os campos, tecnicamente cultivados, predominando o trigo, a aveia e a cevada, da qual se produz a cerveja alemã.

Passamos por diversas cidades, umas menores, outras de maior porte. Todas trampolim para a grande MUNIQUE (em alemão, München), hoje com seus dois milhões de habitantes.

Em Munique, capital da Baviera, nossa primeira parada em território alemão. Deixamos o trem e uma hora, depois apanhávamos outro para a vizinha Benedikbeuern, onde está um teologado salesiano. Ficamos, ali, hóspedes por três dias daquela comunidade, especialmente recebidos e conduzidos pelo Pe. Horácio Lona, um argentino radicado naquele Instituto desde 1974. Foi quem nos levou para várias partes, proporcionando-nos conhecer muitas coisas fantásticas e várias cidadezinhas jardins, como aquelas inesquecíveis, Mittenwald,

Herzogstand, Walchenser Berge, etc. Todas próximas à fronteira da Áustria.

Deixando esta parte da Alemanha, continuamos nossa viagem de Munique a Colônia (Kóln); Foram 600 Km. Atravessando a zona conhecida como o Vale Heróico do Reno. Região povoadíssima e ricamente cultivada. Passamos por Augsburg, Nurnberg, Wurzburg, Frankfurt, Wiesbaden. Kóblenz, Bonn (que é capital) e finalmente Colônia. Durante os últimos 300 Km. desta jornada, nossa vista descansava sobre as águas barrentas do rio Reno lambendo as margens. Era um dia de cheia! Mesmo assim fervilhando de embarcações de todos os portes.

Em Colônia, dois dias. Hóspedes da Comunidade Salesiana que nos acolheu fraternalmente. A cidade é mimosa e acolhedora. A famosa catedral é sem duvida a jóia prima da Alemanha Ocidental. Domina o estilo gótico rebuscado. Duas suntuosas torres pontiagudas apontam para o céu, num gesto, ao mesmo tempo grandioso e suave, de quem está motivando o homem a desapegar-se das coisas puramente terrenas e olhar também para o alto. O seu interior acolhe ricos tesouros, como o dos "Três Reis Magos do Oriente", ao lado do altar-mor. Ali está também o corpo de Santo Alberto Magno, "Doutor da Igreja" e filósofo que viveu de 1206 a 1280.

Subi parte dos 510 degraus, para tocar com as mãos o maior sino do mundo, pesando 25 toneladas. Desci e passei parte do tempo no interior daquele sagrado Templo "ensimesmando-me" com aquela belíssima harmonia de pedra e vitrais, estátuas e capitéis e recordei a descrição do templo de Salomão, no I Livro dos Reis, capítulo 8º, quando diz: "... quando algum estrangeiro vier de algum país distante... fazer oração neste lugar, Tu ouvirás do céu, do firmamento da tua morada, e farás tudo o que o estrangeiro te pedir..." (cf. vv. 41 - 43).

Vizinha à catedral está uma das artérias mais movimentadas de Colônia, onde transitam 25 mil turistas diariamente, enamorando o abundante estoque de souvenir e bijouterie... No meio daquela "feira" comprei laranjas para saboreá-las no trem, viajando para Bélgica...

BRUXELAS (Bélgica)

Foi a nossa próxima meta. Um dia de viagem, partindo de Colônia, com o intervalo de duas horas na cidade de Aachen, nas proximidades da divisa de Alemanha-Bélgica-Holanda. Daquela cidade fronteira expedi postais de saudações para pessoas amigas e familiares, como, sempre vinha fazendo aqui, ali; acolá, por onde ia parando. Na Bélgica tivemos pequenas paradas nas cidades de Liége, Louvain, Namur e Bruxelas onde paramos por dois dias. Tive pouca sorte. Fiquei praticamente no quarto, durante aquelas 48 horas, curtindo um forte resfriado. Enquanto isso os outros dois colegas passeavam, mesmo contra o vento, o frio e a chuva...

OOSTENDE - CANAL DA MANCHA - LONDRES

Domingo - 20 de julho - cedinho, deixávamos Bruxelas viajando duas horas de trem até Oostende e daí um traghetto (navio) para atravessarmos o Canal... O trecho talvez mais poético de toda a viagem. Depois de 35 horas de trem, agora um navio, lotado de turistas. A um certo ponto só água e céu e um bando de gaivotas que acompanhava o singlar da embarcação, fazendo de vez em quando piruetas no ar e descendo vertiginosamente até as águas, aventurando captar qualquer fragmento ou peixe entre as espumas brancas da esteira deixada pelo navio.

Além, muito além, onde o céu parecia tocar as águas, um leve sinal de terra. Era a costa inglesa que se tornava agora mais próxima. Enfim, uma cidade. Era Dover... Desembarque, alfândega, visto de passaporte, mais um trem e uma hora depois estávamos em LONDRES, na Vitória Station.

As primeiras dificuldades com o novo idioma foi contrarmos um hotel para passarmos a noite. Enquanto um optou ficar cuidando das malas na Estação, os outros dois fomos procurar uma hospedaria. Esta sim, aquela não, uma aqui, outra acolá, até que resolvemos falar com um porteiro. Era um gorduchão de 50 anos, mais

ou menos, falando um inglês muito embrulhado, devido um derrame sofrido, que o deixara com a boca totalmente de um dos lados da cara. Resultado: nem nos entendia, nem nos fazia entendê-lo. Foi uma luta. A custo de gestos e mímicas compreendemos que devíamos pagar por aquela noite, 6 pounds cada um, incluindo o breakfast (café...). Aceitamos e tentamos dizer um “Very Well” mas saiu foi um “all right”. Fomos pegar as malas, dormimos e no dia seguinte aproveitamos para conhecer um pouco o centro da grande metrópole, antes de partirmos para Wincanton, ponto de apoio das nossas férias e local do curso de inglês.

WINCANTON

Naquela pequena cidade de 3.000 habitantes, uma fábrica, duas igrejas, um hospital e um pequeno comércio, situada no Somerset, a 200 Km. de Londres, botamos abaixo nossas malas para a temporada de um mês e poucos dias. Finalidade: freqüentar o Course Summer School of English, ministrado pelos Frades Carmelitas, radicados há muitos anos naquela cidade. No antigo mosteiro St. Luke’s Priory, convivemos 27 estudantes de várias nacionalidades, dedicando todo o tempo ao aprendizado da língua inglesa, falada hoje em todos recantos do mundo... Foi um curso muito válido e de bom proveito!

Fizeram partes integrantes do curso três excursões programadas com metas à WALES (País de Gales), OXFORD e LONDRES. Em todas as três acompanhavam famílias, com as quais exercitávamos o nosso inglês aprendido nas salas de aulas do Mosteiro. No final de 35 dias recebemos o Diploma certificando uma participação com “good result in a final revisional examination”. Deixamos a “Little town” e começamos o caminho de volta.

RETORNO

Desde pequeno que conheço aquele ditado: Todos os caminhos vão à Roma”. Precisava agora tirar a dúvida. Ao voltarmos da

Inglaterra, escolhemos fazer um outro percurso, vir pela França. A coisa deu certo. Tiramos a “prova dos nove”.

O dia da viagem coincidiu com aqueles dias de greves dos pescadores franceses; portanto, um não funcionamento dos barcos de passageiros naquela travessia normal do Canal da Mancha: Dover - Calais. Tivemos que ir de Folkestone a Oostende, outra vez Bruxelas, para chegarmos a Paris. Um aumento na quilometragem e consequentemente um furo no bolso. Paramos à noite em Bruxelas e escolhemos um hotelzinho dos mais baratos. Até ratos nos fizeram companhia naquele “petit chambre” onde dormimos os três (agora tb.o Mário, um mexicano. Negrotti desde a Inglaterra tomara outro rumo). De certo modo foi providencial aquela parada, pois só assim conheci Bruxelas, já que na primeira passagem a gripe não me deixara. Aproveitamos bem a parte da manhã vendo o que de melhor a capital dos flamengos oferece aos visitantes. A catedral é uma obra de arte; o Grand’Place com o conjunto “Drapeaux des Corporations” é um recanto curioso! Mas, quem passa por Bruxelas não pode deixar de ver o símbolo original da cidade: “O molequinho mijão” de cima de uma coluna, sempre em atividade.

Depois que almoçamos um galeto com pão e coca-cola tomamos o trem das 14:00h. até Paris.

Permanecemos em PARIS durante 4 dias.

Servida pelo sistema de metrô, Paris, é depois de Nova York, a cidade que possui a mais extensa linha de metrô, do mundo, com cerca de 350 Km. Foi usando desse meio de rápido deslocamento que conhecemos as mais importantes maravilhas dessa moderna metrópole da Europa Ocidental.

Já do alto da Torre Eiffel, 320 mts. de altura, experimentei a visão geral, donde se pode apreciar até 70 Km. de cidade que se perde no horizonte, entre os meandros do Rio Sena, que descendo do Maçico Central para o Canal da Mancha passa por ali imprimindo uma nota de indescritível beleza.

Visitei a Catedral NOTRE-DAME, a maravilha das maravilhas de Paris, com sua grandiosidade artística e suas particularidades escondidas aos olhos menos atentos dos turistas amantes das generalidades.

Visitamos a graciosa colina do Sacré Coeur de Mont-martre e sua grandiosa Basílica, donde se aprecia uma vista panorâmica semelhante àquela de “La Tour Eiffel”.

Muito nos interessou a visão de conjunto da exterioridade do Museu de Louvre, já que uma visita ao seu interior requer no mínimo dois dias de acurada atenção; Outras visitas relâmpagos escolhemos como meta: O Teatro da Ópera a Praça da Concórdia; onde se encontra o obelisco de Louqsor: o Arco do Triunfo e Caroussel; os “Champs-Élysées” com a maior avenida do mundo, cuja visão noturna lembra um apocalíptico mar de luz.

Na igreja de S. Genoveva visitei o túmulo de René Descartes (1596-1650), o filósofo das Meditações Metafísicas, que chegou à conclusão de que “o ato de pensar é a única coisa que exclui a dúvida, pois mesmo para duvidar que se pensa é preciso pensar”, daí o famoso: “Cógito, ergo sum” (eu penso, logo existo).

LOURDES

Paris me fez pensar. Foi pensando na sofisticada Paris que viajei mais 850 km. no 5º dia que estava na França, até Lourdes.

Com a carta geográfica nas mãos, percebia claramente a diagonal que a gente estava fazendo no território francês. Desde a cadeia das Ardenas, no norte, até os Pirineus, no sul junto à fronteira espanhola - 1200 km. em linha reta.

Cidades de destaques desse novo trecho foram: Orleans, Blois, Tours, Poitiers, Augoulême, Bordeaux, Dax e a risonha Lourdes, a uma altitude de 400 mts. escondida num mar de verdes cipresses, apoiada sobre os primeiros contrafortes pirinaicos. Banhada pelas águas rumorejantes do Rio Gave, que desce dos montes Gavarnies serpenteando pela cidade regurgitante de peregrinos e turistas.

Lourdes tem sua história que já atravessou os séculos. Mas, a história mais edificante é aquela marcada pela aparição miraculosa de Nossa Senhora à menina Bernadette Soubirous ao meio dia de 11 de fevereiro de 1858. Era uma quinta-feira. A família não tinha lenha para preparar o almoço. Bernadette saiu com sua irmãzinha Toinette e Jeanne, sua amiga, a procurar gravetos, do outro lado do rio... En-

quanto tirava os sapatos para atravessar as águas, Bernadette vê uma Senhora vestida de branco junto à gruta de Marsabielle... Dialogam... e o fenômeno foi repetido 17 vezes, até o dia 16 de julho daquele ano. Na penúltima vez a Senhora declarou para a pequena Bernadette: EU SOU A IMACULADA CONCEIÇÃO”.

Conta-se que Bernadette (hoje Santa Bernadette), tocou o chão com um graveto e naquele local brotou uma fonte, a qual é visitada por todos os peregrinos, que sedentos a procuram para beber e levar consigo um pouco daquela água miraculosa.

As estatísticas falam que mais de 3 milhões e meio de peregrinos visitam Lourdes, cada ano.

Lourdes é um misto de beleza e de fé. É o lugar dos encontros, que significa para cada cristão renovar a própria fé, para um doente esperar a saúde ou revestir-se de coragem, para um coração aflito dar uma razão a esperança.

É impressionante ver durante todo o dia pessoas que ficam horas a fio genuflexas diante da imagem da Virgem na gruta, recitando o têrço; outras que fazem o caminho da Via Crucis; outras que escolhem ficar rezando na Basílica do Rosário à espera da hora da grande procissão luminosa, ao cair da tarde, onde milhares de vozes repetem o tradicional hino de louvor mariano: “AVE, AVE, AVE MARIA...”

“Deixando Lourdes na manhã de 30/08 (sábado), apanhamos o trem, via Toulouse, Montpellier, Nimes, Arles... até Marseille, onde pernoitamos e seguimos no domingo, por Toulon, Cannes, Nice, o Principado de Mônaco até Ventimiglia, na fronteira italiana. Aqui, ali, acolá íamos parando, uma ou duas horas, às vezes até mais. Dependia do horário do próximo trem mais favorável. Com este jogo conhecemos um pouco da famosa “CÔTE D’AZUR” e “Alpes Marítimos”, deslumbrando paisagens que nos ofereciam inúmeras atrações, como as praias de Cannes, Nice e Mônaco, de modo especial... Aquele dia foi uma jornada colorida. Se o céu era azul, o mar ainda mais.

À noite partimos de Ventimiglia, por San Remo, Gênova, La Spezia, Livorno, Grosseto, Civitavechia até Roma.

Foi uma noite de tresvario. O cansaço do dia e da longa viagem implorava ao corpo um pouco de repouso. Mas, o cubículo do

vagão, no qual nos acomodamos, estava lotado. E acima de tudo estava ao meu lado, um árabe, espantosamente gordo, que valia por três, puxando especiais roncões, pouco se incomodando com o balanço cadenciado do trem. A noite foi longa...

Finalmente, Roma... e logo mais estávamos na paz do UPS. Eram 8:00hs. do dia 1º de setembro. Fomos uns dos primeiros a retornar.

Jogando de lado o cansaço nos sentíamos felizes por que tudo corresse bem.

Rezei um TE DEUM e comecei a ler a correspondência acumulada, durante os 60 dias que passei fora da “Cidade Eterna”!

Roma, 19 de setembro de 1980

3

PEREIRO DA MINHA INFÂNCIA... HOMENAGEM AO DIA DA ÁRVORE

Hoje, 21 de setembro, recordei o “Dia da árvore” com uma saudade muito particular do meu velho amigo de infância, o “pé-de-pereiro” do terreiro lá da casa.

Não sei quando nasceu aquela saudosa árvore, cuja recordação, veio pipocar hoje muito nítida na minha fantasia. Sei que data do século passado, pois minha mãe contava que meu avô dizia, que no longínquo 1894 um temporal quase o arrebentou com um fulminante raio. O certo é que ainda hoje o “pereiro” amigo, dos velhos tempos, continua embelezando o recanto encantador da meia-colina, onde descansa o velho casarão que me viu nascer. Ali está o “pé-de-pereiro” com suas raízes cravadas naquele chão duro e rochoso, coberto por uma leve capa de terra misturada com estrumes de animais.

Lembro-me que seu nodoso tronco nos dá a idéia de três brotos distintos, unidos em estreito amplexo formando um único e vultoso tronco, já meio carcomido, pela ação do tempo e que sustenta uma frondosa copa, onde os passarinhos buscam abrigo e as abelhas pesquisam o néctar das flores, numa sinfonia muito agradável, na época da “primavera”.

Recordo-te , velha árvore branquinha de flores, exalando aquele indizível perfume para a janela do meu quarto, nas noites cálidas de novembro, quando a brisa nos visitava espalhando no céu enluarado os fragmentos de nuvens

Recordo-te com saudade dos tempos de menino quando brincava sobre os teus galhos, improvisando girais de pedaços de tábuas, para sentar-me e feliz da vida chupar cana-piojota que trazia do baixio da gangorra... Mas, o gostoso da estória era soltar o bagaço sobre a cabeça de alguns transeuntes distraídos que por ali passavam. O velho Antônio Bezerra que o diga!

Dentre tantas recordações, lembro-me que um dia de outono, entre os teus galhos verdes, um pequeno patativa libertava lindos trinados daquele seu peitinho “metálico”, saudando a natureza alegre e festiva. Enquanto isto, eis que me aproximo pé-ante-pé, com minha baladeira nas mãos, famosa pelo número de “caças” registrado no cabo... o alvejei e o resultado foi fatal... o bichinho cortou a nota pelo

meio, veio ao chão, tentou voar, não pôde... bateu as asinhas, abriu o bico, morreu. Prazer pouco edificante de quando a gente era criança. Mais tarde, lendo São Francisco de Assis, senti repugnância daquela minha peraltice!

Pereiro saudoso, eu te recordo neste “dia da árvore”, com um misto de respeito e nostalgia. Sob a tua sombra acolhedora e benfazeja fiz “descansar”, se é que assim posso dizer, o meu cavalo-de-pau e o carrinho de brinquedo, nos tempos dos verdes anos. Anos que não voltam mais! Depois, tantas vezes amarrei o poldro castanho, meu animal de estimação. Mais tarde também foste sombra para o carro do meu uso, quando, nas férias de natal ou páscoa ia visitar os meus familiares.

Ah, sombra inesquecível do meu “pereiro” amigo! Lugar dos encontros, lugar dos “bons-dias”, “boas-tardes” e do “como-vai-passando” entre aqueles que passavam e os que estavam sentados no alpendre do velho lar. Era também o lugar do meu bate-papo matutino com o papai e os meninos nas minhas recentes férias, enquanto aguardávamos o café... Não raramente a gente passeando por ali, descuidava-se e terminava pisando numa coisa mole e quente que as vacas haviam deixado durante a noite. Fazia parte do quadro!

Velho amigo de minha infância, talvez ainda hoje se encontre no teu descascado tronco as iniciais do meu nome, “V. P. S.” gravadas a canivete. É que a gente era mesmo amigo um do outro. Hoje eu gravaria as mesmas letras ao contrário, “S.P.V.” sabes por quê? Querendo significar a minha admiração com uma frase: Salve Pereiro Vitorioso! Sim tu és um vitorioso diante das provas e ameaças pelas quais já passaste. Recordas da sorte das catingueiras, angicos e aroeiras feridas, aí na tua cara, pelo machado inclemente dos devotos de São João e São Pedro, ardendo-se em grandes fogueiras, ao teu lado? Cenas muitas vezes repetidas nas noites de São João, no meio da algazarra e folguedos da meninada soltando bombas e balões! E tu aí vitorioso e firme, silencioso e nobre, talvez a nos ensinar qualquer lição!

Um poeta conterrâneo arrancou bonitos versos das cordas mágicas da sua viola, arrematando com o “mote”: Pau pereiro cai a casca / Mas a folha não cai não!” Não só poesia, mas verdade.

Símbolo da resistência, como o mandacaru do sertão, e também da perseverança, não obstante as intempéries e ameaças, tu continuas obediente à natureza. E como que sorrindo, em cada “primavera” te revestes de brancas flores num gesto encantador de quem nos ensina que a vida é um misto de dor e de alegria!.

Fortaleza, 21 de setembro de 1983.

4

HOMENAGEM DE CONGRATULAÇÃO A MIGUEL PEREIRA DOS SANTOS, POR OCASIÃO DO SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

Hoje, 13 de março de 1994, não obstante ser o 4º domingo da quaresma, tempo caracterizado pela penitência e o jejum, todavia, é um domingo revestido de alegria.

Até a cor dos paramentos litúrgicos muda, hoje, do roxo severo para a cor-de-rosa, mantendo assim uma antiga tradição cristã de celebrar “cum laetitiae”, isto é, com jubilosa alegria, este domingo especial, no período central da quaresma. Segundo fontes históricas, remonta ao século XVI o costume papal de benzer uma “rosa de ouro” neste dia, provavelmente, para comemorar a vitória da primavera sobre o inverno, ocasião em que se costumava colher flores para presentear as pessoas importantes e sobretudo à divindade!!

Pois bem, se no passado histórico do povo de Deus havia esta motivação de alegria para justificar esta “DOMINICA LAETARAE” (domingo de alegria), hoje, também, na nossa tradicional família Pereira, existe um motivo exultante, de explosiva alegria, para todos nós: Neste dia, lá no distante Ceará, comemora-se o aniversário natalício, qual “vitória da primavera sobre o inverno”... do Miguel Pereira, que precisamente, há 69 anos passados, veio à luz deste mundo, naquele distante 13 de março de 1925.

Ao chegar a este mundo, chorou. Mas, depois aprendeu a sorrir. “Quem aprende a sorrir sabe duplicar as capacidades que possui”, diz um provérbio árabe. Durante esta longa estrada, Miguel tem feito a muitos sorrir. Com seu modo de ser e de agir; Com sua maneira amenizadora de encarar a realidade do dia-a-dia, sem se perturbar em demasia. Sem se deixar levar pelas ondas tumultuosas das provações de variadíssimos matizes. “Um coração valoroso está sempre acima das provações e sempre triunfará”.

É isso aí, Miguel! Conte conosco! Nossa oração por você será bem sentida, neste domingo da alegria (13/03), na MISSA das 08:00h, no Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, aqui em Salvador, onde juntos estaremos elevando uma prece especial de Ação de Graças pelo dom da sua vida. Como não podemos estar juntos, aí no Sítio Novo, daqui cantaremos assim:

Parabéns “seu Migué”
Nesta data querida!
Te aplaudimos de pé
Dando um viva, a vida!

Diga “não” ao cansaço
Diga “sim” à alegria...
Daqui vai nosso abraço,
Do tamanho da Bahia!

5

CRÔNICA - EPISTOLAR, EM HOMENAGEM A ISAIAS PEREIRA DOS SANTOS, POR OCASIÃO DOS SEUS SETENTA ANOS DE VIDA!

A Família Pereira comemora neste 31 de outubro, setenta anos de existência de ISAIAS PEREIRA, o terceiro filho de Manoel Pereira dos Santos e Ana Maria da Conceição. O homenageado, nascido em 1923, no antigo “casarão dos Pereira”, em Sítio Novo, neste Município, viveu sua infância, adolescência e juventude, sempre com e ao lado dos seus pais, na companhia dos outros quatorze irmãos, até o dia do enlace matrimonial com a jovem Ernestina Alves, da qual nasceram-lhes quatro filhos, hoje, todos adultos: José, Lucila, Alcir e Marli. Os três primeiros já casados, ornamentam a festa de hoje com uma linda e simbólica coroa de sete netinhos, verdadeiros “xodós” do vovô Isaias e da vovó Ernestina.

Enquanto isso, a caçula Marli estará abraçando o matrimônio, nesta data do septuagésimo aniversário natalício do seu papai, “mestre Zaia”, como fraternalmente o costumamos tratá-lo... À Marli, também, nossos votos de felicitações, paz e alegria!.

Não só na agricultura, mas sobretudo na arte fabril de carpinteiro, o nosso irmão “Zaia” sobressaiu com sublime habilidade; cujos serviços, conhecidos, apreciados, até hoje continua sendo muito procurado, com freqüência... em todo Sítio Novo e adjacências por esses rincões do nosso Município do Barro e até mesmo na capital cearense, onde por várias oportunidades, durante a década de oitenta, prestou os seus serviços, semanas a fio, no Colégio Salesiano de Fortaleza: consertando, recuperando, ou mesmo confeccionando, carteiras, bancas, cadeiras e birôs...

“O sertanejo é antes de tudo um forte”, afirmou o escritor Euclides da Cunha, na sua monumental obra, “Os Sertões” (1902),

Isaias, sertanejo de fibra, homem ponderado no agir, retilíneo na seriedade de seus compromissos, paciente nas “tempestades” que lhe açoitam a vida, sempre se preocupou com a construção da

família, de quem recebe hoje a justa homenagem de gratidão e carinho.

Quem não reconhece seus notáveis exemplos de filho, esposo e pai... irmão e camarada... em todos os níveis e a toda prova?...

Hoje, aposentado pelo Funrural, à proporção que os anos pesam-lhe sobre o corpo, o vemos ainda disposto e feliz, quer na sua humilde carpintaria, quer nos caminhos e veredas que dão acessos aos roçados e capoeiras, quer a caminho da cidade onde vai fazer sua feira, ou ainda, mais à vontade, tocando uma carga d'água no jumentinho manso e brejeiro, do poço do baixio para a sua casa, no alto da meia-colina, cuja vista panorâmica é uma das mais belas do Sítio Novo...

Onde quer que esteja, também no alpendre da sua casa, fumando o seu cigarrinho (de preferência de fumo legítimo...), continua o Isaias, cada vez mais, caracteristicamente, rico de autenticidade, singeleza e brandura. Virtudes, aliás, herdadas do nosso bondoso e inesquecível papai de saudosa memória, que viveu, lindamente, 90 primaveras!

PARABENIZO-TE, meu caro irmão Isaias, nesta data jubilar! E mais uma vez te peço, compreenda-me da impossibilidade de estar presente, neste momento tão rico de significatividade para todos nós, seus irmãos e familiares. No entanto, esteja certo que daqui desta soteropolitana capital da Bahia, terra do Senhor do Bonfim, à sombra do Santuário da Virgem Auxiliadora, estarei rezando com os alunos da 1ª Eucaristia, na festiva celebração da missa, uma prece especial por você, neste 31 de outubro de 1993!

Que o Deus da Paz te conserve com saúde e feliz, “ad multos annos”!

Parabéns!

SALVADOR – BAHIA Outubro de 1993

6

MENSAGEM, POR OCASIÃO DOS 40 ANOS DE VIDA MATRIMONIAL - BODAS DE ESMERALDA - DO CASAL ISAIAS PEREIRA E ERNESTINA ALVES...

Meu irmão!

Minha cunhada!

Um dia, há mais de 40 anos, os olhos de vocês se cruzaram. Nasceu uma admiração recíproca. Desse olhar, dessa admiração desse encontro, surgiu a primeira centelha., raiou a primeira claridade, expandiu-se o calor da simpatia que, se avolumando em brilho e intensidade, foi se cristalizando no AMOR.

Já se confunde na sombra do passado, pela distância do tempo, aquela data memorável de 21 de OUTUBRO DE 1954. Lembrome, eu era pequeno! Aquela quinta-feira amanheceu linda. O sol brilhou sorrindo por trás da serra azul de São Felipe. Um cheiro gostoso de festa partia das panelas da cozinha e da latada de folhas improvisada para a ocasião... No ar o perfume gostoso da flor do pau-pereiro, que naquela época do ano costuma enfeitar com sua brancura os terreiros dos sertões, completava aquele clima festivo!

À sombra das árvores e ao pé da cerca dezenas de cavalos encilhados, exibindo bonitos arreios... No alpendre e na calçada muitos cavalheiros aguardando o momento do toque inicial para o “acompanhamento dos noivos”...

Tomei parte do cortejo, a cavalo, do Sítio Novo à Iara, da Iara ao Sítio Novo, naquela eufórica alegria de acompanhar os noivos na ida, naquela alegre euforia de cortejar o “novo casal” na volta.

Lembro-me que a cerimônia religiosa na igreja, foi revestida de singular beleza. Todos nós, familiares, parentes e amigos exibíamos trajes festivos.

Foi um dia marcante para vocês. Esperado com ansiedade, preparado com carinho; o amor entre vocês dois foi abençoado por Deus e assistido por um grande número de parentes e amigos. Após o consentimento verbal-recíproco de vocês, o sacerdote ao pronunciar

as palavras, “EU VOS DECLARO MARIDO E MULHER...” traçando o sinal da cruz sobre vocês, a bênção do céu cortou os espaços envolvendo suas vidas, assinalando um novo caminho a seguir com suas responsabilidades, suas obrigações, suas consolações variadas, atinentes ao novo estado de vida matrimonial.

A partir dali foi mais um lar surgindo, mais uma família se incorporando ao concerto harmônico do gênero humano. Mais uma célula nova vitalizando o organismo social da humana evolução.

Quarenta anos são passados! Quantos vãos imaginários, quantos castelos encantados se multiplicaram, em construção sucessiva, nesse espaço de tempo, cujos extremos se tocam, se entrelaçam e se irmanam, entre flores e espinhos, entre lágrimas e sorrisos!

1954 - 21 de outubro, uma quinta-feira! 1994 - 21 de outubro, uma sexta-feira! Quarenta anos são passados... Hoje, quero unir a minha prece à de vocês, em regozijo a esta data jubilar, testemunhando a minha solidariedade; quero unir a minha voz a todos aqueles que lhes rodeiam, abraçam, sorriem e cantam assim:

“PARABÉNS PRA VOCÊS!
NESTA DATA FELIZ!

Que Deus os abençoe, os guarde e os faça bem felizes!

Que essas “BODAS DE ESMERALDA” sejam um ensaio geral para as “BODAS DE OURO”, que poderão ser celebradas no próximo 2004!

Assim seja!

Salvador / BA, 21. 10. 94.

7

“FIORETTI”SALESIANO MAIS VALE UM NOVIÇO QUE UMA JACA*

Pereira Filho sempre foi um rapaz zeloso, já como aspirante e ainda mais como noviço. Durante o noviciado resolvera ser um imitador impoluto dos heróis da literatura salesiana, da qual era bravo conhecedor. Queria imitá-los, não só de palavras, mas, de fato

Corriam céleres os primeiros meses daquele ano de 1965, na paz do noviciado de Jaboaão. O Pereira, entre outros propósitos, praticava aquele de inspiração evangélica: “Colligite fragmenta ne pereant” (Recolhei o resto para que não se perca) (Jo 6,12), Sensível àquele imperativo do Mestre, ele dava o exemplo, não deixando nada se perder. Até mesmo os restos de carne, macarrão ou pedaços de frutas, que por acaso algum colega deixava no prato, nosso amigo Pereira consumia tudo, mesmo forçando a natureza...

Numa bela tarde, após um prolongado silêncio ocupado pelo estudo, eis a hora da merenda. Uma grande JACA e nada mais... Metade daquela fruta era até demais para o pequeno grupo de noviços, que assim mesmo deu conta de um pouco mais de uma banda. O encarregado da merenda estava para jogar fora o “resto” que sobrara. Aí foi quando interrompeu o Pereira, com seu refrão: “Não senhor, colligite fragmenta ne pereant...”. Dito isto foi comendo bago após bago até chegar ao fim.

No dia seguinte, a mesma hora, outra jaca semelhante, ostentava seus deliciosos bagos cor de manteiga, desafiando o nosso Pereira. Também ali metade ia sobrar, quando alguém confabulou: _ “Como é, Pereira, você hoje não vai comer o resto da jaca?” E o nosso “herói” meio capiongo e pálido, esfregando as mãos pela barriga e franzindo a testa, relutou decisivo: “Não... é melhor perder uma jaca do que um noviço”.

Carpina - PE

* Este episódio aconteceu no meu noviciado, em 1965...

A montagem do artigo e sua publicação datam de novembro de 1982. Foi publicado na Revista “CENTENÁRIO EM FOCO”, Nº 05, pág. 46-47. Essa revista foi criada com o fim de divulgar, em circulação interna (no Brasil) em âmbito da Família Salesiana, os acontecimentos e um pouco da história da Obra Salesiana no Brasil, por ocasião do seu centenário (1883-1993). Teve duração de um ano (1992-1993), sob a responsabilidade editorial do Pe. Pedro Falcone - Coordenador do Centenário, morando na época em Niterói - RJ.

8

IARA, CELEIRO DAS VOCAÇÕES!

Com a tinta que se escreve,
a palavra vocação,
Iara foi pincelada,
no céu, na água e no chão,
assinalando seus jovens...
só padres, já temos nove,
agora, com o Padre João!

Isto mesmo! A pequenina Iara, situada no alto sertão do Cariri, tem se revelado nos últimos tempos, como o maior celeiro vocacional do Brasil. Justificando com os fatos: Nestas últimas três décadas, aquele pequeno distrito, que abriga, hoje, uma população estimada em 2.700 habitantes já deu à igreja 9 (nove) sacerdotes. O mais recente é o Padre João Justino, SJC, recém ordenado pela imposição das mãos do Sr. Bispo D. Newton Holanda Gurgel, da Diocese do Crato, no dia 17 de janeiro de 1993. A cerimônia que se revestiu de muita solenidade e beleza, aconteceu na Igreja-Matriz de N. Senhora da Conceição, centro palpitante de fé do povo Iarense.

Naquele domingo (17/01), Iara estava novamente engalanada, qual filha de rei, para recepcionar, festivamente o seu 9º filho sacerdote, como já fizera anteriormente, com os demais filhos da terra, por ocasião das suas ordenações e 1ªs missas: Pe. Pedro, Frei Adelmo, Frei Ademir, Frei Vicente, Pe. Henrique, Pe. Valdemar, Pe. Enoque e Pe. Edilson.

Como se vê, o fenômeno vocacional que nasceu e perdurou na “Boa Esperança” de outrora, terra abençoada pela Virgem da Conceição, continua em crescimento, na Iara hodierna. Hoje com muita felicidade, temos vários seminaristas no caminho do sacerdócio, e as famílias continuam firmemente, conscientes de que a “messe é grande...”, e por isso, generosamente, contribuem ofertando os seus filhos e filhas à Igreja, a fim de que se tornem dignos “operários para a mesma messe...”E o resultado aí está:

Irmãs religiosas
Já se contam de montão
há jovens seminaristas,
marchando pra ordenação,
tem meninas e meninos
pensando nos seus destinos,
meditando a vocação!

O leitor já pensou? Se um agrupamento humano, como este do distrito de Iara, com 2.700 pessoas,⁹ são padres, isto significa que cada grupo de 300 pessoas um padre foi gerado. Ora, imaginemos, agora, nesta ótica de proporções: uma cidade como Salvador, por exemplo, com uma população em torno de dois milhões e setecentos mil habitantes, poderia também ter dado à Igreja nestas últimas três décadas nada menos do que 9.000 (nove mil) padres! Seria um “manchetaço” nas páginas dos jornais!

Termino minhas considerações, diante desse fenômeno vocacional tão fértil, naquela pequena e desconhecida Iara, meditando o seguinte:

A vocação é um dom
da graça celestial.
É brisa, suave e forte,
riqueza espiritual.
O espírito onipotente
Na Iara não sopra vento...
Ali, sopra é vendaval!

Salvador 01/03/93

9

SINGELA BELEZA DO MEU SERTÃO...

Os pássaros, afinando sua orquestra matutina, despertaram-me cedo, naquele domingo - 27 de março - lá no velho Sítio Novo, sertão do Ceará, berço da minha infância. Era pouco mais de quatro e meia da manhã. A noite de repouso na capelinha de Senhora Sant'Ana, fora por demais suficiente para restaurar o cansaço dos 880 km. de estrada, de Salvador até aqueles rincões do extremo-oriental do Cariri.

Pulei da rede, escovei os dentes, peguei o radiozinho de pilha, deixei a capelinha e iniciei um ridente passeio matutino. O crepúsculo esvaecia pouco a pouco. A manhã raiava linda. Uma tênue neblina havia barrufado a vegetação um pouco antes das três. Gotas de orvalho ainda restavam nas folhas que pesavam ligeiramente nos galhos dificultando, de certo modo, o acesso pelas veredas, cada vez mais escassas. Tudo contribuía para um gostoso passeio bucólico!

Protegido por um saco de plástico, o radiozinho estava ligado numa emissora regional. O saudoso Luiz Gonzaga me apresentava com aquela beleza de inspiração que a gente nunca se cansa de ouvir: “... rios correndo, as cachoeiras estão zoando / terra molhada, mata verde, que riqueza!...”

Depois de pular várias cercas, arranhando-me nos arames farpados, subi e desci ladeiras, desafiando a gitirana e a ortiga, os tocos e espinhos, entre escorregos e equilíbrios – pois as sandálias eram incômodas para uma escalada desse tipo – alcancei, enfim, o Riacho Fundo. Alguns poços de águas escuras, pisoteados por animais, davam nítido sinal de que ali bebia o gado, “em solta”, isto é, sem precisar de retornar ao curral durante a noite. Um burro, escondido entre a ramagem verde, soltou um tremendo “zurro”, assustado comigo e assustando-me também. Pois confesso que não o tinha visto.

Segui adiante em direção ao Mocó. O perfume agradável das flores do mofumbo, da unha-de-gato, da jurema, bem como de outras espécies silvestres, proporcionava-me uma sensação boa e um bem-estar indizível. Nenhum vento, nem mesmo uma leve brisa,

soprava, para amenizar um pouco o calor sufocante daquela manhã, inicialmente linda, depois sensivelmente abafada e ameaçadora de chuvas.

Aqui, ali, acolá um passarinho perdido voava espantado de um galho a outro dos marmeleiros, em atitude de reprovação a esta estranha visita ao seu “habitat” natural. O canção, mais afoito, até chegou a fazer estridente barulho. As rolinhas, que preferem o chão das capoeiras ralas, eram também uma presença freqüente, alcançando vôos rasteiros, tímidos e sem rumos.

Numa velha capoeira, no meio do capim-rosado, por um nadinha quase pisei em um ninho com três filhotes de “fogo-pagô”. Foi a sorte e a força do instinto que pouparam a vida daqueles frágeis bichinhos.

Passos e mais passos, fui ganhando distância e me esquecendo que, de um momento para outro, poderia tomar um forte banho de chuva, no meio daquela mata.

Pouco a pouco fui revivendo “marcos geográficos” que me eram muito familiares na fase da meninice, por exemplo: “A pedra lascada”; “A baixa da carnaubinha”; “O lambedor”, com seu velho pé-de-juá; “A pedra-cururu”; “A porteira da braúna”; etc ... Eram pontos de referências apelidados pelos nossos ancestrais, que foram sendo repassados de geração em geração.

Cheguei aos confins do açude de Zé Luiz, nas cabeceiras do Mocó. Fui adiante. À minha direita, nos avanços das terras de herança deixadas pelos nossos pais, embrenhei-me na mata escura. A presença dos cipoais era cada vez mais abundante. Subi uma longa ladeira, alcancei uma chapada. Sempre dentro da mata. De repente, um cheiro forte de raposa, acompanhado de um arrepio simultâneo, indicava-me que por ali passara, recentemente algum destes astutos animais.

Meu companheiro, o radiozinho, informava: “Oito horas e trinta minutos, pela Rádio Boa Esperança”. Estava na chapada do Cipó. Agora, sim, reconheci. Foi o lugar onde derramei muito suor, trabalhando numa roça de seis tarefas, em 1959, último ano de minhas atividades agrícolas, antes de partir para o seminário de Carpina-PE. Lembro: Era a última semana de janeiro, daquele ano promissor de um bom inverno, quando “deixei o meu roçado plantadinho

de feijão”. O milho e o algodão já nascidinhos. A coisa mais linda do mundo! Entreguei tudo ao meu irmão Miguel, para cuidar de “meia”. E assim o resultado da colheita haveria de me ajudar na nova vida de seminário.

Mas, vamos adiante com meus devaneios! O tempo ameaçava fechar. Vai ser chuva na certa! Pensei. Suava bastante. Tive vontade de conversar. Mas, sozinho? Era estranho! Improvisei uma oração e falei com Deus, agradecendo-lhe por esta encantadora natureza, exuberante e bela. Sinal de vida renascida. Esta paisagem, que há cerca de dois meses parecia morta, ressequida, desoladora, hoje, graças ao “milagre” da chuva, o verde da vida empresta um novo colorido transformando-a numa natureza luxuriante e selvagem!

Comecei o retorno, procurando veredas mais facilmente acessíveis. Afinal de contas, já estava com bastante apetite para o café da manhã. Ao chegar em casa, tomei um banho-de-cuia. Merendei e tive toda aquela manhã de descanso. O olhar abelhudo do sobrinho Ricardo era de reprovação e desgosto, porque eu não o havia convidado...

À tarde, na capela da Serrota, celebrei com o Pe. Dão, para uma multidão de fiéis, a Eucaristia do DOMINGO DE RAMOS!

Salvador/BA, 31 de março de 1994

10

CRÔNICA HISTÓRICA: O LAR ANTIGO E SAUDOSO DA MINHA SAUDOSA INFÂNCIA

Eu te vejo, meu velho e querido casarão...

Eu te vejo bastante roído pelo tempo. A tua história ultrapassa um século. Talvez cento e dez, ou mais anos. Nem sei com precisão! Só sei que minha mãe falava, que seu pai dizia que em 1894, aquele antigo pé-de-pereiro, há alguns anos embelezando o terreiro da primitiva casa de taipa, sofrera o embate de uma tempestade acompanhado de um raio fulminante, tripartindo impiedosamente o seu tronco, deixando-o por terra. Foi aí que o vovô VICENTE, juntando os destroços, conseguiu salvá-lo. Prova disso se pode ver ao observar o seu rude e nodoso tronco com a secular marca cicatrizada, graças às mãos criativas e a sensibilidade ecológica do vovô, falecido em 1919.

Da casa, acredito, que primitivamente tenha sido construída a parte central que integra hoje todo o conjunto. Isto é, o vão do mei-

o, vamos identificá-lo assim. Ali moraram meus avós, VICENTE BATISTA DE ARAÚJO e ANA MARIA DA CONCEIÇÃO, de cujo casal nasceram: Mariana (1895) que a conheci como tia “BIÍNTA”; Manoel (1897), esse faleceu ainda muito jovem (+ 1918), e Ana Maria (Donana), que nasceu em 04 de janeiro de 1902. Essa última é MINHA MÃE, da qual falaremos adiante.

Com o crescimento da família, a casa tornou-se pequena, daí a necessidade de também ela crescer. Só então em 1908, foi construído mais um vão, ao lado do nascente. Três compartimentos. Tudo em paredes de taipa, portas e janelas de cedro nativo. Vale notar, antes que me esqueça, no vão que foi construído por primeiro, existe um “brabo”, isto é, uma peça retilínea em puro miolo de angico, pesando cerca de 250 Kg, sustentando o telhado da sala principal. Aquilo nos fala da riqueza vegetal que havia ali nas cercanias do nosso velho casarão.

Quando da época em que foi construído o primitivo vão, talvez nos anos oitenta do século passado, provavelmente não havia nenhuma outra casa ali por perto. A não ser a dos **Alencar**, no Sítio Serrota. As margens do rio Macacos eram ainda muito pouco desbravadas. Meu avô, ainda jovem, na companhia de seus pais, ao voltar de Aracati após a tremenda seca de 1877, foi um dos primeiros desbravadores daquela região à altura do atual Sítio Novo. Assim como os **Pereira** um pouquinho mais abaixo e os **Galdino** no poço da pedra.

As construções que foram surgindo, como a dessa casa em descrição, foram todas chantadas nos lugares mais elevados. Pois, o rio, nas quadras invernosas, costumava transbordar espetacularmente, lambendo os baixios, com a força titânica das águas. Daí a medida da prudência: construir nos lugares altos, nas meias-colinas. Para mim, esta é a razão da presença de altas calçadas separando os alpendres dos terreiros.

A terceira etapa de construção daquela casa, data do ano de 1952. É o vão mais novo, em alvenaria. Trata-se dos três compartimentos ao lado do poente: a sala do Coração de Jesus, os dois quartos dos meninos e das meninas. Lembro-me, ajudei também na realização daquele projeto. Vicente e Lozim, nos seus 22 e 21 anos, respectivamente, foram os heróis na fabricação dos tijolos e telhas. Uns

dezoito mil tijolos e cerca de três mil telhas. Isaías e Miguel se responsabilizaram pelo madeiramento, lavrando linhas e caibros para cobertura, portas, portais e janelas. Certo dia, eu estava raspando, com uma foice amolada um caibro de marmeleiro verde e o gume da foice veio de encontro ao joelho direito, abrindo um corte do qual jorrou muito sangue. Aquela foice já não existe mais. O caibro deve estar ainda sustentando o telhado, e a cicatriz do meu joelho a carregando para o resto da vida.

Todos nós nos sentíamos orgulhosos com o melhoramento da casa. Foi um empreendimento muito bom, que custou muito sacrifício da parte de cada um da família.

No dia 16 de março do ano seguinte (1953), a “Renovação do Sagrado Coração de Jesus” foi oficiada na sala nova. O pão-de-ló com chazinho de folhas de laranjeira foi bem mais gostoso naquele ano. O tio Raimundo que durante o “Ato da consagração da família” enfatizava frase por frase rezou também pelo incentivo das vocações. Naquele mesmo ano eu fiz minha primeira experiência vocacional, passando dois meses interno na Escola Agrícola Salesiana São José, em Juazeiro do Norte. O tio Raimundo foi um dos incentivadores mais fortes.

Daquela casa, meu querido e saudoso lar, recorro com muita emoção a sala de jantar onde nos reuníamos à mesa para as refeições, entremeadas de brincadeiras e briguinhas também. Meu pai tinha sua cadeira cativa, na testa da mesa. Dali nos contava muitas histórias. Seu repertório era rico em episódios referentes ao Pe. Cícero Romão Batista, que por sinal nos revelava ser nosso parente, embora à distância. Minha mãe sempre tinha um cuidado especial em servir o meu pratinho, afinal de contas eu era o seu caçula. Daquela sala e daquela mesa aperreei inúmeras vezes a minha irmã Inês, por causa dos gostosos pães-de-milho que ela fazia. E eu, Zezinho e Belmira que éramos as crianças da casa, não deixávamos os mais velhos em paz, mormente naquelas horas restauradoras das forças, as horas das refeições.

O alpendre com o seu velho banco de pau-d’arco, era outra dependência muito querida de todos nós. Geralmente os vizinhos tios Batista e Zé Bezerra, e outros parentes e amigos nos visitavam à boca da noite. Histórias e recordações, piadas, risadas, brincadeiras, etc; preenchiam espaço e tempo daquela quadra vital da nossa existência.

Quantas vezes, naquela calçada jogávamos baralhos até meia noite ao clarão do luar! Outras vezes, improvisávamos serenatas com violão, pandeiro e cavaquinho. (Aprendi a tocar cavaquinho com o Zé Lopes, um forasteiro do Cariri que passou uma temporada na nossa região).

A outra saudade é a do quarto que eu dormia, desde os 12 aos 19 anos. O quartinho só cabia duas redes. De início eram a minha e a do Lozim. Tendo esse ido embora para o Rio de Janeiro, na Páscoa de 1955, ocupou o seu lugar o Zezinho. À cabeceira da rede tínhamos nosso baú, no qual guardávamos nossas burundangas. Pendurávamos nossas baladeiras e bодоques pelas paredes. Matar passarinhos era nossa diversão predileta.

Despedi-me daquele velho casarão numa manhã de janeiro de 1960. Viajei para o seminário. Era uma manhã de domingo. Céu nublado ameaçando chuva...

Dois anos depois voltei para passar alguns dias de férias. Lembrei-me do poeta que escreveu: “Como a ave que volta ao ninho antigo/ Após um longo e tenebroso inverno/ Eu quis também rever o lar paterno/ O primeiro e virginal abrigo”.

Confesso que trazia a impressão das grandes dimensões arquitetônicas do seminário, enraizada na psicologia da minha adolescência, em desenvolvimento natural, e o impacto foi de que o casarão agora era pequeno, baixo, acachapado. Na realidade eu era que estava crescendo...

Em 1975 (28 de julho), celebrei, como neo-sacerdote, a primeira missa naquela casa. O local escolhido e preparado foi o alpendre dos velhos tempos. Uma grande multidão participou daquele ato litúrgico. Fazia dois dias que eu era padre. Meu Pai estava feliz e acompanhou a celebração, sentadinho numa cadeira ao meu lado. Apesar dos 85 anos via-se a felicidade jorrando dos seus olhos ligeiramente marejados de lágrimas. Como me emocionei ao recordar o desejo de ter ali presente, ao lado do meu pai, a minha saudosa mãe! Mas ela havia falecido há 13 anos passados.

Aquele velho casarão com todos os que nele habitavam, ainda chorava a saudade daquela que fora a “Rainha do nosso Lar”. A estrela que iluminou os destinos de cada um de nós, os seus 15 filhos.

Naquele momento sublime da minha vida, em que eu celebrava pela primeira vez a missa na casa onde nasci, precisamente no alpendre onde brinquei... Olhando o terreiro onde joguei bola-de-meia, onde corri com os meus cavalinhos-de-pau, um pensamento se volta para o alto parecendo-me ver minha mãe a sorrir, dizendo-me: “CORAGEM MEU FILHO, CORAGEM”. ESTOU TE VENDENDO PADRE!!!

Em outras ocasiões, eventos e datas, nos momentos fortes e celebrativos da trajetória histórica da nossa numerosa família, desde os primeiros sinais do êxodo e dispersão dos seus membros a começar pela Crisanta e em seguida o Emídio, no final da década de 40, aquela casa tem sido sempre o ponto de referência dos encontros fraternos, onde se recorda e se revive passados lindos, saudosos e também dolorosos.

Por isso é que intitulei esta crônica com o epíteto: “**O lar antigo e saudoso da minha saudosa infância**”. Com muito respeito e admiração eu torço pela sua conservação, ó meu querido lar de outrora! Você está fotografado em linhas, cores e dimensões, não apenas no álbum das recordações, mas sobretudo no profundo do peito, no íntimo da vida de cada um daqueles que se agasalharam sob a sombra do seu teto.

Finalizando esta crônica, passo a elencar os nomes das pessoas que por algum espaço de tempo de suas existências moraram naquela casa:

1. Vicente Batista de Araújo	* 1864	+ 13.04.1919
2. Ana Maria da Conceição	* 1876	+ 09.09.1908
3. Maria Francisca de Araújo	*	+ 1924(?)
4. Maria Madalena Batista	*	+ 1949(?)
5. Mariana “Tia Biínta”	30.08.1895	+ 09.12.1973
6. Manoel Batista de Araújo	* 1897	+ 1918
7. Ana Maria da Conceição (DONANA)	*04.01.1902	+ 28.02.1962
8. Manoel Pereira dos Santos	*08.06.1890	+ 02.06.1980
9. Expedita Pereira dos Santos	*04.08.1920	
10. Emídio Pereira dos Santos	*23.08.1922	* 06.11.1997
11. Isaiás Pereira dos Santos	*31.10.1923	
12. Miguel Pereira dos Santos	*13.03.1925	+ 02.01.1997

- 13. Crisanta Pereira dos Santos *02.09.1926
- 14. Nazareth Pereira dos Santos *03.12.1927
- 15. Inês Pereira dos Santos *24.04.1929
- 16. Vicente Pereira dos Santos *21.06.1930
- 17. Luiz Pereira dos Santos *16.10.1931
- 18. Beatriz Pereira dos Santos *08.03.1933
- 19. Dionísia Pereira dos Santos *02.09.1934
- 20. Francisca Pereira (Chiquita) *06.01.1937
- 21. José de Araújo (Zezinho) *06.05.1938 +23.02.1998
- 22. Valdemar Pereira dos Santos *19.09.1939
- 23. Belmira Pereira dos Santos *15.05.1942
- 24. Raimundo Medeiros (esposo da Chiquita)
- 25. Normando Medeiros
- 26. Ana Maria Medeiros
- 27. Anair Medeiros
- 28. Aída Medeiros
- 29. Euclides Marcos (esposo da Expedita)
- 30. Deusdete Marcos
- 31. Maria José
- 32. Osenele Marcos
- 33. Hélio Marcos
- 34. Ana Marcos (Anita)
- 35. Bernardete Marcos
- 36. Osmar Marcos

11

CRÔNICA MORTUÁRIA: “DA SOMBRA DA MORTE, PARA A LUZ DA VIDA...”

Mais uma clareira se abre no seio da família Pereira, com o falecimento do EMÍDIO, nesse 06 de fevereiro de 1997. Ele foi o segundo, entre os quinze irmãos, que partiu para a casa do Pai. O primeiro foi o Miguel, em 02 de janeiro deste ano.

Eram 13:15' daquela quinta-feira (06.11), quando a irmã morte, com sua sorradeira naturalidade, visitou a casa nº 33, da Rua: Armando Parente - Bairro Limoeiro, nesta cidade de Juazeiro do Norte. Ela veio apagar a chaminha tremeluzente que ainda restava do facho da vida terrena desse nosso irmão.

EMÍDIO PEREIRA DOS SANTOS 75 Anos ,2 Meses e 14 Dias...

Naquele momento extremo, ao deixar sua esposa Aldecina, sua filha Santa e sua netinha Izabel, pranteadas de dor, sua alma transportada pelos anjos foi para os braços do Bom Pastor, receber o prêmio dos eleitos, no resplendor da Luz Eterna.

Emídio, havia cerca de dois anos, jazia na cama, padecendo o duro “calvário” da doença irreversível, desde o dia em que sofreu aquele derrame que o deixou com o lado esquerdo paralisado.

Em fevereiro deste ano, sua saúde se agravou, seriamente, a ponto de ter sido internado, em caracter de urgência, no Pronto Socorro Municipal desta cidade. Os médicos chegaram à conclusão que deviam amputar a perna esquerda. Era uma tentativa de debelar a gangrena, que rapidamente estendia-se tornozelo à cima. Após uns quatro dias de espera, no meio do penoso sofrimento, nova decisão médica: “O paciente não tem condições de superar a cirurgia...” Corria risco de vida. E fomos aconselhados a retirá-lo do hospital, “para morrer em casa “, já que segundo a previsão do médico acompanhante, teria no máximo “oito dias de vida...”

De acordo com os familiares e o próprio enfermo, ainda lúcido, o Pe. Valdemar Pereira, seu irmão mais novo, administrou-lhe naquela ocasião o Sacramento da Unção dos Enfermos. Emídio recebeu consciente e feliz, não obstante, as dores atrozes que, lentamente, o aniquilavam.

Em casa foi submetido a um forte tratamento, à base de antibióticos, sob os cuidados redobrados da família. O incrível aconteceu. O mau foi debelado. Os ferimentos sarados... E o Emídio conseguiu sobreviver, ainda, cerca de nove meses.

Sua morte, ocorrida na tarde do dia 06 de novembro, abalou toda a família, parentes e amigos espalhados por todos esses rincões do nordeste e até do sul do país. O funeral ocorreu no dia seguinte, na capela de São José, do Sítio Limoeiro, graças à bondade da Irmã Nely. Às 10:00 h, concelebramos a missa de corpo presente: Pe. Valdemar Pereira, Pe. Humberto Vieira de Barros e Pe. James de Lucena Galvão, com a participação de vários parentes e amigos, irmanados no mesmo sentimento de solidariedade fraterna. Às 11:40 h o féretro baixava ao profundo de uma cova no cemitério São João Batista”, nesta cidade.

ALGUNS DADOS DA SUA VIDA

Emídio nasceu no Sítio Novo, região que pertencia ao município de Aurora, hoje município do Barro-CE, no dia 23 de agosto de 1922. Era o segundo dos quinze irmãos, filhos do casal Manoel Pereira dos Santos e Ana Maria da Conceição. Viveu sua infância e sua adolescência trabalhando na agricultura, envolvido no silêncio eloqüente da natureza que emoldura sua e nossa terra natal, tomando banho de cachoeiras e pescando nas águas represadas pela barragem da Gangorra. Gostava muito de festas e brincadeiras. Na fase pré-juvenil da sua vida era muito habilidoso na arte de conquistar amizades. Inteligente, embora, não tenha tido a chance de estudar (além das primeiras séries do curso primário, na escola do saudoso tio João Pereira), Emídio não quis fixar raízes, lá onde nasceu.

Aos 24 anos, deixou sua casa paterna e veio aventurar a vida, buscando um emprego aqui em Juazeiro do Norte. Com uma boa dose de sorte, encontrou trabalho na ourivesaria do “Seu” Zé Tônico,

na praça Padre Cícero e arranjou moradia junto à família dos “Flor”, na antiga rua São João... E assim viveu durante dez anos nesta cidade ciceropolitana.

Tornou-se um exímio artista, na arte de ourives, aprendeu facilmente a transformar o ouro do cadinho em jóias preciosas.

Após aqueles dez anos na cidade, voltou para a agricultura, no seu “velho” Sítio Novo, a terra que lhe viu nascer. Ali viveu com simplicidade, plantando e colhendo durante muitos invernos; conviveu também com as asperezas das secas, desafiando-as com aquela coragem de sertanejo bravo e forte.

Casou-se com Aldecina Fernandes, no início dos anos sessenta e desse único matrimônio nasceram-lhes dois filhos: Francisco e Santa. Aquele, faleceu nos primeiros dias de vida, esta foi criada como filha única, muito querida pelo casal.

JUAZEIRO: “UMA PAIXÃO...”

Juazeiro do Norte foi sempre a cidade querida do Emídio. Após aquela década de experiência vivida ali, no vigor da sua juventude ele não mais a esqueceu. Até o nome era-lhe doce pronunciar! Juazeiro ficou de tal modo impregnada no coração, na mente e nos lábios do Emídio, que ele chegava a suspirar profundo, olhar no infinito e balbuciar “fanaticamente”, para alguém, ou para o além...: “Tenho fé em Deus e em meu ‘Padim Ciço’ que ainda vou morar em Juazeiro...”

O sonho tornou-se realidade. Depois de aposentado pelo FUNRURAL, concretizaram-se os seus desejos. Sentindo-se cansado pelo peso dos anos e as forças diminuindo, para o trabalho da roça, nem sempre compensador, resolveu desfazer-se da sua terrinha, adquirida por herança, sua casa lá no alto da colina, vendendo tudo, para comprar uma casa em Juazeiro.

Aqui veio com a família, para fixar sua nova residência. E ... bye, bye, sertão! Viveu mais outros dez anos na sua Juazeiro querida. Os últimos dois anos ele passou doente. Da cadeira de rodas para a cama e vice-versa.

Aqui morreu e aqui foi sepultado! Dentro do seu ataúde levou um pouco de “Terra de Belém de Judá”, que foi misturar-se à de

Juazeiro. E neste mesmo chão, onde vivera com toda pujança os verdes anos da sua juventude, cheia de sonhos e projetos, jazem agora, seus restos mortais à espera da ressurreição! Já que não nascemos para morrer, mas, morremos para ressuscitar!

Juazeiro do Norte, 06 de dezembro de 1997.

30° DIA DA SUA MORTE



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Mesa Diretora 1999 – 2000

Dep. Wellington Landim
Presidente

Dep. Vasques Landim
1º Vice - Presidente

Dep. José Sarto
2ª Vice - Presidente

Dep. Marcos Cals
1º Secretário

Dep. Carlomano Marques
2º Secretário

Dep. Ilário Marques
3º Secretário

Dep. Domingos Aguiar Filho
4º Secretário

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP**

Presidente

Alberto Texeira

Revisão Técnica

Tereza Porto Sequeira

Coordenação Gráfica

Alexandre Diógenes Machado

Computação Gráfica

José Mário Giffoni Barros

Montagem e Impressão Gráfica

Ricardo Guilherme Beleza

Francisco de Moura Barros

Max Milliam de Castro Neri

Franklin Rubens Eloy de Lima

